

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

EDUCAR-SE ENTRE USUÁRIOS/AS DE CRACK

ROSÂNGELA PEREIRA DE SOUZA

ORIENTADORA: PROFA. DRA. MARIA WALDENEZ DE OLIVEIRA

São Carlos - SP
Fevereiro/2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

EDUCAR-SE ENTRE USUÁRIOS/AS DE CRACK

ROSÂNGELA PEREIRA DE SOUZA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: Práticas Sociais e Processos Educativos.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Waldenez de Oliveira.

São Carlos - SP
Fevereiro/2015

Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da Biblioteca Comunitária UFSCar
Processamento Técnico
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S729e Souza, Rosângela Pereira de
Educar-se entre usuários/as de crack / Rosângela
Pereira de Souza. -- São Carlos : UFSCar, 2016.
131 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de
São Carlos, 2015.

1. Processos educativos. 2. Uso de crack. 3.
Redução de danos. I. Título.

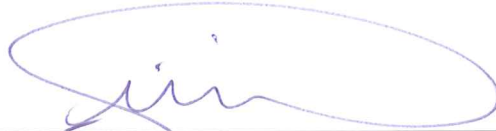


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

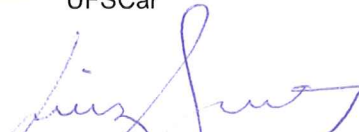
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação

Folha de Aprovação

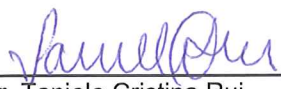
Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Rosângela Pereira de Souza, realizada em 25/02/2015:



Profa. Dra. Maria Waldenez de Oliveira
UFSCar



Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior
UFSCar



Prof. Dr. Taniele Cristina Rui
FESPSP

Dedico este trabalho às mulheres e homens que vivenciam o uso de crack em espaços públicos.

Também dedico ao meu filho, Uirá Mateus, e à minha família.

Esse trabalho foi elaborado com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), tendo como base as discussões e reflexões realizadas no grupo de pesquisa “Práticas Sociais e Processos Educativos” (www.processoseducativos.ufscar.br).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente ao meu filho pelo companheirismo e pela compreensão das ausências necessárias durante o mestrado.

A dedicação da minha família, mesmo à distância, principalmente minha mãe.

Aos amigos/as Natalia, Cacá e Lú, por ter assumido meu filho, meu maior bem, nos momentos necessários desse processo.

A Reijane, amiga e companheira do começo ao fim dessa trajetória.

A minha orientadora, Professora Maria Waldenez de Oliveira, pela dedicação e por ter possibilitado a ampliação dos meus conhecimentos e crescimento enquanto ser humano.

Ao grupo de pesquisa “Práticas Sociais e Processos Educativos” pelas reflexões e amizade.

Aos colegas do mestrado Sara, Djalma, Erivelto, Iraí, Ana Paula, Alessandra, Tiago, Fabiana, Adriana, Regina e Aline pela convivência e apoio em tecer esse trabalho.

Aos membros da banca de qualificação e de defesa, Prof. Luiz Gonçalves Junior e Profa. Taniele Cristina Rui, pelas contribuições acadêmicas.

Ao *Tom da Realidade* e *DeBuenasCrew* em confiarem e permitirem que suas músicas de Rap fizessem parte deste trabalho.

Ao Sr. Aldino pela sua disponibilidade em contribuir nos momentos de dificuldade e por ter me ensinado sobre a simplicidade e generosidade.

As pessoas da Ong CASVI que acreditaram nessa pesquisa e do começo ao fim colaboraram com ela, em especial Anselmo, Genésio, Paula e Wallace.

Às/os companheiras/os da Associação Brasileira de Redutoras e Redutores de Danos (ABORDA) pelas trocas de saberes durante nossa caminhada de militância.

A Denis Petuco, meus irmãos (Claudio e Leandro), Flavia Sant’Ana, Ximboca, Clau Lacerda, Igor Serra, Ana Claudia, Luiz Philipe, Natália Calestine, Thelícia e Valéria que mesmo pontuais foram fundamentais nesse trabalho.

Em especial ao colaborador Preté DuGueto pela confiança e parceria nessa pesquisa. Agradeço imensamente a esse homem pelos ensinamentos que levarei para vida e compartilharei com as demais pessoas na minha trajetória.

À todas as pessoas que de alguma forma contribuíram com este estudo, minha gratidão.

RESUMO

O objetivo do estudo em questão foi o de compreender os processos educativos que se desenvolveram nas relações entre usuários/as de crack, na prática social do uso de crack em espaço público. Parte-se da compreensão do educar-se como uma construção em relações intersubjetivas. O referencial teórico foi baseado na perspectiva da Educação Popular e da Filosofia da Libertação. A metodologia fundamentou-se nos processos de investigação dialógica através da convivência entre pesquisadora e colaboradores/as, apoiando-se na abordagem qualitativa e como instrumentos metodológicos; a observação participante, entrevista e diário de campo. A pesquisa de campo foi conduzida no período de Fevereiro à Agosto de 2014, em local de uso de crack, conhecido como “*Mata do Gueto*”, no município de Piracicaba-SP. A entrevista foi realizada com um colaborador, usuário de crack, que convivia no espaço público em torno de cinco anos. Para análise dos dados foi utilizada a técnica de análise de conteúdo, sendo organizada através de etapas: pré-análise (leituras exaustivas dos dados); exploração do material (elaboração das categorias); tratamento dos resultados obtidos e interpretação dos dados. Deste procedimento emergiram as seguintes categorias: Mata do Gueto; Uso de crack e “Vamos pras ideias e se correr das ideias aí o bicho pega”. Os resultados apontaram que nas relações entre os/as usuários/as de crack se aprende e ensina: Respeito; Boa conduta entre as pessoas da *Mata do Gueto*; Regras; Cuidados; Solução de problemas e Paz. Os processos pelos quais se educam nessas relações são através da: fala/conversa/palavra, expressões, gestos, repetição das ações, gritos, pedido de desculpas e violência. Os/as participantes assinalam que a palavra vale mais que uma atitude de violência, isso quando, argumentada e correspondida entre as pessoas que se convive; segundo eles/as, essa é a melhor forma de ensinar e aprender. Em suma, a pesquisa visa possibilitar o desenvolvimento de estratégias de ações e políticas públicas que incluam a redução de danos e contribuam com as práticas educativas humanizadoras com e entre os/as usuários/as de crack, bem como colaborar com a educação que se dá em espaços não-escolares e escolares.

Palavras Chaves: Processos Educativos. Uso de Crack. Redução de Danos.

ABSTRACT

This research aimed at comprehending the educational processes developed in relations amongst crack users, at social practice of crack use on public spaces. In this context, education is taken as an intersubjective construction. The theoretical reference was based on the perspective of popular education, as well as the liberation philosophy. The methodology was based on dialogical investigation processes, from participative observation, interviews and field journal, through the living together of the other research subjects, supported by a qualitative approach. The field research it was conducted in the period February and August 2014, in a crack use area, know as Mata do Gueto, in Piracicaba-SP. The interview was conducted with a cooperator, crack user who had lived in this public area for a period of five years. In order to analyze the data the content analysis technique has been used, and that was done in steps: pre-analysis (exhaustive reading of data); material exploration (choosing categories of analysis) and treatment of results and data final analysis. This procedure yielded at the following categories: Mata do Gueto; The Crack Use; “Let's go to the ideas, the beast catches, is run”. The results showed that amongst crack users, they learn and teach: respect; good manners among people from Mata do Gueto; rules; caring attitude; problem solving and peace. The processes upon which the education happens in such a context become possible through speeches/dialogues/words, expressions, gestures, repetitive actions, shouting, apologies and violence. The participants say that the word is worth more than violence, as long as there is a dialogue. According to them, that is the most effective way of teaching and learning. In short, this research expects to contribute to the development of actions and public policy strategies, including the Harm Reduction and contribute with the humanized educational practices with and among crack users, as well as collaborate with the education that happens in environments non-school and school.

Keywords: Educational Processes. Crack User. Harm Reduction.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
PRODUÇÕES CIENTÍFICAS SOBRE EDUCAR-SE ENTRE USUÁRIOS DE CRACK.....	18
Capítulo I. CONTEXTUALIZANDO O CRACK.....	29
1.1. Políticas sobre drogas: propostas para um olhar humanizador	33
1.2. Uso do crack e seus desdobramentos	38
Capítulo II. PRÁTICAS SOCIAIS E PROCESSOS EDUCATIVOS	43
2.1. Prática Social - Uso de Crack em Espaço Público	48
Capítulo III. METODOLOGIA	53
3.1. Caminhos percorridos na pesquisa.....	56
3.2. Procedimentos Metodológicos.....	59
3.3. Aproximação aos/as Colaboradores/as da Pesquisa	63
3.4. Inserção	65
3.5. Escolha dos/as Colaboradores/as	66
3.6. Apresentação dos/as colaboradores/as da Pesquisa.....	67
3.7. Convivência	70
3.8. Organização e Análise dos dados.....	72
Capítulo IV. RESULTADOS	75
4.1. Cuidados éticos	75
4.2. Contexto da Pesquisa	79
4.3. Mata do Gueto	86
4.4. Uso de Crack.....	91
4.5. “Vamos pras ideias e se correr das ideias aí o bicho pega ”.....	96
Capítulo V. CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERÊNCIAS	119
APÊNDICE – A. Termo de Consentimento Livre Esclarecido.....	129
APÊNDICE – B. Roteiro de Entrevista	130
ANEXO – A. Parecer do Comitê de Ética	131

INTRODUÇÃO

Vamos precisar de todo mundo
Pra banir do mundo a opressão
Para construir a vida nova
Vamos precisar de muito amor.
O sal da terra – Beto Guedes

Compõem-se nesta introdução as principais motivações para o desenvolvimento deste trabalho, compartilho aqui passo-a-passo desta construção, baseado na minha trajetória pessoal, profissional e acadêmica, estas que auxiliaram no tecer da colcha de retalho, no trabalho em Educação. Tais experiências auxiliaram na compreensão do processo de educar-se, através de uma perspectiva humanizadora, entre usuários de crack, que conviviam em um espaço público. Através desta, buscamos refletir sobre nossas questões, a relevância social, a justificativa e objetivos que pautaram o estudo e os resultados.

Os primeiros registros sobre o uso de crack aparecem na década de 80, nos Estados Unidos da América, principalmente entre pessoas em situação de rua, vivendo em espaços públicos nas regiões centrais. No Brasil, há relatos de consumidores a partir do ano de 87, na cidade de São Paulo. Tais descrições revelam dados sociais e de saúde problemáticos frente ao uso dessa substância (DOMANICO, 2006; BASTOS; BERTONI, 2014).

Os espaços públicos com maior concentração de usuários/as de crack foram, ao longo do tempo, popularmente nomeados pelos meios de comunicação e linguagem popular de *Cracolândias*, principalmente nas grandes capitais do país e os/as usuários/as de crack estigmatizados e desumanizados, sendo denominados de *nóias* em São Paulo, pelos diversos atores envolvidos nestes espaços e conseqüentemente pelo restante da sociedade, e cracudos ou craqueiros no Rio de Janeiro. Diante dessa nova realidade, são inúmeras as tentativas de diversos campos do conhecimento, em proporem ações e diagnósticos sob este contexto (FRÚGOLI JUNIOR; CAVALCANTI, 2013, p.12).

Até o presente, a(s) chamada(s) *cracolândia(s)* mostram, em São Paulo e no Rio de Janeiro, territorialidades em forte relação com áreas urbanas onde predominam as camadas populares, embora na primeira metrópole se trate principalmente de bairros situados na área central, dotada de uma razoável infraestrutura urbana, porém diversificada, enquanto na segunda são basicamente áreas contíguas a favelas, marcadas por maior precariedade em termos de equipamentos urbanos, ainda que com graus distintos de consolidação. Isto exige que a abordagem tanto etnográfica quanto analítica seja capaz de lidar com espacialidades múltiplas e ancoradas em distintas tradições de estudo.

O uso de crack considerado como prática social desta pesquisa, enfatiza o indivíduo envolvido neste processo, como ser humano, que no uso de drogas em espaços públicos, ensina e aprende sua história de vida, visão de mundo e experiências. Mesmo com todas as consequências negativas sociais, financeiras, familiares e de saúde, na convivência entre eles e com as demais pessoas, existem processos educativos que constroem saberes e possibilitam a vivência e sobrevivência deste grupo numa sociedade que os marginaliza, reprime e desumaniza. Sendo assim, foi construída a seguinte questão, que processos educativos são desenvolvidos por usuários/as de crack em espaço público?

Desta forma, a pesquisa teve como objetivo, compreender os processos educativos que se desenvolvem nas relações entre usuários/as de crack em espaço público, especificamente, na *Mata do Gueto*, localizada no município de Piracicaba, interior de São Paulo.

Propõem-se a discorrer sobre minha trajetória de vida, na qual aponto experiências que conduziram e motivaram a realização desta pesquisa. São indagações e reflexões que contribuíram com a escolha dos/as colaboradores/as, construção do tema da pesquisa e a inserção no mestrado em educação na Linha de Pesquisa *Práticas Sociais e Processos Educativos*.

Vivenciei minha infância e adolescência em um bairro de periferia no município de Americana, interior de São Paulo, com meus pais, migrantes de Pernambuco, e três irmãos. Neste período aprendi com meus genitores como é possível viver com poucos recursos financeiros e também a importância da convivência comunitária, que compartilhávamos com amigas/os, vizinhas/os e parentes como em festas, férias, datas comemorativas, dificuldades financeiras, alegrias, tristezas e o dia a dia.

Meu pai, hoje aposentado, teve como profissão encanador, tendo trabalhado parte da vida em regime jurídico da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) em empresas que prestavam serviços para indústrias, principalmente de papel e pneus. Minha mãe dedicou parte de sua vida às tarefas da casa e à família. Ambos não concluíram o ensino fundamental. Eu e meus irmãos terminamos o ensino médio em escola pública, sendo eu a única ingressante na universidade.

Com minha mãe aprendi o afeto e a generosidade e, com meu pai, o respeito ao trabalho e principalmente ao papel social atribuído ao homem e a mulher em nossa sociedade, sobre o que, posteriormente, com outras experiências, fui construindo senso crítico. Ademais, com ele aprendi a relevância da família, ainda que por meio de uma educação com pouco diálogo e regras rígidas que, quando não cumpridas, acarretavam em castigos.

No bairro onde morava iniciei a convivência com usuários/as de drogas¹. Eram pessoas que também moravam no mesmo local. Estas lembranças ficaram marcadas, principalmente em dois momentos da minha vida, na adolescência² e na juventude³. Períodos, estes, distintos em relação aos meus valores culturais e conhecimentos adquiridos sobre drogas.

Na adolescência, com o uso de drogas ilícitas por um familiar, meu olhar se pautava em preconceito, desconhecimento e estereótipos reproduzidos por valores morais, construídos através de relações com a família, pessoas do bairro, da escola e da Igreja Católica. Sendo estas influências presentes em minha vida, neste período, minha visão sobre o assunto era baseada em pouco conhecimento.

Como consequência, quando uma pessoa fazia uso de drogas e se envolvia com homicídio, suicídio, evasão escolar, abandono do lar, eu acreditava que se justificavam suas atitudes apenas pelo uso de drogas ou mesmo achava que estas tinham que ser isoladas do nosso convívio por fazer algo errado e ruim. Não conseguia enxergar o sujeito e todas suas questões históricas, sociais, psicológicas, biológicas e a importância de oferecer amor e atenção, independentemente da escolha pelo uso de drogas. Neste período, estas influências e julgamentos morais contribuíram apenas para que eu e minha família afastássemos esse familiar ao invés de acolhê-lo e tentarmos resolver, juntos, a situação.

Na juventude, em que outra pessoa de minha convivência iniciou suas experiências com uso de drogas⁴, eu já tinha vivenciado outras relações pessoais, profissionais e em instituições de ensino. Não convivia mais com meus pais, morava em Piracicaba, São Paulo, devido a graduação em Psicologia que cursava, além de ter experimentado algumas substâncias. Todas essas vivências fizeram parte do meu processo de aprendizado e mudança, tendo condições de fazer uma leitura mais crítica da sociedade e principalmente do uso de

¹ Os aprendizados que eu tinha sobre o assunto, neste período, foram adquiridos através de conversas com pessoas de minha convivência; colegas, professores, familiares, sendo na rua, na escola, na igreja e em casa. Se restringindo as seguintes substâncias: maconha, cocaína e dois medicamentos (benflogin e rompamol). O álcool eu ainda não considerava droga lícita, iniciei o uso moderado, na adolescência.

² Adolescência são pessoas entre doze e dezoito anos de idade (BRASIL, 1990).

³ Juventude são pessoas entre quinze e vinte e nove anos de idade (BRASIL, 2013).

⁴ Neste período meu aprendizado sobre o assunto ocorreu de várias maneiras: pela experimentação de algumas drogas (maconha, cocaína inalada e LSD), com algumas pessoas que faziam parte da minha convivência; leituras, discussões, adquiridos em momentos de lazer, na universidade, no trabalho, em eventos, em espaços de militância ou em casa, sendo com colegas, usuários/as de drogas (espaços de uso ou tratamento) e professores da área. Meu repertório e conhecimento, sobre alguns tipos de drogas, se ampliou, variando entre as substâncias depressoras, estimulantes e perturbadoras.

drogas lícitas e ilícitas (trarei os conceitos posteriormente), contribuindo então com a construção e desconstrução dos meus valores culturais, permitindo ter um olhar mais humanizado e acolhedor para estes familiares e demais pessoas.

Durante a graduação tive vivências diversas, entre elas, estágio extracurricular em Centros Comunitários no município de Americana, realizado com crianças e adolescentes em comunidades de periferia. Em uma delas eu residia e desenvolvia, com outros estagiários, atividades culturais, esportivas e de lazer. Nestes espaços comecei a perceber a necessidade dos trabalhos educativos fora da escola e o quanto é possível ensinar e aprender valores, limites, convivência em grupo e afeto. Aprendi nesse estágio que alguns desses sujeitos tinham o direito ao lazer, que era negligenciado pelo Poder Público, além do preconceito da sociedade por morarem na periferia. Todo esse processo contribuiu para minha formação como educadora social.

Nos anos de 2001 e 2002, já no final da graduação, realizei estágio na área da Psicologia Social, na Universidade Metodista de Piracicaba, desenvolvido em uma instituição do município, pertencente à prefeitura, que trabalhava com crianças e adolescentes em situação de rua. Este estágio possibilitou minha contratação de 2002 até 2004 como “educadora de rua”, iniciando então, meu contato profissional com usuários/as de drogas, principalmente crack. Neste período, obtive mais aprendizagem como educadora social e compreensões de alguns motivos que contribuíam para a migração e permanência da maioria das crianças e adolescentes em situação de rua, entre eles preconceito da sociedade, violência na família, ausência de equipamentos de esporte, cultura e lazer nos seus bairros de origem e o uso de várias drogas, entre elas, inalantes (solventes), bebida alcoólica, maconha e crack, como prática da maioria dessas pessoas.

A psicologia social foi-me apresentada desde o início da graduação. Encontrei na disciplina, e posteriormente nas práticas, a possibilidade de contribuir com os grupos que são marginalizados pela sociedade, pois desde aquele período não aceitava a maioria das pessoas terem seus direitos negados, como à alimentação, moradia, ir e vir, educação, entre outros, e as relações serem pautadas em visões de mundo em ter, e não ser (lógica do capitalismo). As vivências com comunidades e população de rua foram tecendo a minha trajetória, definindo minhas atuações e escolhas profissionais de militância. A partir daí, assumi um compromisso social, principalmente com estas pessoas que citei acima.

Na área da psicologia aprendi que as pessoas são influenciadas pelo contexto histórico da sociedade em que estão inseridas, desde o nascimento, quando lhes são atribuídos papéis

sociais, iniciando pela família. Esta área tem a preocupação de conhecer o indivíduo que faz parte desse processo, contribuindo ou não com a transformação do seu grupo social. “A Psicologia Social estuda a relação essencial entre o indivíduo e a sociedade, entendida historicamente desde como seus membros se organizam para garantir sua sobrevivência até seus costumes, valores e instituições necessárias para a continuidade da sociedade” (LANE, 1981, p.10).

Em 2004, deixei o trabalho de educadora de rua e iniciei como redutora de danos⁵ no projeto *Educar* (nome fictício) em uma Organização Não-Governamental (ONG) do município de Piracicaba-SP que trabalha com usuários/as de drogas, mais especificamente álcool, crack e cocaína. As atividades são realizadas principalmente em casas, bares, terrenos, ruas, tendo como objetivo ações humanizadas em prevenção às Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs), Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), Hepatites Virais e Direitos Humanos⁶. Entre 2006 e 2013 fui coordenadora deste projeto.

Das pessoas que compartilhava o cotidiano do meu trabalho, várias eram usuárias/os de drogas e faziam uso principalmente de álcool e crack em espaços públicos. Nessas experiências junto a ONG fui percebendo que através de conversas individuais e em grupos o respeito e companheirismo eram aprendidos e ensinados entre seus iguais e com as pessoas que estabeleciam vínculos. Também se aprendia e ensinava a necessidade de violência física ou psicológica, sendo na maioria das vezes, estratégias de sobrevivência, na situação de rua. Estes aprendizados se davam em locais como ruas da região central, nas periferias da cidade, em espaços de tratamento (Ambulatório de Álcool e outras Drogas), através de experiências diárias, histórias contadas por elas, observações de falas, gestos e situações ocorridas. No mesmo período em que atuei na ONG, fui conselheira do Conselho Municipal de Álcool e outras Drogas (COMAD) e a partir de 2011, mobilizadora da Associação Brasileira de Redutores de Danos (ABORDA), sendo uma das representantes do Estado de São Paulo, nessa Associação.

⁵ A Redução de Danos (RD) constitui uma estratégia de abordagem dos problemas com as drogas, que não parte do princípio que deve haver imediata e obrigatória extinção do uso de drogas, seja no âmbito da sociedade, seja no caso de cada indivíduo, mas que formula práticas que diminuem os danos para aqueles que usam drogas e para os grupos sociais com que convivem (CRUZ, 2010, p.139).

⁶ [...] um conjunto de princípios e de direitos que juntos representam a defesa e a promoção da vida digna para a pessoa. Isso implica considerar a universalidade do ser humano e também as especificidades de cada pessoa, ou seja, a prática dos direitos humanos deve considerar que o direito à vida digna é um princípio que rege todas as políticas públicas diante da especificidade de cada grupo e de cada segmento social (OLIVEIRA, M., 2014, p.48).

Ao longo dos oito anos atuando junto ao Conselho Municipal de Álcool e outras Drogas, percebi que a maior dificuldade enfrentada, por este órgão que deveria ser o espaço legítimo para propor e reivindicar as políticas públicas sobre drogas, era a falta de representatividade dos/as próprios/as usuários/as de drogas. Isto se deve a algumas questões, entre elas a falta de divulgação destes espaços e horários das reuniões; indisponibilidade dos demais conselheiros em reconhecerem tal parcela da população como sujeitos de direitos e principais representantes, sendo os mais indicados a proporem políticas públicas e contribuírem para a transformação da própria realidade. As discussões sobre as políticas pautavam-se mais na repressão e no tratamento. Tendo a abstinência como objetivo, desconsiderada a escolha do indivíduo, desviando, então o foco para as políticas proibicionistas não considerando a Redução de Danos como estratégia de atuação.

Nas experiências como educadora de rua, conselheira municipal sobre álcool e outras drogas, redutora de danos e militante, aprendi que a participação nesses espaços pode contribuir de alguma maneira, com o exercício da cidadania e com uma prática efetiva para a transformação da realidade. Tais vivências passaram a fazer parte da minha trajetória como um ideal político pela melhoria de vida das pessoas marginalizadas. Diante disso, passei a militar com essas pessoas (usuárias de drogas, população de rua, profissionais do sexo, lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais -LGBT).

Aprendi que a redução de danos é realizada pelo diálogo entre as pessoas, respeitando o indivíduo e suas escolhas, que tem um olhar realista sobre as drogas, que contribui com a saúde, a dignidade e os direitos humanos, assim como com o fortalecimento da sociedade.). Através da redução de danos aprendi que esta prática é realizada pelo diálogo entre as pessoas, respeitando o indivíduo e suas escolhas; tem um olhar realista sobre as drogas; contribui com a saúde, a dignidade e os direitos humanos, assim como com o fortalecimento da sociedade. De acordo com Freire (1987, p.79) “[...] A conquista implícita no diálogo é a do mundo pelos sujeitos dialógicos, não a de um pelo outro. Conquista do mundo para a libertação dos homens”. As ações vivenciadas com usuários/as de drogas, principalmente de crack, e no controle social para as políticas de drogas produziram indagações e inquietações em relação às que diferenciam das políticas proibicionistas. Neste caso, pretendemos enfatizar a educação problematizadora e como alguns dos princípios para esta pesquisa temos a horizontalidade, a dialogicidade e o respeito às pessoas envolvidas nos processos educativos.

O projeto político para contribuir com a melhoria de vida das pessoas marginalizadas pela sociedade me forneceu o propósito necessário para realizar a pós-graduação, inclusive

por acreditar que a universidade pode ser um espaço de militância, que pode vir a contribuir com o desenvolvimento da sociedade. Coloco, como exemplo, a participação da mesma⁷ na mudança da Lei sobre Drogas n. 11.343/06⁸. A academia também pode acrescentar à minha formação, através da docência, pesquisa e as experiências adquiridas anteriormente, a possibilidade de colaborar com o desenvolvimento de outras/os profissionais. Assim como, considero que os resultados dessa pesquisa podem contribuir com a educação humanizadora escolar e não escolar, e com a construção de políticas públicas e direitos humanos dos/as usuários/as de crack.

O meu compromisso social, através da pós-graduação diferencia-se do levantamento desenvolvido por Gamboa (2007) em programas de pós-graduação em educação no Brasil. O autor analisou o referencial teórico dominante e as articulações políticas e institucionais nas pesquisas. Constatando que um número considerado de pesquisadores/as tinha como interesse apenas a titulação, dificultando assim a ampliação da pesquisa e sua relação com a inovação educativa.

[...] a partir dos anos oitenta, alguns estudos têm identificado problemas, tais como: o “formalismo acadêmico”, que alterou as motivações dos pesquisadores, pois seu interesse maior não é produzir novos conhecimentos e sim cumprir os requisitos para a obtenção de título de progressões nas carreiras profissionais [...] (GAMBOA, 2007, p.47).

Com a escolha de realizar o mestrado em Educação, encontrei a Linha de Pesquisa em Práticas Sociais e Processos Educativos que estuda, principalmente em ambientes não escolares, com as pessoas, suas práticas sociais e os processos educativos por elas desencadeados. Priorizando a investigação com grupos marginalizados pela sociedade, valorizando sua cultura e dialogando seu saber com o da academia.

O referencial teórico foi desenvolvido a partir da Educação Popular e da Filosofia da Libertação. Metodologicamente a pesquisa funda-se em processos de investigação levados a cabo de maneira dialógica e humanizante. Encontrei nesta Linha de Pesquisa, minhas

⁷ Devido à intersetorialidade do tema, o processo de realinhamento da Política Nacional de Drogas – PNAD – (Lei sobre Drogas n. 11.343/06) contou com representantes do governo federal, dos governos estaduais, municipais e do Distrito Federal, da comunidade científica, das organizações não-governamentais, dos educadores, das lideranças comunitárias, dos profissionais da área da saúde e assistência e da segurança pública e justiça (DUARTE, 2010, p.221).

⁸ LEI Nº 11.343, DE 23 DE AGOSTO DE 2006. Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas – Sisnad; prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas; define crimes e dá outras providências (NICASTRI, 2010, 28).

motivações para continuar a construir juntamente com as pessoas, o projeto político que se pretende democrático e emancipatório.

As atividades desenvolvidas durante o mestrado, através de leituras dos textos, disciplinas, reflexões, grupos de estudos, trocas de saberes entre professores e alunos e diálogos com a orientadora contribuíram com meu processo educativo e sua construção (destaco os seguintes pontos como os que marcaram minhas reflexões nessa construção: pesquisa dos processos educativos e práticas sociais, colonialidade, conscientização, diálogo, educação humanizadora, libertação, formação humana, educação popular e horizontalidade) da definição do tema desse estudo e fundamentação da metodologia.

No primeiro ano do mestrado cursei a disciplina *Práticas Sociais e Processos Educativos I*, nas quais realizei a inserção, junto às/aos educadoras/es sociais do projeto *Educar*, no local desta pesquisa, *Mata do Gueto*. Essa experiência foi essencial para a compreensão de *estar com* as pessoas na pesquisa, tanto para ter mais clareza dos processos educativos, quanto para colaborar com a mudança da realidade dos/as usuários/as de crack. De acordo com Oliveira et al. (2014) nas pesquisas dos processos educativos em práticas sociais é fundamental a participação da/o pesquisadora/o por meio da convivência e envolvimento com os grupos marginalizados, pois só assim é possível compreender suas experiências e contribuir junto com eles na luta por uma sociedade mais justa. Acolhimento, cuidado, diálogo, história de vida dos indivíduos, foram elementos dos processos educativos, discutidos e mencionados na disciplina que contribuíram para a definição do projeto de pesquisa.

No mestrado envolvi-me com o grupo de trabalho sobre Práticas Populares de Saúde, que tem como objetivo principal valorizar o saber popular na contribuição para a saúde e aproximá-lo do saber acadêmico. Esse grupo possibilitou ampliar meu olhar sobre o indivíduo, incluindo a espiritualidade como prática comum e necessária para a saúde das pessoas, junto com as questões biológicas, psicológicas e sociais. Além disso, levou-me a compreender o saber popular como parte da educação e essencial para a história e cultura dos indivíduos na sociedade.

Ao mesmo tempo em que socialmente a educação, um domínio da cultura entre outros, é condição da permanente recriação da própria cultura, individualmente a educação, uma relação de saber entre trocas de pessoas, é condição da criação da própria pessoa. Aprender significa tornar-se uma pessoa, ou seja, realizar em cada experiência humana individual a passagem da natureza à cultura (BRANDÃO, 1985, p.18).

Esta rede de aprendizagem com todas as colaborações colocadas acima foi se tecendo desde o meu reconhecimento de ser latino-americana, além de mais inquietações do repensar a ética da pesquisadora, que para contribuir para um projeto libertador da sociedade precisa *estar com* as pessoas possibilitando a desconstrução do eurocentrismo que faz parte da colonialidade da América Latina. Para esta mudança conjuntural é necessário que cada pessoa tenha consciência de sua existência, enquanto sujeito de direitos e da sua relação com o mundo e a partir disso construir junto com seu grupo, a proposta de um projeto de vida emancipatório, cooperando com a transformação da realidade em que está inserida (DUSSEL, 2005).

Este estudo foi organizado da seguinte forma: a Introdução, que aqui se apresenta; Produções Científicas sobre Educar-se entre Usuários de Crack; Contextualizando o Crack; Práticas Sociais e Processos Educativos; Metodologia; Resultados; Considerações Finais e Referências. Nas Produções Científicas sobre Educar-se entre Usuários de Crack apresento alguns estudos relacionados à pesquisa, além da relevância acadêmica. No capítulo Contextualizando o Crack discorro as compreensões sobre o contexto do uso de drogas, seus desdobramentos e conseqüentemente a relevância social desta pesquisa. Já no capítulo Práticas Sociais e Processos Educativos trago os conceitos de educação, assim como a prática social do uso de crack em espaços públicos. Na metodologia, exponho o referencial teórico-metodológico da pesquisa e os procedimentos empregados no estudo bem como os caminhos percorridos para escolha dos sujeitos que se fundam em processos de investigação dialógica a partir da convivência entre pesquisadora e colaboradores da pesquisa. Neste mesmo capítulo apresentarei os momentos de aproximação, inserção, convivência e coleta dos dados. Após o supracitado exibo os cuidados éticos, contexto da pesquisa, discussão dos resultados, ponderando a organização e análise dos dados e, a partir de categorias, apresento as interpretações dos dados encontrados na pesquisa. Ao final do trabalho, trago as considerações e as referências utilizadas para construção do mesmo.

Exibirei a seguir, algumas reflexões sobre a relevância acadêmica. A fim de melhor delinear o propósito desta pesquisa, enfatizo que o presente estudo busca contribuir para a produção de conhecimento na área da Educação, sobre o uso de crack em espaços públicos, além disso, cooperar com o conhecimento efetivo sobre as/os usuários/as de crack, oferecendo aporte para o subsídio de políticas públicas para essa parcela da população.

PRODUÇÕES CIENTÍFICAS SOBRE EDUCAR-SE ENTRE USUÁRIOS DE CRACK

Com a finalidade de conhecer a produção acadêmica sobre o uso de crack em espaços públicos na área da Educação foi feito levantamento bibliográfico em bancos digitais (idiomas em português e espanhol). Dos documentos da Scientific Electronic Library Online (SCIELO), foram selecionados os artigos publicados entre 2009 e 2013 e, na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD, as teses e dissertações defendidas entre 2005 e 2013. Como descritores temos processos educativos, uso de crack, crack⁹ e redução de danos.

As etapas de levantamento nos artigos, dissertações e teses, foram as seguintes: 1º) escolha dos descritores; 2º) seleção por meio da leitura dos títulos, que tinham relação ou se aproximavam com o tema da pesquisa; 3º) seleção por meio da leitura dos resumos, cujos títulos tiveram aproximação com o tema da pesquisa; 4º) leitura e análise dos artigos na íntegra.

Na SCIELO foram encontradas 32 produções: 4 sobre processos educativos; 12 tratavam o uso de crack; 6 ao estudo do crack; e 8 enfatizavam a redução de danos. Foram selecionadas 25 publicações: 4 relacionadas aos processos educativos; 11 ao uso de crack e 8 sobre redução de danos.

Na BDTD foram encontradas 49 dissertações e teses: 32 sobre processos educativos; 1 sobre problemas relacionados ao uso de crack; 8 sobre o crack e 4 discutiam a redução de danos. Foram selecionadas 14 publicações: 3 estudavam os processos educativos; 1 consistia sobre o uso de crack; 6 sobre o crack; 4 com enfoque na redução de danos.

Dos artigos selecionados na SCIELO sobre processos educativos, 2 são da área da saúde, 1 das ciências sociais e 1 da área de educação. Dois destes descreveram trabalhos com profissionais de saúde (SILVA; DIAS; RODRIGUES, 2009 e BORNSTEIN; DAVID; ARAÚJO, 2010); um com seguidores da religião do Santo Daime (ALBUQUERQUE, 2012) e um sobre a compreensão da etnomotricidade, manifestações culturais como jogos, lutas, danças, festas, cantos e contos de uma comunidade caiçara (GONÇALVES JUNIOR et al., 2012).

⁹ Procurei antes por usuário de crack e não foi encontrado produções com esse descritor.

Albuquerque (2012) destaca que as pesquisas, no âmbito da educação, precisam ampliar a compreensão a respeito do saber, que as práticas sociais do cotidiano trazem. Tal saber tem o mesmo valor do conhecimento adquirido, em espaços formais de educação. A autora conclui argumentando que é necessária a discussão e crítica do saber da sociedade ocidental, pois está pautada no conhecimento de matriz eurocêntrica, desrespeitando e desconsiderando o saber popular.

Silva, Dias e Rodrigues (2009) apontam em sua pesquisa, que na Estratégia Saúde da Família¹⁰ os profissionais de saúde, diante de dificuldades na comunidade, com modelos educativos que desconsideram o saber da população, buscam novas formas de fazer saúde, através da dialogicidade.

Bornstein, David e Araujo (2010, p.93) utilizam a educação popular e a saúde como metodologia de trabalho, com agentes comunitários de saúde, pois defendem que: “[...] os processos educativos participativos ampliam o compartilhamento de saberes e a capacidade de analisar criticamente as múltiplas relações entre os problemas de saúde e os contextos de vida local e global [...]”.

Gonçalves Junior et al. (2012) fomentam a compreensão sobre as práticas sociais e processos educativos pertinentes à uma comunidade caiçara, na qual as pessoas se relacionam compartilhando seus conhecimentos e experiências sobre suas tradições e através do diálogo e convivência entre pesquisadores e comunidade, permitiu um melhor conhecimento do contexto.

Tal situación fue variando en la medida que se fueron construyendo relaciones de confianza entre la comunidad y los investigadores, posibilitando y generando otras acciones, a saber: disposición para conversar sobre sus juegos, danzas, fiestas, cantos y cuentos [...] (GONÇALVES JUNIOR, et al., 2012, p.264)

Todos os artigos em questão relacionam-se com a proposta desta pesquisa, enfatizando o respeito ao saber popular, o diálogo e o compartilhamento do conhecimento, ferramentas que contribuem com os processos educativos.

¹⁰ Prestar, na unidade de saúde e no domicílio, assistência integral, contínua, com resolubilidade e boa qualidade às necessidades de saúde da população adscrita; Intervir sobre os fatores de risco aos quais a população está exposta; Eleger a família e o seu espaço social como núcleo básico de abordagem no atendimento à saúde; Humanizar as práticas de saúde através do estabelecimento de um vínculo entre os profissionais de saúde e a população; Proporcionar o estabelecimento de parcerias através do desenvolvimento de ações intersectoriais; Contribuir para a democratização do conhecimento do processo saúde/doença, da organização dos serviços e da produção social da saúde; Fazer com que a saúde seja reconhecida como um direito de cidadania e, portanto, expressão da qualidade de vida; Estimular a organização da comunidade para o efetivo exercício do controle social (BRASIL, 1997, p.10).

Os artigos selecionados na SCIELO sobre uso de crack fazem parte das seguintes áreas da saúde: 3 da Enfermagem (REIS; MOREIRA, 2013; GABATZ et al., 2013; SELEGUINI et al., 2011); 1 da Psicologia (MEDEIROS et al., 2013; 3 da Saúde Pública (RAUPP; ADORNO, 2011; JORGE et al., 2013; CHAVES et al., 2011) e 1 da Saúde Mental (RUIZ CONTRERAS et al., 2010). E da área de Ciências Sociais: são 3 da Antropologia (FRÚGOLI JÚNIOR; SPAGGIARI, 2011; GOMES; ADORNO, 2011; CASTILLA; OLSEN; EPELE, 2012). Destes nenhum contempla a área da Educação, mas acrescentam no debate sobre o tema da pesquisa.

Dos locais realizadas as pesquisas: 3 foram no Centro de Atenção Psicossocial – Álcool e outras Drogas (CAPS-AD); 4 em clínica psiquiátrica; 1 em comunidade terapêutica; 2 em bairros periféricos; 1 em organização não-governamental; 1 em barracão de reciclagem; 2 foram levantamentos documentais e 3 ocorreram em locais de uso de crack, encontrados em espaços públicos da região central da cidade de São Paulo, esse se assemelhando com a pesquisa proposta, diferenciando-se apenas por tratar-se do interior do estado de São Paulo.

Sobre as pesquisas e seus colaboradores: 5 foram feitas com familiares; 1 com profissionais de saúde; 1 com ex-usuários/as de crack e 8 com usuários/as de crack. Destaca-se que a maioria dos trabalhos selecionados, assim como no meu, os/as colaboradores/as são os/as próprios/as usuários/as como protagonistas de suas histórias.

Dentre os principais objetivos trabalhados nessas produções, se destacam: a dificuldade na convivência familiar com usuário/a de crack, mesmo que haja afeto nestas relações; necessidade das intervenções de saúde nas cenas de uso; fissura¹¹; formas de obtenção do crack; características dos locais públicos de uso de crack; percepção dos/as usuários/as de crack em relação ao uso e ao tratamento; fatores sociais, psicológicos e genéticos que contribuem com a dependência de drogas; as trajetórias nos espaços públicos de uso de crack, conhecidos como *Cracolândias* de São Paulo; cuidado com usuários/as de crack. Porém em nenhuma das produções destacadas, enfatizou-se os processos educativos entre os/as usuários/as de crack.

Jorge et al. (2013) em sua pesquisa, destacam a importância dos profissionais de saúde se aproximarem dos locais de uso de crack, para identificarem e intervirem nos aspectos de saúde. Gabatz et al. (2013) afirmam que ter melhor entendimento, a respeito do/a usuário/a de crack sobre seu uso e tratamento, possibilita um melhor conhecimento sobre si mesmo.

¹¹ “[...] vontade incontrolável de sentir os efeitos de ‘prazer’ que a droga provoca” (CEBRID, s/d, p.37)

Tais autores consideram que as ações deveriam ser focadas na redução do consumo, prevenção e educação dos/as usuários/as, para o desenvolvimento de melhores estratégias de intervenção.

As relações familiares com os/as usuários/as de crack são apontadas por Reis e Moreira (2013), que ressaltaram em seu estudo, que o cuidado e o amor continuam fazendo parte desta relação. E devido a existência destes sentimentos, os autores apresentaram duas possibilidades, a desconfiança, como consequência, e a fé, como estratégia, sendo que esta última: “[...] caracterizou-se, nesse estudo, como uma força motriz que impulsiona as famílias, em especial os familiares cuidadores, a suportarem a sobrecarga inerente à presença infinda da sombra do *crack* em seus contextos” (REIS; MOREIRA, 2013, p. 1122). Além disso, Seleguini et al. (2011) acrescentam a quebra do vínculo familiar como um fator possível para o início e ou continuidade do uso de crack.

Ruiz Contreras et al. (2010) trazem a discussão dos fatores de risco para o uso de drogas, destacando os fatores genéticos, sociais e psicológicos que também podem contribuir para a dependência. Castilla, Olsen e Epelle (2012), em pesquisa realizada num bairro de periferia na Argentina, apresentam como fator de proteção, os cuidados de familiares com o consumo intensivo de crack de seus entes queridos, com o aumento do uso dessa droga na comunidade foram desenvolvidas técnicas para contribuir com a saúde e sobrevivência desses usuários/as.

No estudo realizado por Chaves et al. (2011, p.1173), com alguns/algumas usuários/as de crack sobre a fissura, destacando a compulsão, os mesmos apontam, como resultado, o comportamento de risco que a busca pela droga causa e suas consequências na saúde, mas também descreve estratégias desenvolvidas para a busca de outros prazeres sem o uso da droga, como controle da fissura:

Ocupar-se com outras formas de sentir prazer aparece como uma estratégia eficaz para substituir o pensamento fixo na droga. O sujeito busca encontrar satisfação em atividades corriqueiras, como trabalhar, estudar, cultivar a espiritualidade, jogar futebol e ter relação sexual.

As autoras supracitadas ressaltam que é necessário compreender a dinâmica desses/as usuários/as a partir do olhar deles/as, principalmente os/as profissionais, que irão lidar com os/as mesmos/as no momento de tratamento, tendo mais eficiência e também, mais clareza, das influências do consumo de drogas “[...] o fenômeno do uso de crack ultrapassa seus efeitos farmacológicos e é influenciado por questões sociais, ambientais e emocionais” (CHAVES et al., 2011, p.1174).

Sobre os espaços públicos de uso de crack, os artigos selecionados se referem-se à áreas da região central de São Paulo, conhecidas como *Cracolândias*. Gomes e Adorno (2011) analisam a trajetória dos/as usuários/as de crack, desde o início do uso até se tornarem ‘nóia’¹². Frúgoli Júnior e Spaggiari (2011) colocam que estes são estigmatizados pela sociedade, por representações construídas principalmente pelos meios de comunicação. Os autores referenciam estes locais como territorialidade pois, além da permanência dos/as usuários/as de crack, são marcados por diversas situações e interações com Ongs de Redução de Danos, entidades públicas, igrejas, policiais, seguranças, moradores, lojistas e transeuntes. Raupp e Adorno (2011) apontam para as dinâmicas dos/as usuários/as de crack e suas relações com outros atores sociais, envolvendo violência. O estudo traz também a necessidade de olhar para fatores históricos, econômicos, sociais, relacionados à saúde e políticas públicas. “Sugere-se que o alto grau de degradação da região pesquisada não seria consequência apenas das pessoas e atividades exercidas no local, mas principalmente do processo urbano que gerou tal quadro social” (RAUPP; ADORNO, 2011, p.2613).

Os artigos selecionados na SCIELO, sobre redução de danos que associavam-se com a temática da pesquisa, foram sobre Políticas Públicas, Saúde Coletiva, Saúde e Educação, Enfermagem e Psicologia. A maioria das produções foram elaboradas através de levantamentos documentais, além de pesquisas em organizações não governamentais e governamentais que atuam com estratégias de redução de danos e Centro de Atenção Psicossocial de álcool e outras drogas. Os temas relacionados à redução de danos foram: políticas públicas sobre drogas, antiproibicionismo e crítica às políticas proibicionistas. Sendo dos seguintes autores: Cruz e Machado (2013); Souza et al. (2012); Andrade (2011); Passos e Souza (2011); Souza e Monteiro (2011); Sodelli (2010); Alves (2009); Silva et al (2009).

Andrade (2011) traz o percurso das políticas de drogas no Brasil, desde a década de oitenta, no enfrentamento do HIV/AIDS com os/as usuários/as de drogas injetáveis através da Redução de Danos, as propostas que sucederam, até chegar à política específica sobre o crack. Enquanto crítica a estas políticas, mais especificamente, a repressão no combate ao tráfico, o

¹² “[...] aqueles que, por uma série de circunstâncias sociais e individuais, desenvolveram com a substância uma relação extrema e radical, produto e produtora de uma corporalidade em que ganha destaque a abjeção [...]” (RUI, 2012, p. xi). Para o colaborador Preté DuGueto (será apresentado posteriormente), a pessoa só é considerada nóia quando o consumo de crack está associado a roubos e prejuízos da família e comunidade, neste caso qualquer usuário de crack está vulnerável a essa situação, mas também pode deixar de ser nóia conforme a mudança de sua conduta, sem necessariamente deixar o uso dessa droga.

autor destaca o quanto tais políticas contribuíram com a marginalização e exclusão dos/as usuários/as de drogas.

De acordo com Sodelli (2010), o modelo das políticas proibicionistas é incompatível com a condição existencial que faz parte do ser humano, pois necessita de momentos de prazer para alteração de sua consciência. O uso de drogas é uma possibilidade para algumas pessoas. Desta forma, o autor chama a atenção, para que se desenvolva uma nova abordagem preventiva, que priorize de modo integral a particularidade da condição humana, neste caso sugere a política de Redução de Danos.

Cruz e Machado (2013) colocam que discursos dominantes não realistas e negativos sobre o tema em questão, contribuem com a estigmatização e marginalização dos/as usuários/as de drogas. Considerado o fracasso das ações proibicionistas, vêm aumentando o número de pessoas que defendem as antiproibicionistas. Como argumentos principais em defesa desta mudança de atitude têm as seguintes: a saúde é prejudicada tanto pelas drogas ilegais como as legais; políticas antiproibicionistas, como redução de danos vêm dando certo em países europeus, pois, tem colaborado com a diminuição da criminalidade e melhor entendimento perante os problemas de saúde pública; as políticas proibicionistas não contribuíram com a diminuição dos índices de consumo e desrespeita a liberdade de escolha de cada usuário/a de droga.

Desde logo, é colocada em causa a legitimidade jurídica e governamental para proibir e criminalizar estilos de vida que se afastam da norma social, mas que não prejudicam terceiros, argumentando-se que isso desrespeita os direitos, as liberdades, a autodeterminação e a responsabilidade dos indivíduos [...] (CRUZ; MACHADO, 2013, p.15).

A redução de danos tem como característica, a abordagem em saúde pública. É uma proposta humanista, na qual, não culpabiliza e nem estigmatiza os/as usuários/as de drogas; investe num trabalho horizontal, priorizando a participação destes/as nas ações educativas. Segundo as autoras, com as pessoas que fazem uso de substâncias ilícitas, deve-se adotar, formas alternativas de controle no uso dessas drogas, como o autocontrole (identificando prejuízos sociais, de saúde e financeiros) destacando-se que o apoio social informal, tem sido mais eficaz, em alguns locais, no que diz respeito ao controle do padrão de uso problemático.

“ [...] De fato, a experiência portuguesa, acumulada desde o início do século XXI, tem evidenciado as vantagens de se apostar nesta abordagem alternativa, nomeadamente por ter contribuído para uma expressiva diminuição do uso de substâncias ilegais (CRUZ; MACHADO, 2013, p.28).

Nos trabalhos apresentados, em sua maioria, aparece a Política de Redução de Danos, com contribuições nas práticas educativas em ambientes não escolares, por ter uma abordagem dialógica, crítica e com proposta de educação para autonomia, intersetorialidade, integralidade com outros setores, centralização nas ações comunitárias (SOUZA; MONTEIRO, 2011; SOUZA et al., 2012 e ALVES, 2009).

De acordo com Silva et al. (2009, p.100), a Redução de Danos contribui com o direito à saúde dos/as usuários/as de drogas para “[...] transformar a situação de saúde de sujeitos que fazem parte de grupos sociais estigmatizados e, portanto, vulnerabilizados”. Para Passos e Souza (2011, p.154), também pode proporcionar a construção de uma política democrática, através da militância das/os redutoras/es de danos:

É dentro desse cenário político que a RD vem se consolidando como uma outra política de drogas possível. Analisaremos como a inclusão dos usuários de drogas em arranjos coletivos de gestão é uma importante direção clínica e política do movimento da RD, definindo uma nova proposta de atenção em saúde. A partir desses espaços coletivos de cuidado, os usuários de drogas puderam tecer uma rede nacional de cooperação e de produção de uma luta comum.

Neste levantamento sobre redução de danos, um dos trabalhos apresentados faz parte da área de Educação, nenhum retrata os processos educativos entre usuários/as de crack em espaços públicos, mas vale destacar, como supracitado, que alguns destes, focam as práticas educativas não escolares, o diálogo e a autonomia, assemelhando-se às pesquisas da Linha Práticas Sociais e Processos Educativos, na qual está inserida esta pesquisa.

As publicações realizadas por Ribeiro Junior (2009); Barbosa (2008); Franzi (2007), expostas na BDTD, sobre processos educativos foram selecionadas por terem mais proximidade com esta pesquisa, além de serem da área de educação e comporem a Linha de pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos. Destaca-se novamente que nenhuma tem como colaboradores/as usuários/as de crack em espaços públicos. Tais pesquisas tratam especificamente sobre a criação audiovisual com grupo de dança de rua, sobre comissões locais de saúde e uma sobre educação de jovens e adultos. E trazem em comum com a presente pesquisa o respeito do saber popular, o diálogo e o compartilhamento do conhecimento enquanto necessários nos processos educativos.

Ressalta-se que os conceitos em comum entre tais autores e o trabalho em questão são: convívio dialógico; dialética intersubjetiva entre os sujeitos envolvidos na pesquisa; humanização; ambientes não escolares; construção crítica sobre a realidade.

As produções selecionadas na BDTD, com os descritores uso de crack e crack, foram duas teses: Rui (2012); Raupp (2011) e cinco dissertações: Mota (2012); Pettenon (2012); Almeida (2010); Moreira (2010); Melotto (2009). Abrangendo as áreas de saúde pública, antropologia social, psicologia, letras e psiquiatria. Tiveram como sujeitos usuários e não usuários e os seguintes locais de uso: espaço público, casa de passagem e tratamento (hospital psiquiátrico e clínicas de recuperação). Estes trabalhos também retratam pessoas em situação de rua: etnografia; saúde pública; comércio de crack; territorialidade; família; sociedade; drogadição; compreensão leitora; trajetórias; riscos; vulnerabilidades e políticas públicas. Sendo dos/as seguintes autores/as:

Raupp (2011) traz os circuitos e dinâmicas dos/as usuários/as de crack em regiões centrais de duas capitais (São Paulo e Porto Alegre), cidades que têm grande concentração de pessoas em situação de rua, relações com integrantes do poder público, instituições de assistência social e a polícia. A autora destaca que nestes espaços, os/as usuários/as vivenciam o cotidiano de maneira tensa e conflituosa, desenvolvem as atividades comuns, como autocuidado, mesmo que secundariamente e apesar da maioria dos sujeitos manterem o padrão de uso compulsivo de crack, existem alguns/mas usuários/as desta substância, que não mantêm um uso abusivo¹³ com a droga e através de estratégias conseguem controlar o uso e sobreviverem nestes espaços.

Rui (2012, p.xi) foca sua pesquisa nos corpos abjetos dos/as usuários/as de crack, em meio à exclusão social, produz gestão, territorialidade e alteridades. “Uma vez nessa condição, evoca limites corporais, sociais, espaciais, simbólicos e morais, bem como impulsiona a criação de gestões assistenciais e policiaescas que visam tanto recuperá-lo quanto eliminá-lo [...]”.

De acordo com Mota (2012), é necessário conhecer a história de vida e o contexto social das pessoas que são consideradas marginalizadas, pois só assim a sociedade não justifica mais a violência contra estes/as usuários/as de drogas e em situação de rua, apenas para manter a *ordem social dominante*. Acrescenta que o lugar da exclusão e marginalização em que são colocados/as os/as usuários/as de crack, pela sociedade, causa sofrimento a

¹³ No capítulo “Contextualizando o crack”, será explicado esse conceito.

eles/elas, pois, de acordo com Almeida (2010, p.90), “Viver o mundo do crack é viver preconceitos, humilhações e discriminações, segundo a experiência de vários usuários entrevistados”.

Melotto (2009, p.7) pesquisou o cotidiano dos/as usuários/as de crack em bairros populares, focando a inserção, a trajetória e a descontinuidade do uso. Neste trabalho a vulnerabilidade se destacou como resultante nas condições de saúde, trabalho e vínculo familiar, sendo os sujeitos da pesquisa cientes destes riscos associados ao crack. “As descontinuidades das trajetórias de uso, sejam com o abandono das práticas, sejam com as mudanças destas, situam diferentes formas de lidar com os riscos percebidos e a construção de diferentes alternativas para isso”.

Os artigos da SCIELO e as teses e dissertações da BDTD selecionadas neste levantamento, cujos descritores são crack e uso de crack, não se relacionam com esta pesquisa no que se refere às áreas em questão e o objetivo, pois nenhum é da Educação e nem sobre os processos educativos, mas alguns têm em comum os/as colaboradores/as (usuários/as de crack) e os espaços públicos.

As produções selecionadas na BDTD sobre redução de danos foram das áreas de educação, enfermagem e políticas sociais, tendo como participantes redutores/as de danos, usuários/as de drogas e profissionais do Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas (CAPSad), além de análise documental. Também foram trabalhados nestas pesquisas: ensino e aprendizagem, controle e alienação, substâncias psicoativas, CAPSad, saúde coletiva, drogas de abuso, drogas e modernidade. Sendo dos/as seguintes autores/as: Paes (2006); Valério (2010); Santos (2008); Chaibub (2009). Destas pesquisas, uma delas se assemelha com o trabalho em questão por ser da Educação e inserida na mesma linha de pesquisa, mas não retrata os processos educativos entre usuários/as de crack em espaços públicos.

Segundo Paes (2006) há escassez de estudos sobre o processo pedagógico entre redutores/as de danos e usuários/as de drogas, o que torna relevante um estudo específico sobre a relação de ensino e aprendizagem. Assim, como exposto nos trabalhos supracitados, observa-se que existe uma lacuna em pesquisas realizadas sobre os processos educativos estabelecidos entre usuários/as de crack em espaços públicos de uso.

Algumas das pesquisas selecionadas e citadas nesta revisão bibliográfica, relacionados aos descritores (processos educativos; crack, uso de crack e redução de danos) serão trazidos posteriormente, em momentos distintos, no processo de discussão deste texto.

Diante da revisão bibliográfica realizada, fica clara a relevância acadêmica desta pesquisa na área da Educação, com a proposta de analisar os processos educativos desencadeados na relação entre os/as usuários/as de crack em espaços públicos de uso de drogas, visando colaborar com o aumento das pesquisas existentes com essa temática; com a continuidade de trabalhos acadêmicos em ambientes não escolares; promover um avanço das políticas públicas que contribuam com práticas educativas humanizadoras com e entre usuários/as de crack e com outros espaços educativos, bem como, incentivar a melhoria da condição de vida destas pessoas.

Capítulo I. CONTEXTUALIZANDO O CRACK

Neste capítulo serão abordadas reflexões que buscam compreender o uso de drogas, o crack, as políticas sobre drogas na América Latina e os movimentos sociais nesse contexto. Aponta-se a problemática social envolvida no uso de crack e seus desdobramentos.

De acordo com Nicastri (2010, p.14), segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), “[...] droga é qualquer substância não produzida pelo organismo que tem a propriedade de atuar sobre um ou mais de seus sistemas, produzindo alterações em seu funcionamento”. Ainda segundo o autor drogas também são chamadas de psicotrópicas ou substâncias psicoativas que causam modificações no estado mental e no psiquismo.

Segundo Duarte e Morihisa (2010, p.42) uso de drogas é a “[...] auto-administração de qualquer quantidade de substância psicoativa”. O abuso de drogas “pode ser entendido como um padrão de uso que aumenta o risco de consequências prejudiciais para o usuário”.

O Sistema Único de Saúde (SUS), por meio da Classificação Internacional de Doenças (CID-10) utiliza a “Síndrome de Dependência do Álcool” para definir a dependência de drogas. Isso ocorre devido semelhanças dos sintomas e a relação existente entre seus critérios e sintomas (forte desejo ou compulsão, comprometimento da capacidade de controle, estado fisiológico de abstinência, evidência de tolerância aos efeitos, preocupação com o uso e uso persistente) contribuindo assim com o diagnóstico dos especialistas da área, cujo parâmetro é de 12 meses para o surgimento de três ou mais desses sintomas, só assim é possível deliberar se ocorre a dependência de álcool ou outras drogas, bem como seu grau e gravidade do quadro. (DUARTE; MORIHISA, 2010).

Ainda em conformidade com Duarte e Morihisa (2010, p.38) é fundamental que as informações sobre drogas sejam confiáveis. Trata-se de um fenômeno que pode afetar a qualidade de vida, pois a relação de cada pessoa com o uso de substâncias psicoativas depende do contexto que está inserida, podendo assim; “[...] ser inofensiva ou apresentar poucos riscos, mas também pode assumir padrões de utilização altamente disfuncionais, com prejuízos biológicos, psicológicos e sociais”.

Existe ainda a classificação das drogas, conforme as modificações na atividade mental ou no comportamento das pessoas identificadas no Sistema Nervoso Central (SNC). São estas: depressoras, estimulantes e perturbadoras. (DUARTE; MORIHISA, 2010).

Com as drogas depressoras (álcool, opióides, sedativos, solventes etc.), “[...] há uma tendência de ocorrer uma diminuição da atividade motora, da reatividade à dor e da

ansiedade, e é comum um efeito euforizante inicial e, posteriormente, um aumento da sonolência” (NICASTRI, 2010, p. 15). O uso de drogas estimulantes (cocaína, anfetaminas etc.) tem como efeito, “[...] um estado de alerta exagerado, insônia e aceleração dos processos psíquicos” (NICASTRI, 2010, p.21). O uso de drogas perturbadoras (canabinóides, Dietilamida do Ácido Lisérgico -LSD-, Ecstasy etc.), “[...] resulta em vários fenômenos psíquicos anormais, entre os quais destacamos os delírios e as alucinações” (NICASTRI, 2010, p.24).

Do ponto de vista da legalização, existem as drogas lícitas, sua comercialização é permitida, mesmo que restrita, como no caso do álcool e medicamentos, e as drogas ilícitas, que são proibidas, com ressalva ao plantio de algumas drogas, para uso estritamente religioso (NICASTRI, 2010; SENAD, 2011).

Art. 2º Ficam proibidas, em todo o território nacional, as drogas, bem como o plantio, a cultura, a colheita e a exploração de vegetais e substratos dos quais possam ser extraídas ou produzidas drogas, ressalvada a hipótese de autorização legal ou regulamentar, bem como o que estabelece a Convenção de Viena, das Nações Unidas, sobre Substâncias Psicotrópicas, de 1971, a respeito de plantas de uso estritamente ritualístico-religioso (SENAD, 2011, p. 28).

O uso de drogas faz parte da história da humanidade, independente de sua finalidade: medicinal, religiosa ou recreativa:

O uso de drogas que alteram o estado mental, aqui chamadas de substâncias psicoativas (SPA), acontece há milhares de anos e muito provavelmente vai acompanhar toda a história da humanidade. Quer seja por razões culturais ou religiosas, por recreação ou como forma de enfrentamento de problemas, para transgredir ou transcender, como meio de socialização ou para se isolar, o homem sempre se relacionou com as drogas (DUARTE; MORIHISA 2010, p.38).

De acordo com Gorgulho (2011, p.26) a construção das políticas públicas tem em sua história a temporariedade da legalidade de determinadas drogas, baseada em questões mercantis, políticas e relacionadas ao narcotráfico.

[...] Existe um interesse mercantil no narcotráfico atual que, raríssimas vezes nos damos conta, insistindo em continuar a pensar que as drogas são proibidas por que realmente fazem muito mal para as pessoas. [...] Assim como o narcotráfico, outros comércios ilícitos são extremamente importantes para a economia internacional como, por exemplo, o comércio ilícito de armas, envolvendo inúmeras organizações financeiras lícitas. [...] no tempo da Inquisição, tempo das pomadas e poções, se alguém fosse encontrado

com gotinhas de beladona – assim como hoje alguém pode ser encontrado com papelotes de cocaína –, a pessoa seria condenada à morte, à fogueira, seria queimada viva.

O assunto sobre o consumo de drogas é complexo e tratado por diferentes visões (moral, religiosa, psicológica, biológica, saúde pública etc.), tanto pela sociedade como pelo Estado. “Portanto, ao se falar do tema atualmente, invariavelmente é importante considerar aspectos como neurobiologia, cultura, políticas públicas, geopolítica, dentre outras” (RONZANI, 2013, p.13).

Há dois séculos, os/as usuário/as de drogas eram “[...] vistos muitas vezes como ‘possuídos por forças do mal, portadores de graves falhas de caráter ou totalmente desprovidos de ‘força de vontade’ para não sucumbirem ao ‘vício’” (DUARTE; MORIHISA 2010, p.38). As mudanças de olhar começaram desde o século XX, nos EUA, a partir de estudos sobre a saúde e o uso de álcool, a mais antiga droga propagada na sociedade. Tais mudanças influenciaram também as ações da Organização Mundial de Saúde (OMS) e da Associação Médica Americana (AMA) (DUARTE; MORIHISA, 2010).

Na atualidade vêm ocorrendo mobilizações sociais com pontos de vista distintos, e produções científicas sobre drogas que ainda não são suficientes, como resposta eficaz para alguns problemas acarretados pelo uso. Além da complexidade do tema “[...] somam-se aspectos ideológicos, políticos e culturais que direcionam, favorecem ou dificultam determinadas ações” (RONZANI, 2013, p.13), sendo estas atuações, descontextualizadas, ineficazes e limitadas, quando direcionadas ao curativo ou apenas à dependência.

Gorgulho (2011) traz três pontos essenciais para se pensar a questão das drogas e definição das políticas públicas. Primeiro, ressalta que é necessário pensar na produção, comércio, uso e dependência. Segundo, é preciso ter em mente que as pessoas, principalmente profissionais da área de drogas, precisam se atualizar constantemente sobre o assunto. Terceiro, é urgente que se modifiquem as políticas proibicionistas para políticas realistas e que haja clareza na constatação de que a sociedade está em período de transição de seus padrões de comportamento.

Na nossa sociedade foi construído o modelo paradigmático policial-judiciário-sanitário para lidar com as pessoas que apresentam uso problemático de drogas, especificamente pobres e marginalizadas, sendo o tratamento dirigido à abstinência/internação e proibição do consumo, que vem contribuindo com o estigma e preconceito do qual padecem esta parcela da população.

[...] Será que dá para continuarmos com uma política que fez algum sucesso na década de 60? [...] Então, para não pensarmos que está tudo perdido ou que tudo é permitido nesse período de modificação dos padrões da ética e da moral, vamos ter de encontrar um meio termo. E vamos tomar consciência de que acabou o tempo dos comportamentos padronizados, da obediência cega, da aceitação incontestada de limites. Vamos ter de encontrar uma forma de lidar com essas possibilidades múltiplas, com essa postura individualista, com os grupos ilimitados que, de tão grandes, perdem seus contornos e nos levam a caminhar com passos errantes, meio que às cegas, correndo o risco de ocuparmos um lugar burlesco afirmando que tudo está ou pode vir a ficar *sob controle* (GORGULHO, 2011, p33).

Como coloca Sodelli (2011), as informações sobre drogas, no que corresponde aos aspectos farmacológicos ou o conhecimento das estratégias de ação nas abordagens da temática, são importantes, porém, para ocorrerem mudanças estruturais na sociedade que nos levem a um olhar humanizado, é necessário iniciarmos o debate, considerando a nossa visão de mundo e a sociedade na qual estamos inseridos. É imprescindível, também, entendermos a complexidade do tema, pois assim pode ser possível que a sociedade deixe de ter respostas simplistas e reducionistas sobre esse fenômeno, como na postura proibicionista, e se aproxime do modelo de Redução de Danos, que tem como princípio a ética, a cidadania e os direitos humanos.

Para Gorgulho (2011), o problema das drogas tem que ser pensado a partir da interação entre a substância, o indivíduo e a sociedade, caso não ocorra esta relação, como já aconteceu no mundo inteiro com a história das políticas sobre drogas, a sociedade continuará repetindo o modelo de guerra contra as drogas, dando ênfase apenas para a questão da substância, medida que há tempo vem provando seu fracasso e não avançará para a transformação da realidade.

Com o sistema mundial e o neoliberalismo vigente na América Latina vem ocorrendo, nas últimas décadas, o aumento do desemprego, da pobreza, do consumo de drogas, criminalização do/a usuário/a de drogas e pouco investimento na saúde pública (EPELE, 2012). Hoje, a regulação do mercado das drogas no Brasil não se diferencia do cenário mundial de encarceramento de pessoas envolvidas com drogas como forma de resolver a questão. “O encarceramento centra-se em pequenos comerciantes de drogas não violentos e, invariavelmente, moradores de zonas pobres urbanas” (MALVASI, 2011, p.331).

1.1. Políticas sobre drogas: propostas para um olhar humanizador

Várias são as iniciativas de grupos envolvidos com esse fenômeno para alternativas de políticas de drogas, como a Comissão Latino-Americana sobre Drogas e Democracia e a Comissão Global de Política sobre Drogas¹⁴, devido à fracassada abordagem moral, intitulada como guerra às drogas “[...] enfatizaram a necessidade de uma mudança de paradigma das abordagens repressivas para intervenções preventivas que tenham foco na redução de danos e na segurança cidadã” (CARVALHO, 2014, p.2).

Passados 50 anos da Convenção de 1961, que definiu regras e princípios de controle das drogas, houve um crescente movimento no Ocidente para uma nova abordagem dos problemas com essas substâncias. Experiências em outros países vêm contribuindo com a mudança de paradigmas sobre suas políticas, sendo chamada de “Revolução Silenciosa”. Alguns desses exemplos são:

[...] Oregon: foi aprovada a Medida 91, que prevê a regulação da produção, distribuição e venda da maconha. Legaliza a posse de pequenas quantidades para maiores de 21 anos e cria sistema estadual de regulação. [...] Washington [...]: foi aprovada a Iniciativa 71, que legaliza a posse de até 2 onças de maconha para adultos maiores de 21 anos e permite que cada indivíduo cultive até seis pés de maconha em casa. [...] Alaska: primeiro “estado vermelho” a regulamentar a maconha. [...] Florida: 57% dos eleitores votaram a favor da Emenda 2, que regularia a maconha medicinal, mas, devido a leis estaduais, a medida precisava ter conquistado 60% do eleitorado para passar. Mesmo diante dessa derrota, o estado e seus eleitores mandaram uma mensagem clara para o governo federal de seu país, a favor da legalização da cannabis medicinal (REDE PENSE LIVRE, 2014, s/p).

Outros líderes latino-americanos e seus governos também estão discutindo e realizando transformações legais e modelos de políticas de drogas que se adequem às suas conjunturas locais, visando a melhoria da saúde, a manutenção das culturas locais, a garantia de segurança e o bem-estar dos seus cidadãos. Desta forma, desconstruem-se tabus de algumas décadas sobre o fenômeno das drogas e um novo paradigma para repensar a produção, o comércio e o consumo de drogas. Como consequência, novas propostas vêm repercutindo nas políticas sobre o assunto, no mundo todo, como nos Estados Unidos da

¹⁴ O objetivo da Comissão Global sobre Política de Drogas é trazer para o nível internacional, informações e discussões, com base científica sobre as formas humanas e eficazes para reduzir os danos causados pelo uso de drogas para as pessoas e sociedades (Comissão Global sobre Política de Drogas).

América (EUA), onde o termo “guerra às drogas” está sendo derrubado e o tema tratado como saúde pública.

É possível apontar pelo menos cinco motivos para o fracasso da “guerra às drogas” na América Latina:

[...] a repressão à produção de drogas em um local faz com que ela migre para outro lugar [...]. Em segundo lugar, devido à sua localização estratégica entre a América do Norte e Europa Ocidental, muitos países da América Latina e do Caribe também são afetados negativamente pelo trânsito de drogas ilícitas. Além disso, as atividades antinarcóticos na Colômbia, América Central e México resultaram em uma expansão das rotas de tráfico pelos países vizinhos, aumentando a corrupção e, possivelmente, exacerbando a violência nas várias sub-regiões [...]. Em terceiro lugar está o grande fracasso dos esforços internacionais na área de redução da demanda como estratégia para combater o narcotráfico [...]. Em quarto lugar, os esforços para combater a oferta, o trânsito e o consumo de drogas na América Latina têm gerado danos colaterais em termos de corrupção, prisões e violações dos direitos humanos [...]. Finalmente, a fracassada guerra contra as drogas contribuiu para a ascensão da América Latina como a região mais violenta do planeta, medida pelos níveis de homicídios e execuções (CARVALHO, 2014, p.4).

A Comissão Latino-Americana sobre Drogas e Democracia, citada anteriormente, foi a precursora em debates sobre as políticas de drogas em 2008 e é formada por líderes latino-americanos, entre eles os ex-presidentes: Fernando Henrique Cardoso, do Brasil, César Gaviria, da Colômbia e Ernesto Zedillo, do México, com o objetivo de avaliar os impactos das políticas atuais da região, possibilitando construções eficientes, humanas e seguras. Um ano depois, a comissão apresentou um relatório intitulado *Drogas e democracia: rumo a uma mudança de paradigma*, baseado em três princípios: “1. tratar o uso de drogas como problema de saúde pública; 2. reduzir o consumo de drogas por meio da informação, educação e prevenção, e 3. direcionar a repressão para o crime organizado ao invés do usuário” (CARVALHO, 2014, p.11).

Outra iniciativa para a revisão das políticas atuais de drogas definida “[...] com base em dados científicos sobre formas mais humanas e eficazes de reduzir o dano gerado pelas drogas às pessoas e às sociedades” deixando evidente o quanto a guerra global contra as drogas contribuiu com a epidemia do HIV e hepatite C entre usuários/as de drogas e seus parceiros sexuais. Mais recentemente, em 2013, a Organização dos Estados Americanos

(OEA)¹⁵ apresentou estudos que apontaram mudanças para as políticas de drogas vigentes, propõe “[...] a mudança das abordagens repressivas para as que privilegiam a segurança cidadã, a experimentação com diferentes abordagens de regulação de drogas ilegais, e o fortalecimento da resiliência comunitária” (CARVALHO, 2014, p11).

Diante desse cenário, vale destacar o que está ocorrendo nos países da América Latina, através de algumas propostas recentes, de ordem legislativa, que de alguma forma, pode contribuir com as mudanças do paradigma (guerra às drogas) nas políticas de drogas:

Argentina - Em 2013, foi aprovada uma avançada lei de saúde mental que privilegia tratamentos de dependentes de drogas que não restrinjam a liberdade e considera os tratamentos coercivos involuntários como medidas excepcionais. Bolívia - A Constituição da Bolívia declara que a folha de coca é uma parte do patrimônio cultural e da biodiversidade da nação. [...] Colômbia - estão em andamento discussões sobre um projeto piloto onde usuários de crack receberão cannabis como parte do tratamento sob o controle das autoridades locais. Equador - A nova legislação estipula quantidades máximas para o consumo pessoal de drogas. Outra inovação legislativa pioneira ocorreu no final de 2008 e início de 2009, quando mais de dois mil equatorianos presos por tráfico de droga foram libertados. México – [...] estabeleceu que o Ministério Público não iria julgar as pessoas que sofressem de dependência de drogas ou os consumidores que portassem para seu consumo pessoal algumas das drogas que constassem na tabela, em quantidade igual ou menor que os limites [...]. Uruguai - De longe, as mudanças mais progressistas nas políticas de drogas na América Latina estão emergindo do Uruguai. [...] Em junho de 2012, o governo apresentou uma nova estratégia propondo legalizar e regulamentar o uso da maconha e assumir o controle exclusivo sobre a sua produção e distribuição. [...] Apenas um muito hesitante progresso tem sido feito no Brasil para explorar abordagens alternativas para a política de drogas. Por exemplo, em 2006 o Congresso Nacional promulgou a Lei 11.343/06 que proíbe penas de prisão para usuários de drogas, prescrevendo penas alternativas como advertências, serviços à comunidade e medidas educativas. As mesmas penas alternativas também se aplicam aos acusados de cultivo de drogas ilícitas para uso pessoal (CARVALHO, 2014, p.12).

Mesmo com as iniciativas legais para a mudança da realidade das políticas de drogas, as legislações que continuam a definir como crime o uso e cultivo de drogas vêm contribuindo com o aumento da criminalização dos consumidores, ao invés da diminuição da violência e violação de direitos humanos, como exemplo no Brasil e no México. Como resultado, temos a sobrecarga dos sistemas prisionais. As prisões mexicanas, por exemplo, vêm ficando mais

¹⁵ A OEA utiliza uma estratégia quádrupla para implementar eficazmente esses objetivos essenciais. Os quatro pilares da Organização (democracia, direitos humanos, segurança e desenvolvimento) se apoiam mutuamente e estão transversalmente interligados por meio de uma estrutura que inclui diálogo político, inclusividade, cooperação, instrumentos jurídicos e mecanismos de acompanhamento, que fornecem à OEA as ferramentas para realizar eficazmente seu trabalho no hemisfério e maximizar os resultados (ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS).

cheias e o Brasil tornou-se a quarta nação do mundo no que diz respeito ao número de pessoas encarceradas quando envolvidas em crimes relacionados às drogas, atrás dos EUA, Rússia e China. (CARVALHO, 2014).

Com a proposta de contribuir com a efetiva mudança de paradigma das políticas de drogas, mulheres e homens envolvidos com esse fenômeno, desenvolvem a militância junto a outras pessoas, através de organizações não-governamentais e movimentos sociais com a proposta de envolver a sociedade nesse debate. A Constituição de 1988 foi instituída com a participação dos setores sociais (entidades, organizações não-governamentais, movimentos sociais, associações comunitárias, sindicatos, universidades, associação de usuários/as etc). Para a formulação e controle das políticas e ações do governo em todos os campos (saúde, educação, assistência social, crianças e adolescentes, etc) prevê nessa lei, a participação desses setores supracitados. Como pode ser visto no “Art. 204. Inciso II - participação da população, por meio de organizações representativas, na formulação das políticas e no controle das ações em todos os níveis” (BRASIL, 1988, s/p.).

A partir destas conquistas, entraram em vigor os Conselhos Gestores de Políticas Públicas em âmbito nacional, estadual e municipal. A criação destes conselhos foi de suma importância para a sociedade organizada, pois o Estado assumiu sua função pública com a garantia da participação da sociedade civil¹⁶ na partilha de poder, tanto nos espaços decisórios, como em relação ao destino dos recursos públicos. Em outras palavras, pode-se almejar a transformação de uma política brasileira autoritária em uma sociedade democrática.

Na década de 1990, houve enfraquecimento da mobilização social, devido às questões econômicas do país. Hoje temos como consequência o esvaziamento das representações da sociedade civil nos conselhos gestores e as diversas entidades não-governamentais ocupam este lugar, disputando seus assentos por motivos diversos, reivindicando pouco, o que de fato são, os interesses públicos.

Os interesses que levam as entidades a disputarem assento nos conselhos são os mais variados, assim como a própria noção do que seja participar na formulação das políticas. Para muitos representantes da sociedade civil, estar

¹⁶ O leque de interpretações sobre o significado do termo sociedade civil é amplo. Mesmo dentre os liberais, eternos defensores do termo, também não é uma a interpretação. Temos desde aqueles que utilizam o termo como processo de privatização, implicando a expansão do mercado e a limitação do Estado, até liberais da corrente humanista, que atribuem como espaço da sociedade civil o processo de aprofundamento da participação comunitária em projetos públicos, aumentando a performance do governo e sua aceitação pública. Outros advogam como sinônimo de civilidade. Recentemente observa-se, no ocidente, o crescimento da interpretação da sociedade civil como aperfeiçoamento dos processos deliberativos democráticos, para criar mais espaço público (GOHN, 2005, p.61).

nos conselhos é uma forma de conseguir recursos para suas entidades e não uma forma de construir coletivamente o que seria o interesse público em cada área específica (DAGNINO, 2002, p.58).

Mesmo diante dessa realidade circunscrita pela ausência da representatividade nos espaços de reivindicações de políticas públicas, algumas Organizações e Movimentos Sociais sobre Drogas no Brasil vêm assumindo papel imprescindível frente à militância com os/as usuários/as de drogas. Desde a década de 1990, com a iniciativa da sociedade civil, foram criados alguns grupos de militantes com a temática de drogas. A maioria tem como missão a revisão das políticas de drogas, a redução de danos e os direitos humanos. Entre esses grupos, se destacam: a Associação Brasileira de Redutoras e Redutores de Danos (ABORDA); o Coletivo Marcha da Maconha Brasil; a Frente Nacional Drogas e Direitos Humanos (FNDDH) e a Associação Brasileira Multidisciplinar de Estudos sobre Drogas (ABRAMD).

Com a proposta de dar continuidade no debate para promover a mudança da conjuntura atual do fenômeno das drogas, foi criado no Brasil a Plataforma Brasileira de Políticas de Drogas¹⁷, um espaço de atuação conjunta da militância de drogas (organizações não governamentais, lideranças e especialistas de diversas áreas) com o objetivo de promover e formular políticas sobre drogas de acordo com a realidade do país.

A conscientização não pode existir fora da “práxis”, ou melhor, sem o ato ação – reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens. Por isso mesmo, a conscientização é um compromisso histórico. É também consciência histórica: é inserção crítica na história, implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo (FREIRE, 1979, p.4).

¹⁷ São pressupostos e princípios norteadores da Plataforma Brasileira de Política de Drogas (PBPD): A política de repressão ao uso e comércio de drogas fracassou. Não houve redução de oferta ou da demanda de drogas ilegais. A política de repressão ao comércio e ao consumo de drogas gerou violência, corrupção, superencarceramento e ampliou a vulnerabilidade social daqueles que fazem uso de substâncias ilícitas. As políticas de drogas devem ser desenvolvidas a partir do diálogo qualificado e embasadas em pesquisas, evidências científicas e experiências exitosas. As políticas de drogas devem ser orientadas pelos princípios dos direitos humanos, considerando como eixos prioritários: saúde pública, desenvolvimento social e econômico e segurança; As políticas de drogas devem focar em redução de danos (estratégias que minimizem os riscos e danos associados ao uso de drogas) e não priorizar a diminuição da escala do uso ou do mercado de drogas. As políticas de drogas devem dialogar com políticas sociais, de modo a promover a inclusão de grupos vulneráveis e tradicionalmente criminalizados. A revisão da política de drogas deve ser vista como parte de um conjunto de iniciativas para reduzir a violência e a criminalização dos setores mais vulneráveis da sociedade, na direção da construção de uma cultura de paz. Governos devem garantir a ampla participação social na formulação, implementação e avaliação das políticas e programas de drogas (PLATAFORMA BRASILEIRA DE POLÍTICA DE DROGAS).

Os movimentos sociais tiveram e continuam tendo um importante papel na sociedade para as seguintes questões: mudança de olhar para o fenômeno das drogas, sendo este humanizador e não moralista; contribuição no avanço das políticas públicas de drogas; que a pessoa usuária de drogas seja protagonista de sua própria história, possibilitando a transformação de sua realidade.

De acordo com Freire (1987) a desumanização é conteúdo da realidade histórica do oprimido, construído pelo opressor através de injustiças e violências, desde o processo colonizador na América Latina, e estes indivíduos sendo transformados em “ser menos”. A mudança dessa realidade, em “ser mais”, de acordo com o autor, só é possível através da luta com as pessoas oprimidas.

Somente os oprimidos podem libertar os seus opressores, libertando-se a si mesmos. Eles, enquanto classe opressora, não podem nem libertar-se, nem libertar os outros. É, pois, essencial que os oprimidos levem a termo um combate que resolva a contradição em que estão presos, e a contradição não será resolvida senão pela aparição de um “homem novo”: nem o opressor, nem o oprimido, mas um homem em fase de libertação. Se a finalidade dos oprimidos é chegar a ser plenamente humanos, não a alcançarão contentando-se com inverter os termos da contradição, mudando somente os pólos (FREIRE, 1979, p.32).

1.2. Uso do crack e seus desdobramentos

O crack é a forma base da cocaína que, por ser pouco solúvel em água, se volatiliza quando aquecida. Na maioria das vezes é fumado em cachimbos, mas também em latas, copos ou diferentes materiais, podendo ser misturado a outras drogas como cigarros de tabaco ou maconha, sendo extraída das folhas de uma planta originária da América do Sul, popularmente chamada coca (*Erythroxylon coca*) (OBSERVATÓRIO BRASILEIRO DE INFORMAÇÕES SOBRE DROGAS, s /d). Os/as usuários/as de crack têm particularidades distintas das demais pessoas que fazem uso de cocaína, mesmo tendo propriedades em comum, diferenciam na forma de uso, associação ao abuso, comportamento, danos e riscos.

Entre os problemas orgânicos relatados pelos/as usuários/as de crack em pesquisa realizada por Ribeiro; Sanchez; Nappo (2010, p.213), estão a falta de apetite e emagrecimento rápido “[...] fatores que contribuem para o emagrecimento são: supressão do apetite, inquietação psicomotora e longas caminhadas em busca por *crack* nos momentos de fissura” e

também a insônia que “[...] ocorre por duas vias simultâneas: pelo efeito excitatório da droga e pelo desejo de usar mais, que repercute na busca contínua da droga”

Em países como a Argentina existe o uso da pasta base da cocaína, conhecida como “paco”, na qual ocorre o rápido emagrecimento que coincide com sintomas comuns entre alguns/mas usuários/as de crack que mantêm uso problemático com essa droga. Sobre isso Epele (2012, p.255) descreve sucintamente em seu trabalho que “[...] de acordo com os familiares, o uso intensivo de PB/Paco podia ser reconhecido pelos seguintes sinais heterogêneos: ‘rápido emagrecimento’, ‘más companhias’, ‘mudanças de atitude’, ‘ausências do lar durante dias’, ‘agressividade’, ‘desaparecimento de coisas nas casas’, entre os principais”.

Desde os primeiros escritos sobre o crack na literatura brasileira o padrão de uso foi problemático, como na realidade norte-americana, na qual o uso dessa droga é anterior ao Brasil, apesar desses dois países terem alguns aspectos em comum sobre a relação que o/a usuário/a estabelece com o crack, no Brasil o uso dessa droga é mais duradouro (OLIVEIRA; NAPPO, 2008).

O consumo prolonga-se até o esgotamento físico, psíquico e financeiro do indivíduo, situação que se agrava com a entrada da mulher nesta rotina, pois muitas obtêm a droga por troca de sexo. Isto contribui com diversos aspectos negativos na vida de usuários, levando-os ao exercício de atividades ilícitas assim como a situações de marginalização (OLIVEIRA; NAPPO, 2008).

Em consonância com a realidade norte-americana, o pensamento dos usuários foca-se no consumo de crack de forma que sono, alimentação, afeto, senso de responsabilidade e sobrevivência perdem o significado. [...] Tal situação piorou com a inclusão das mulheres na cultura que, ao trocarem sexo por crack ou dinheiro, submetiam-se ao risco de infecção por HIV e outras infecções sexualmente transmissíveis (IST). Consideradas em conjunto, tais atitudes têm interferido negativamente sobre a saúde e funcionamento social do usuário de crack de forma a marginalizá-lo, tanto no contexto micro (como nas redes de uso) quanto macrossocial (comunidades e sistemas de serviço) (OLIVEIRA; NAPPO, 2008, p. 665).

O crack não é, entre as drogas ilícitas, a mais consumida no Brasil, mas é considerada como um forte estimulante do sistema nervoso central, com alto poder de dependência. É preocupante o nível dos riscos associados ao seu uso compulsivo e rotineiro e também envolvimento das pessoas que fazem uso dessa droga em “[...] atividades violentas e ilícitas como roubos, assaltos, tráfico e atividades sexuais de risco para obtenção de dinheiro ou

droga, causando problemas sociais e de saúde pública” (RIBEIRO; SANCHEZ; NAPPO, 2010, p. 211).

Em 2012, foi realizado um levantamento sobre o perfil do/a usuário/a de crack e outras formas similares de cocaína fumada, como a pasta base, merla e “oxi”. Participaram dessa pesquisa, 21 mil usuários dessas substâncias em espaços públicos, sendo nas 26 capitais, Distrito Federal, regiões metropolitanas federais e cidades de pequenos e médio portes. O estudo traz que os/as usuários/as de crack e/ou similares, são, basicamente, poli usuários/as, isto significa que fazem uso de outros tipos de drogas, além do crack (BASTOS; BERTONI, 2014).

Nessa mesma pesquisa, comparando os dados entre as capitais e não capitais:

Nas capitais, 47,28% dos usuários estavam em situação de rua, enquanto que nos demais municípios essa proporção foi de, aproximadamente, 20%. [...] Assim, os usuários dos municípios que não eram capitais evidenciaram um vínculo mais estreito com seus domicílios (de origem e/ou escolha) do que os usuários das capitais. [...] a proporção de usuários dos municípios provenientes de não-capitais que tinham como principal fonte de renda o trabalho com carteira assinada foi mais elevada do que a dos usuários das capitais. [...] Entre os usuários das capitais, o tempo médio de uso foi de aproximadamente 8 anos, enquanto que nos demais municípios este tempo foi de, aproximadamente, quase 5 anos, sugerindo que o uso da droga estaria se interiorizando mais recentemente. [...] Uma maior proporção de usuários oriundos de municípios que não as capitais disseram conseguir fazer uso controlado do crack e/ou similares (23,62%), essa proporção foi estatisticamente superior à encontrada nas capitais, que foi de 13,49% (BASTOS; BERTONI, 2014, p.54).

Neste mesmo ano, em 2012, também foi realizada nas 26 capitais e Distrito Federal, pesquisa domiciliar que pudesse descrever a estimativa da população usuária de crack e outras formas similares da cocaína fumada (pasta base, cocaína, merla e “oxi”). Nesta pesquisa, a estimativa de usuários/as de crack e similares que fazem uso regular ¹⁸ dessa droga foi de 370 mil pessoas (incluindo crianças e adolescentes), em relação ao número de usuário/as de outras drogas ilícitas em geral, com exceção da maconha, é de aproximadamente um milhão de pessoas. “Sendo assim, usuários/as de crack e/ou similares correspondem a 35% dos consumidores de drogas ilícitas nas capitais do país” (BASTOS; BERTONI, 2014, p.134).

¹⁸ Segundo a Organização Panamericana, ‘uso regular’ é definido como uso de drogas pelo menos 25 dias nos últimos 6 meses (BASTOS; BERTONI, 2014).

De acordo com Rui (2012, p.276), a rotina da maioria dos/as usuários/as de crack é comum, pois, em geral, passam dias no consumo compulsivo, alguns de descanso, outros na tentativa de alternar com o uso de substâncias mais leves.

O fenômeno é, portanto, cíclico. Passam dias em recomposição e depois voltam ao consumo. Durante o período de descanso, pude notar várias tentativas de dosar a quantidade consumida. Elas iam desde a parada repentina do uso, à substituição por drogas que eles consideram mais “leves”, como o álcool e a maconha, até à mistura de crack com maconha no cigarro (*mesclado*). Os que ainda tinham contato amistoso com familiares procuravam voltar para casa durante a noite.

A mesma autora chama a atenção para o momento do consumo que é considerado mais preocupante (RUI, 2012, p.276):

Contudo, o constante movimento de recomposição não dura muito; é só até o desejo de consumir a droga retornar de novo com grande força. É nesse momento que, segundo dizem, a situação se torna mais crítica. Contam que nessa hora de vontade incontrolável, mas sem a droga, “perdem a noção” e fazem de “tudo para consegui-la”. É nesse momento que aparecem as narrativas de roubo a parentes, conhecidos, vizinhos, seguidos de eventuais agressões.

Almeida (2010) e Ribeiro, Sanchez e Nappo (2010, p.211) relatam que os/as usuários/as de crack, em sua maioria, por manterem um uso intenso e descontrolado da droga, adotam um estilo de vida desregrada e se envolvem com crimes, atividades ilícitas e violência, perdem a noção dos riscos e o valor de suas vidas e tornando-se vulneráveis a mortes por causas externas: “[...] em estudo com duração de cinco anos com usuários de *crack*, constatou que 18% da amostra, faleceram no período, por causas externas. Sendo observado também que 56,6% das mortes, foram homicídios”.

Em estudos atuais, evidencia-se que alguns/mas usuários/as de crack conseguem manter-se por muitos anos vivos e ativos no consumo, mesmo perante as vulnerabilidades e risco eminentes do contexto. Com o tempo, houve um declínio nos números de mortes externas relacionadas a essa droga, provavelmente essas pessoas adquiriram conhecimentos sobre estratégias de proteção (RIBEIRO; SANCHEZ; NAPPO, 2010).

Essas pesquisas constataam que o uso não controlado e problemático de crack, sendo o mais comum entre os/as usuários/as de crack no Brasil, após uma década de sua existência, houve uma mudança cultural em seu padrão, passando a ser controlado para alguns/mas usuários/as, observado anteriormente também nos Estados Unidos.

Embora a situação seja alarmante, nos Estados Unidos tem-se identificado a existência do uso controlado de crack, caracterizado como um consumo a longo-prazo, não-diário e racional, em que o usuário, por meio de estratégias de autocontrole, não tem permitido que a necessidade pela droga governe sua vida. No Brasil, em princípio, esse uso controlado não havia sido detectado entre os usuários de crack. O uso de crack persiste em território brasileiro, apesar dos graves problemas que causa a quem consome, como marginalidade, criminalidade e efeitos físicos e psíquicos devastadores. Desta forma, suspeita-se que a cultura de uso tenha sofrido mudanças desde sua primeira descrição, realizada na cidade de São Paulo, há 11 anos (OLIVEIRA; NAPPO, 2008, p.665).

O controle do crack está relacionado com o uso não diário e estratégias de atividades sociais, tais como; lazer, trabalho, família, entre outros, estes que resguardam a marginalização. Outras características comuns que levaram algumas pessoas a terem o autocontrole do crack, foram as experiências prolongada de períodos compulsivos dessa droga, a conscientização disso e também o:

[...] fato de acreditarem não ter mais estrutura física, psíquica ou moral para lidarem com as consequências decorrentes do próprio consumo, assim como a observação da vida desastrosa de colegas de uso, foram os principais motivos para o “despertar” do indivíduo à vida, dirigindo-se ao uso controlado ou até mesmo à abstinência (OLIVEIRA; NAPPO, 2008, p. 669).

O uso do crack tornou-se um desafio para os governos municipais, estaduais e federais, nas áreas de saúde, social e segurança, pois as informações e pesquisas disponíveis sobre as outras drogas são limitadas em relação as peculiaridades sobre a complexidade do crack.

Nesse cenário, como parte de uma estratégia nacional, foi implementado pelo Governo Federal o Plano Integrado de Enfrentamento ao Crack e Outras Drogas, por meio do Decreto nº. 7.179 de 20 de maio de 2010, alterado pelo decreto 7.637 de 08 de dezembro de 2011, que instituiu o Programa Crack, é possível vencer, apoiado em três eixos estruturantes de cuidado, autoridade e prevenção (BASTOS; BERTONI, 2014, s/p).

Capítulo II. PRÁTICAS SOCIAIS E PROCESSOS EDUCATIVOS

Este capítulo tem o objetivo de assinalar como as pessoas se educam em diferentes práticas sociais, explicitando o uso do crack em espaços públicos, como uma prática social. Em primeiro lugar, devemos lembrar que práticas sociais são ações e relações entre pessoas ou grupos que se estabelecem em espaços de convivências e nestes, a possibilidade, através dos processos educativos, da formação dessas pessoas, seja pela troca de saberes, valores, visão de mundo, sendo dentro ou fora da escola.

Práticas sociais decorrem de e geram interações entre os indivíduos e entre eles e os ambientes, natural, social, cultural em que vivem. Desenvolvem-se no interior de grupos, de instituições, com o propósito de produzir bens, transmitir valores, significados, ensinar a viver e a controlar o viver, enfim, manter a sobrevivência material e simbólica das sociedades humanas (OLIVEIRA et al., 2014, p.33).

A educação tem o papel fundamental na formação do ser humano, contribuindo com a humanização ou desumanização do indivíduo, neste sentido pesquisar processos educativos em práticas sociais significa ampliar e compreender esse processo.

[...] Partimos do entendimento de educação como formação humana, que se dá nas mais diversas práticas sociais das quais essas pessoas participam. Práticas por vezes opressivas, por vezes emancipatórias, democráticas, humanizantes. Por vezes, contraditoriamente, como o são os seres humanos, ora um, ora outro (OLIVEIRA; SOUSA, 2014, p.8).

Este referencial teórico coincide com a proposta desta pesquisa em investigar práticas sociais com grupos marginalizados, objetivando valorizar seu saber e história, desqualificados ou negados pela sociedade.

[...] as pessoas se formam em todas as experiências de que participam em diferentes contextos ao longo da vida. Em grupos sociais desqualificados, por vezes há o senso comum de que em suas práticas nada se aprende ou que se aprendem apenas habilidades e valores tidos como negativos (OLIVEIRA et al., 2014, p.36).

De acordo com Oliveira et al. (2014), as práticas sociais contribuem com a formação da pessoa para a vida, por meio dos processos educativos que se desencadeiam em diferentes contextos, como dança de rua, comissões locais de saúde, educação de jovens e adultos ou religião.

Outros exemplos de pesquisar processos educativos em práticas sociais são trazidos e desencadeados em diversos espaços não escolares, mesmo com grupos distintos, mantem em comum o fato de haver, entre as pesquisas, a horizontalidade, o saber compartilhado, a dialogicidade, a humanização e a ampliação do senso crítico da realidade.

Com a proposta de criação audiovisual com grupo de dança de rua, formada por jovens da periferia de São Carlos, interior de São Paulo, Ribeiro Junior (2009) apresenta que, através do processo de criação, com a metodologia de convívio dialógico e humanizador, as práticas sociais auxiliam na formação humana, contribuem com a construção comunitária entre as pessoas envolvidas no contexto e com a consciência crítica da realidade.

No grupo de dança de rua supracitado foram desvelados processos educativos, pelos quais os/as jovens associaram a relação entre eles/as com a de suas famílias, através do amor, confiança, respeito e responsabilidade. O autor pontua como desafio, que deveriam ser mais comuns pesquisas na área de Educação e Comunicação direcionadas para criação audiovisual, pois poderiam contribuir com a formação crítica e transformadora da sociedade (Ribeiro Junior 2009).

Barbosa (2008), em sua pesquisa sobre os processos educativos experienciados pelas/os participantes da Comissão Local de Saúde do município de Piracicaba-SP, acrescenta que a prática social vivenciada na participação e controle social desse grupo possibilita gerar ensino e aprendizagem através da humanização entre as pessoas no educar-se em conjunto. Na prática social, as pessoas envolvidas desvelam possibilidades de se expor, expressar, opinar, colaborar diante das situações cotidianas do espaço, com participação nas reuniões, melhorando nos seguintes aspectos; relacionamento interpessoal, no planejamento de na realização de ações. Objetivando, principalmente, contribuir com estratégias na proposta de políticas públicas.

A pesquisa realizada por Franzi (2007) sobre a leitura do mundo, realizada com educandas e educandos do Educação de Jovens e Adultos (EJA), relaciona-se com os conceitos de experiência e educação contidas em algumas obras de Paulo Freire. A autora coloca que foi desvelado pelos participantes do estudo, que nas sociedades modernas os “saberes de experiência feito” são desqualificados e marginalizados e que através das diversas práticas sociais desenvolvidas em ambientes não escolares, as pessoas vivenciam suas experiências existenciais e estas podem se relacionar com a educação escolar, permitindo a construção do saber, em ambas.

A autora identifica também que para estas/es educandas e educandos a escola estimula a participação social, processo de formação política, e tem função humanizadora, pautada no respeito e solidariedade, que a educação tem que estar sempre integrada com as experiências deles/as e sua ausência traz prejuízos para suas vidas (FRANZI, 2007).

Albuquerque (2010) traz, enquanto espaço educativo, a religião do Santo Daime¹⁹ em que são vivenciados processos educativos que produzem um conjunto de saberes que circulam e são apreendidos entre as pessoas que vivenciam a religião. Entre os saberes, a autora destaca os ecológico-ambientais, cognitivos, estéticos (canto e música), medicinais, interculturais entre diversas tradições religiosas (indígenas, cristãs, africanas, espiritismo e esoterismo) e educação para a paz.

[...] em particular, das plantas professoras (como a ayahuasca ou daime) é fértil à compreensão dos processos educativos na Amazônia, região marcada por uma gritante diversidade de grupos humanos, histórias, complexos ambientais, situações sócio lingüísticas, práticas cuidativas, poéticas e imaginários (ALBUQUERQUE, 2010, p.363).

Ainda sobre os espaços de educação, as autoras e o autor apontam em suas pesquisas na área da saúde que, na Estratégia Saúde da Família, os/as profissionais desse contexto, diante de dificuldades na comunidade, buscam novas formas de fazer saúde, através do modelo educativo dialógico, reconhecendo que é necessário que os indivíduos olhem para o seu cotidiano de forma crítica e isso só é possível através da conscientização da realidade e não pela transmissão de informações sobre saúde. Neste sentido, o diálogo é fundamental para identificar os reais problemas da comunidade, “[...] possibilitando sua participação ativa (e não mais passivo-receptora) nos processos educativos” (SILVA; DIAS; RODRIGUES, 2009, p.1459).

Com a problematização da realidade, através do compartilhamento dialógico de conhecimento na comunidade, os agentes comunitários de saúde e os outros moradores, podem resolver, desde que juntos, as situações vivenciadas pela população e modificar suas realidades, através de estratégias que incluem “[...] a organização política de sua comunidade, aliados ao seu potencial engajamento em práticas e movimentos sociais [...]”. Só assim

¹⁹ “[...] saberes da ayahuasca, bebida de origem indígena feita da combinação de um cipó e as folhas de um arbusto da Amazônia, utilizada em diferentes contextos culturais como é o caso da religião brasileira conhecida como Santo Daime” (ALBUQUERQUE, 2010, p.351).

poderão ocorrer a mudança e avanços desejados “[...] direcionada para um modelo assistencial capaz de contemplar a equidade, a integralidade, a humanização e a participação popular” (BORNSTEIN; DAVID; ARAUJO, 2010, p.100).

Os processos educativos expostos acima desenvolvidos em práticas sociais são essenciais nos ambientes escolares e não escolares para a construção do saber das pessoas, através da valorização do indivíduo enquanto *ser mais* e no desenvolvimento do senso crítico.

Segundo Freire (1992) é possível uma prática educativa progressista processual que considera o sujeito numa relação dialógica, em que educador aprende ao ensinar e o educando ensina ao aprender. A prioridade tem que ser o respeito aos sujeitos envolvidos neste processo. Este autor diferencia educação bancária²⁰ e educação problematizadora, na primeira o educador tem uma relação vertical com o educando, sendo este considerado um depósito de informação, memorizado mecanicamente. Na segunda a metodologia educativa é horizontal, dialógica, respeita os sujeitos envolvidos no processo educativo (FREIRE, 1987).

Os processos educativos envolvem a relação entre educador e educando e têm o “diálogo” como fundamental. A prática educativa precisa ter um caráter político, respeitando a história, cultura e linguagem de cada sujeito (FREIRE, 1992). Para possibilitar o diálogo nas relações é necessária a ação e reflexão através da práxis, “[...] se enfatiza ou exclusiviza ação, com o sacrifício da reflexão, a palavra se converte em *ativismo*” (FREIRE, 1987, p.78). Quanto ao saber e o fazer, no processo cultural, não existe um primeiro e depois o outro, eles se relacionam dialeticamente. E o aprender é o reinventar o mundo na práxis e não aceitá-lo como algo pronto e determinado por outros (FIORI, 1997).

Freire (1987) propõe uma prática educativa emancipadora, na qual através da liberdade e humanização, cada sujeito, junto com seus iguais, pode deixar a condição de oprimido e conquistarem juntos à autonomia. Para isso, no entanto, é necessário perceber a sectarização que se dá quando o indivíduo ou seu grupo percebem a realidade de maneira equivocada, alienada e irracional. A realidade pode ser modificada pela radicalização que, ao contrário, permite a crítica, é libertadora e o diálogo, junto com o amor, passa a fazer parte das relações.

Como posso dialogar, se não me sinto participante de um gueto de homens puros, donos da verdade e do saber, para quem todos os que estão fora são ‘essa gente’, ou são ‘nativos inferiores’? [...] Somente com a supressão da

²⁰ “Em resumo: a teoria e a prática bancária, enquanto forças de imobilização e de fixação, não reconhecem os homens como seres históricos; a teoria e a prática críticas tornam como ponto de partida a historicidade do homem” (FREIRE, 1979, p.42).

situação opressora é possível restaurar o amor que nela estava proibida (FREIRE, 1987, p.80).

Fiori (1997, p.13) traz a reflexão sobre a importância de aprender a dizer a sua palavra, a partir da educação libertadora, sendo esta transformadora do mundo e cada pessoa autora de sua própria história e existência. “Com a palavra, o homem se faz homem. Ao dizer a sua palavra, pois, o homem assume conscientemente sua essencial condição humana”.

Freire (1979, p.27) coloca que tanto no processo de aprendizagem político quanto no linguístico podem domesticar (desumanizante) ou libertar (humanizante) o homem, sendo que a prática da conscientização, só é possível através da humanização. “A alfabetização e a conscientização são inseparáveis”.

Todo aprendizado deve estar intimamente associado à tomada de consciência de uma situação real e vivida pelo aluno. O processo libertador possibilita a desmitificação da realidade²¹. Portanto conscientização é olhar com criticidade para a realidade para desvela-la e “[...] conhecer os mitos que enganam e que ajudam a manter a realidade da estrutura dominante” (FREIRE, 1979, p.17).

A crítica como parte do processo educativo à torna revolucionária, esperançosa e movimenta homens e mulheres para um futuro de sabedoria e ação. O projeto revolucionário educativo propõe a luta contra as estruturas opressoras e desumanizantes.

A educação crítica é a "futuridade" revolucionária. Ela é profética – e, como tal, portadora de esperança – e corresponde à natureza histórica do homem. Ela afirma que os homens são seres que se superam, que vão para a frente e olham para o futuro, seres para os quais a imobilidade representa uma ameaça fatal, para os quais ver o passado não deve ser mais que um meio para compreender claramente quem são e o que são, a fim de construir o futuro com mais sabedoria. Ela se identifica, portanto, com o movimento que compromete os homens como seres conscientes de sua limitação, movimento que é histórico e que tem o seu ponto de partida, o seu sujeito, o seu objetivo (FREIRE, 1979, p.42)

Freire (2001) deixa claro que a alfabetização é formadora da cidadania e está para além da sala de aula. Relaciona-se com a história, cultura e contexto em que cada pessoa se encontra inserida, por vezes repleta de opressão social e ausência de democracia, o que impossibilita o exercício de ser cidadão no gozo dos direitos e de deveres civis, políticos.

²¹ “[...] desmistificar a realidade: é o processo pelo qual aqueles que antes haviam estado submersos na realidade começam a sair, para se reinserirem nela com uma consciência crítica” (FREIRE, 1979, p.39).

Portanto, o autor enfatiza que qualquer sabedoria ensinada e aprendida é instrumento de liberdade e autonomia. “[...] uma das primordiais tarefas da pedagogia crítica radical libertadora [...] é trabalhar a legitimidade do sonho ético-político da superação da realidade injusta” (FREIRE, 2000, p.43).

2.1. Prática Social - Uso de Crack em Espaço Público

Neste capítulo, trago a reflexão sobre a prática social da pesquisa. Parte-se da compreensão do educar-se como uma construção em relações intersubjetivas do indivíduo, tendo-se como objeto de estudo os processos educativos que se dão na prática social do uso do crack em espaço público.

Os indivíduos que fazem uso de crack são estereotipados e criminalizados na nossa sociedade e essa prática social, quando realizada em espaços públicos, se mistura com a convivência e diversas experiências, além do uso da substância, como moradia, relações afetivas, de amizade, de tensão, de repressão. No cotidiano dessas pessoas, a vida acontece sem delimitação do que é público e privado e a discussão da casa e da rua é necessária para embasar esse debate.

DaMatta (1991, p.17) faz a discussão social sobre a casa e a rua, para um melhor entendimento da sociedade brasileira globalizada²², neste caso ocidental, em que ambas se relacionam mutuamente, através de “categorias sociológicas” que estão além do espaço físico, e são também de ordem moral, de “[...] esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas”.

Este mesmo autor, através dos estudos históricos sobre a casa, desde a sociedade feudal, a compara com um grande palco, como um local privilegiado das famílias com atores/as que representam papéis de controladores. Ao longo do tempo, o conceito de casa passou a ser o de lugar de estabelecer hierarquias, regras, da individualidade, da intimidade,

²² “[...] entidade que se faz e refaz por meio de um sistema complexo de relações sociais, elos que se impõem aos seus membros, indicando – tal como acontece numa peça de teatro ou num cerimonial – tudo aquilo que é estritamente necessário e tudo o que é indispensável ou superficial para que se possa criar e sustentar o evento que se deseja construir [...]” (DaMATTA, 1991, p. 15).

de expor opiniões, de “supercidadãos”, ou seja, do *ser*. Já a rua, comparada com a casa, foi dada a conotação negativa, sendo o lugar do anonimato, da perversão, de todos ao mesmo tempo de ninguém, do proibido, do profano, da solidão, de rupturas, do perigo, da subversão, do coletivo, da falta de paz, do desumano, do desrespeito, da desordem, problema do governo, de “subcidadãos”, do *não ser* (DaMATTA, 1991).

Dussel (1977) através do pensamento latinoamericano, define o *ser* como totalidade de sentido, opressor, controlador e dominador do oprimido, cultural e sinônimo de liberdade, já o *não ser* como exterioridade, oprimido, controlado e dominado pelo opressor, nada, sem-sentido, pobre, bárbaro, analfabeto, incultural e sem liberdade. A reflexão desse autor tem afinidade com DaMatta (1991) sobre o *ser* e *não ser*.

Enquanto outro incondicionado, exterior, o outro como outro consiste num não-ser. Além do horizonte do ser, o outro é o bárbaro (que não é homem para Aristóteles), ou a mulher na sociedade machista (que é castrada para Freud), ou o órfão que nada é e deve aprender tudo (como o Emílio de Rousseau). Visto que não é, enquanto alteridade da totalidade, pode-se também dizer que é nada (DUSSEL, 1977, p.51).

Na reflexão sobre a libertação da América Latina e conseqüentemente da nossa sociedade que está dividida entre o *ser* e o *não ser*, o autor propõe que essa ação seja realizada com o oprimido, através de sua consciência crítica e da práxis (DUSSEL, 1977, p.182):

[...] Pensar tudo à luz da palavra interpelante do povo, do pobre, da mulher castrada, da criança e da juventude culturalmente dominada, do ancião descartado por uma sociedade de consumo, com responsabilidade infinita e diante do Infinito, isto é filosofia da libertação. A filosofia da libertação deveria ser a expressão máxima da consciência crítica possível.

Na construção da sociedade brasileira, a casa é considerada o lugar da harmonia, do amor e a rua, da desarmonia, das disputas, de desafeto. Neste sentido, ambas são distintas, não possibilitando a comparação, “[...] a não ser quando recriamos no espaço público o mesmo ambiente caseiro e familiar [...]” (DaMATTA, 1991, p.23).

Segundo Ferreira (2001), principalmente para as pessoas que vivem em situação de rua, nela se busca, na tentativa de satisfazer o imaginário, o prazer, a liberdade, os encontros, a procura pelo que falta em casa. Já a casa, como coloca a autora, é o espaço de aconchego, do certo, da intimidade, da construção dos valores e da moral, é onde habita a família.

A rua foi instituída, culturalmente pela sociedade, como o espaço dos excluídos e de ausências de direitos. “Assim, na rua são depositadas as perdas causadas pelas exclusões sucessivas e, no seu oco, a ausência ou precariedade dos dispositivos de proteção à vida, construídas pela cultura ao longo do tempo: a lei, a garantia de direitos e deveres, a ciência, a saúde, lazer, trabalho, arte... [...]” (FERREIRA, 2001, p.34).

A delimitação do que é rua e casa, construída historicamente, conseqüentemente o público e privado, foram considerados opostos, mesmo assim, não podemos analisá-las estáticas e sim ao contrário, pois a relação entre ambas é dinâmica, complexa e complementar. Nesse sentido, o autor destaca que existem pessoas, categoria social ou grupos que transformam alguns espaços da rua em espaços fechados e passam a viver neles, como em uma casa (DaMATTA, 1991).

Sobre a definição de espaço, as cidades brasileiras são organizadas espacialmente e moralmente de maneira hierarquizada, “entre centro e periferia, dentro e fora” (DaMATTA, 1991, p.36), tendo as periferias olhares negativos desta sociedade, lugar da contradição, do conflito, da pobreza, ficando escondidas. Fazendo uma analogia com a discussão sobre a filosofia da libertação, tem-se a América Latina como um dos países da periferia (não ser) e Estados Unidos da América e Europa como países do centro (ser). “[...] identidade do poder e da dominação, o centro, sobre as colônias de outras culturas, sobre os escravos de outras raças. O centro é; a periferia não é” (DUSSEL, 1977, p.12).

Para DaMatta (1991) além de centro e periferia, também há os espaços transitórios, que são locais criados por grupos específicos, com suas identidades sociais, para realizarem determinadas práticas. Permite assim, reportamos ao uso de crack em espaços públicos, conhecidos, como já citados, de *Cracolândias*, esta prática vem aumentando no Brasil, desde final da década de oitenta. Sendo, em sua maioria, ruas, terrenos, imóveis desocupados, praças e “localidades de residência ou trabalho da classe média (e não mais restritas às bocas de fumo, localizadas em comunidades empobrecidas)”. Estes também são denominados como “cenas abertas”, por alguns pesquisadores e na literatura antropológica e sociológica, devido à complexidade do contexto da população usuária de crack, assim como suas diferenças regionais e locais (BASTOS; BERTONI, 2014, p.18).

Estes espaços, além dos estigmas criados ao longo do tempo, foram criminalizados pela prática ilegal dessa droga, justificando algumas ações truculentas da polícia, em meio a diversas outras relações existentes. Frúgoli Junior e Cavalcanti (2013) trabalharam o conceito

de territorialidade itinerante nestes espaços. Devido à mobilidade e vulnerabilidade desses/as usuários/as, estes autores colocam o seguinte:

Partimos também da ideia de que tais territorialidades, embora proscritas, estigmatizadas e alvo de uma série de práticas disciplinares, não constituem propriamente um mundo isolado, mas envolvem uma série de relações, interações e conexões, nas quais os usuários de crack têm um papel proeminente, mas articulado a uma série de outros sujeitos, cujos arranjos dialogam com cada contexto particular e são marcados por variações situacionais. [...] Trata-se também de compreender dinâmicas que produzem tanto “territorialidade” quanto “itinerância” [...] (FRÚGOLI JUNIOR; CAVALCANTI, 2013, p.4).

A criminalização do uso de crack não é o fator determinante da *higienização* do governo nesses espaços, está mais relacionado à especulação imobiliária, mercado, grandes eventos internacionais, como Copa do Mundo e Olimpíadas. Segundo Frúgoli Junior e Cavalcanti (2013, p.6) “[...] o Estado realiza investimentos em infraestrutura aliados a grandes esforços de ‘recuperação’ de regiões consideradas degradadas, perigosas ou fora de seu alcance, com o objetivo último de tornar essas regiões permeáveis, ou atraentes para as forças do mercado”.

Capítulo III. METODOLOGIA

Neste capítulo serão apresentadas as reflexões que influenciaram a escolha e postura epistemológica adotada nesta pesquisa, bem como os caminhos percorridos, procedimentos metodológicos e suas etapas: inserção, aproximação, escolhas dos/as colaboradores/as e como foi realizada a análise dos dados.

Pensar no problema da pesquisa em educação, formular o projeto com suas justificativas, objetivos, questão, metodologia e resultados, exige algo anterior que é fundamental para a formação da/o pesquisadora/o, a saber, seu processo de investigação e conseqüentemente as relações da pesquisa com a educação e sua contribuição para a sociedade.

Quando nos referimos ao termo epistemologia da pesquisa educacional, significa que tomamos como objeto a produção do conhecimento gerado como pesquisa científica na área de educação e a analisamos à luz das categorias filosóficas, utilizando para isso esquemas conceituais que propiciam o estudo das articulações entre os elementos constitutivos da investigação (técnicas, métodos, teorias, modelos de ciência e pressupostos filosóficos) (GAMBOA, 2007, p.50).

A escolha epistemológica desta pesquisa está relacionada com a construção de conhecimento compartilhado entre o saber científico e o saber popular e é coerente com a Linha de Pesquisa em Práticas Sociais e Processos Educativos e com o projeto de libertação da América Latina relacionado aos pensamentos teóricos de Paulo Freire, Ernani Maria Fiori, Enrique Dussel, Boaventura de Souza Santos entre outros autores. A metodologia se funda em processos de investigação dialógica a partir da convivência entre pesquisadora e colaboradores/as da pesquisa.

De acordo com Quijano (2005), como consequência da modernidade, que se iniciou com a colonização das Américas, temos a construção de novas intersubjetividades e conhecimentos, pautados no padrão mundial de poder, o eurocêntrico.

A elaboração intelectual do processo de modernidade produziu uma perspectiva de conhecimento e um modo de produzir conhecimento que demonstram o caráter do padrão mundial de poder: colonial/moderno, capitalista e eurocentrado. Essa perspectiva e modo concreto de produzir conhecimento se reconhecem como eurocentrismo (p.17).

Com o sistema-mundo (capitalista) vigente, as sociedades oprimidas (exterioridade) passam a ser instrumento de controle do eurocentrismo (totalidade), principalmente sua economia, e uma das consequências é a precariedade na educação e saúde.

As sociedades latino-americanas caracterizam-se por uma estrutura social hierárquica e rígida; pela falta de mercados internos, já que sua economia está controlada a partir do exterior: pela exportação de matérias-primas e importação de produtos manufaturados, sem que possam impor seus pontos de vista; por um sistema precário e seletivo de educação, no qual as escolas são um instrumento para manter o “status quo”; por altas percentagens de analfabetismo e de doenças ingenuamente compreendidas como “doenças tropicais” e que, na realidade, são doenças devidas ao subdesenvolvimento e à dependência; por taxas alarmantes de mortalidade infantil; pela desnutrição que, às vezes, tem efeitos irreparáveis nas faculdades mentais; por uma débil esperança de vida e uma taxa elevada de criminalidade (FREIRE, 1979, p35).

Diante dessa realidade, o povo ocidental se tornou desqualificado e objeto do homem europeu, sendo negada sua exterioridade como alteridade. Dussel (1995) aponta que, através da filosofia da libertação, é possível dialogar e respeitar o Outro ocidental em sua exterioridade, avançando além do mundo totalizado europeu. Com o colonialismo europeu da América Latina, após o século XVI, esta, passa a ser considerada periférica do sistema-mundo. Como resultado, temos o *Projeto Modernidade / Colonialidade e Descolonialidade*, sendo uma proposta epistemológica, em destaque, nos debates entre intelectuais desse território (QUINTERO, 2010).

Dussel (1995) propõe o diálogo crítico com filósofos europeus, denunciando o eurocentrismo (que desqualificou outros horizontes) e anuncia uma filosofia da libertação, que parta da periferia. Este mesmo autor aponta que a totalidade do mundo foi tema de uma construção ontológica na filosofia ocidental, que foi colocada em debate para uma possível superação do mundo.

En realidad, esa totalidad es opresora; es la totalidad europea del siglo XV al siglo XX que colocó a otros hombres como si fueran cosas en su mundo; los "comprendió" en su cotidianidad y los pensó en su filosofía ontológico-dialéctica. Este mundo se pensó único, neutro, natural, incondicionado y exclusivo punto de apoyo de todo pensar posible. El Otro fue reducido a ser un ente dentro de tal mundo. Esto es lo que hay que cuestionar, porque América latina es exterior a ese mundo que tiene por centro un "yo" europeo. (DUSSEL, 1995, p. 231).

Galeano (1990) também assinala que os países da América Latina estão desenvolvendo, por meios distintos, experiências diferentes de mudanças dessa realidade em relação às classes dominantes.

Como alternativa para a dominação e a opressão do paradigma sobre o conhecimento, Santos (2007) traz a discussão quanto à desconstrução das linhas cartográficas “abissais” que consideram o conhecimento científico como único e legítimo. Propõe a construção epistemológica de uma “Ecologia de Saberes” através da valorização do saber não científico e sua interação com o saber científico. O autor chama de conhecimento pós-abissal a relação da academia com a sociedade para a construção do conhecimento na contemporaneidade através da ecologia dos saberes. Fundada na diversidade epistemológica, possibilita pensar um novo jeito de fazer ciência, interferindo também na visão de mundo de cada pessoa.

Santos (2007) discorre sobre a preocupação com a transformação do pensamento abissal, através de instrumentos conceituais e políticos e seu impacto na educação. Define três conjuntos de questões para esta construção epistemológica:

O primeiro conjunto se refere à identificação de saberes e levanta uma série de questões que têm sido ignoradas pelas epistemologias do Norte global. [...] O segundo conjunto levanta questões referentes aos procedimentos que permitem relacionar os diferentes saberes entre si. [...] O terceiro questionamento diz respeito à avaliação das intervenções no mundo real possibilitadas pelos saberes. Como se pode traduzir tal perspectiva em prática de conhecimento? Na busca de alternativas à dominação e à opressão [...] (SANTOS, 2007, p. 93).

Dussel (2005) propõe a superação da “Modernidade”. Trata-se de uma Trans-Modernidade, um projeto mundial de libertação eurocêntrica econômica, política, erótica, pedagógica etc., na qual o povo da periferia passa a ser incluído, seu saber e cultura respeitados e a sua alteridade incorporada.

De acordo com Gamboa (2007, p.28), nos anos setenta do século XX, alguns pesquisadores em Educação começaram a se preocupar com as influências das concepções positivistas. “Em relação a essa perspectiva critica-se a preocupação por constatar, descrever, congelar e prever fatos, comportamentos humanos e sociais ou sistemas de representação como se fossem objetos inanimados e distanciados do pesquisador por meio dos instrumentos e das técnicas de pesquisa”, sendo considerada inadequada para a educação, surgiram então novas tendências epistemológicas, entre elas a “pesquisa participante” e a “pesquisa-ação”.

Outras reflexões trazidas por Gamboa (2007), também referentes à relação dialética entre a teoria e a prática na educação, chama atenção para a falta de um estatuto

epistemológico neste campo. Este é o foco de estudos de outras ciências, entre elas biologia, psicologia, história. Tal processo é classificado como colonialismo epistemológico, que se apropria da educação, sem trazer grandes contribuições. A pesquisa serve para fazer bons diagnósticos, transformando a educação em ciências aplicadas, “[...] uma alternativa para superar o colonialismo epistemológico e essa condição de ‘ciências aplicadas’ consiste na redefinição das ciências da educação como ciência da ação e a pedagogia como uma teoria da prática educativa” (GAMBOA, 2007, p.121).

A contribuição do pesquisador em educação, além de sua formação e conhecimento epistemológico está também em desconstruir este “circuito de entendimento” (colonialismo epistemológico) e seu papel em se comprometer com a produção e construção de conhecimento, independente do caráter multidisciplinar. Já a ciência da ação precisa sempre ter como ponto de partida e chegada, a educação, daí sim é possível contribuir com a academia e com a sociedade. Uma teoria é válida à medida que transforma a prática e a prática também é verdadeira à medida que transforma a teoria. Dessa relação dialética surge o princípio da validade do conhecimento como fonte de transformação da realidade: “[...] conhecer para transformar” (GAMBOA, 2007, p.119).

3.1. Caminhos percorridos na pesquisa

A metodologia está relacionada com os caminhos percorridos pela investigadora no processo da pesquisa científica, na qual ela define seus métodos e técnicas, pautadas na escolha de concepções teóricas abordadas, sendo estas, coerentes e adequadas no que se pretende investigar e desenvolver na pesquisa. Fazem parte desse processo a escolha do local e grupo de pesquisa, a construção de critérios e estratégias para o campo, além de organização e análise de dados. “[...] a metodologia inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade” (MINAYO, 1994, p.16).

Segundo Navarrete et al. (2009) “[...] é o corpo teórico ou teoria do conhecimento de que se dota o investigador para a aproximação geral ao estudo de um objeto. Faz referência ao conjunto de teorias, conceitos e ferramentas [...] para aproximar-se a compreensão do mundo” (p.22).

Como metodologia foi utilizada a pesquisa qualitativa, pois “[...] possibilita abranger a totalidade do problema investigado em suas múltiplas dimensões” (MINAYO, 1994, p.43). A

pesquisa qualitativa permite um olhar para o fenômeno através do subjetivo, processos e significados.

A diferença entre qualitativo-quantitativo é de natureza. Enquanto cientistas sociais que trabalham com estatísticas apreendem dos fenômenos apenas a região “visível, ecológica, morfológica e concreta”, a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas (MINAYO, 1994, p.22).

Segundo Chizzotti (1995), a pesquisa qualitativa, no alcance do conhecimento, tem como um dos princípios, a relação entre o mundo objetivo e subjetivo do sujeito, separando então, de uma teoria explicativa, “[...] parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto” (p.79).

Na pesquisa em educação, a abordagem qualitativa não se preocupa em testar hipóteses e sim com a pesquisa em diversos contextos, descrever detalhadamente o cotidiano das pessoas, locais e conversas, pesquisar a complexidade dos fenômenos, através de pequenas amostragens teóricas. O pesquisador deve cumprir o papel de manter uma relação de empatia, confiança e igualdade, sendo que o objetivo principal é pesquisar a partir da compreensão dos sujeitos sobre seus comportamentos e experiências humanas (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

O uso do método qualitativo em educação é recente, tem início no final dos anos sessenta, do século XX. Devido à mudanças econômicas e sociais que afetaram a sociedade em geral, surgiu a necessidade de compreensão e conhecimento da vida cotidiana das pessoas, principalmente a descrição esclarecedora dos contextos escolares e da parcela desfavorecida e marginalizada da sociedade, *os que se encontram ‘do outro lado’*, pois surge a necessidade de beneficiar a humanidade e sua cultura e contribuir com mudanças sociais, questões que o método quantitativo não daria conta (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Nesse período, inicia-se a abertura de vários debates entre os/as pesquisadores/as quantitativos e qualitativos, sendo os últimos até então, considerados marginais. Desta feita, começam a crescer as pesquisas em educação com o enfoque qualitativo e a utilização de diversos procedimentos metodológicos e temas:

Alguns investigadores qualitativos em educação efectuaram “trabalho de campo” - observação participante, entrevistas em profundidade ou etnográfica – despendendo grandes quantidades de tempo nos locais de investigação e com os sujeitos ou documentos de investigação. Registraram os seus apontamentos por escrito como modo de preservar os dados a

analisar, incluindo grande quantidade de descrições, registros de conversas e diálogos [...] (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.40).

O autor e a autora apresentam cinco características principais das pesquisas qualitativas. Na primeira característica, colocam que a fonte de dados é relacionada ao ambiente natural como principal instrumento da investigação e o/a pesquisador/a deve estar inserido em diversos espaços como escolas, bairros, permanecendo bastante tempo nesses locais, na tentativa de desvelar questões educativas, utilizando exclusivamente anotações do campo. “Os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entendem que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência [...]” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.48).

A segunda característica apontada pelo/a autor/a, é que a pesquisa tem que ser descritiva, através de palavras ou imagens, para melhor apresentar os dados e resultados. Em terceiro lugar, afirmam que os/as pesquisadores/as se preocupam mais com o processo do que com os resultados, desta maneira, é possível compreender, a realidade da pesquisa. Ao apontarem a quarta característica os/as autores/as chamam a atenção para a análise dos dados sem hipóteses pré-estabelecidas, pois, na pesquisa qualitativa se trabalha de forma indutiva e a teoria do objeto pesquisado é elaborada após o pesquisador passar o tempo necessário com os sujeitos e recolher os dados precisos. Neste caso, o papel principal do pesquisador é contribuir com a construção de conhecimento. De acordo com a quinta e última característica, o/a pesquisador/a qualitativo tem que estar preocupado com a construção dos significados dados naquele contexto pelos/as colaboradores/as da pesquisa, suas visões de mundo. Essa construção deve ocorrer em conjunto com os envolvidos na pesquisa (pesquisadora/o e colaboradores/as) (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.51).

[...] Os investigadores qualitativos estabelecem estratégias e procedimentos que lhes permitam tomar em consideração as experiências do ponto de vista do informador. O processo de condução de investigação qualitativa reflecte uma espécie de diálogo entre os investigadores e os respectivos sujeitos, dado estes não serem abordados por aqueles de uma forma neutra.

Todas as relações humanas carecem de horizontalidade, inclui-se o/a pesquisador/a e colaboradores/as no processo do trabalho, do contrário, o primeiro corre o risco de fazer o papel de opressor, impondo sua própria verdade (FREIRE, 1979).

3.2. Procedimentos Metodológicos

Os instrumentos de coleta de dados utilizados foram a observação participante, o diário de campo e a entrevista. A técnica da observação participante possibilitou obter informações detalhadas sobre a realidade do cotidiano pesquisado.

O observador, enquanto parte do contexto de observação, estabelece uma relação face a face com os observados [...]. A importância dessa técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real (MINAYO, 1994, p.59).

Segundo Oliveira et al. (2014), o pesquisador tem que se inserir na prática social que está sendo investigada e não apenas ser um visitante, procurando olhar, identificar e compreender os processos educativos, se dispondo a ser acolhido e a acolher. Precisa ainda compreender o campo sem julgar e não buscar apenas resultados, se preocupando com o processo. Assim, envolver-se com os grupos ou comunidades, como os/as colaboradores/as da pesquisa, e juntos compreenderem a educação que se dá em suas relações.

De acordo com Brandão (2007, p.12), o trabalho de campo, através da observação participante, requer convivência, vivência de relações interpessoais de caráter social e afetivo, estabelecidos entre as diversas pessoas envolvidas na pesquisa.

A própria relação interpessoal e o próprio dado da subjetividade são partes de um método de trabalho, por isso que a gente vai falar em observação participante; que vai falar, numa outra dimensão, em pesquisa participante; vai falar em envolvimento pessoal do pesquisador com as pessoas, com o contexto da pesquisa e assim por diante, como dados do próprio trabalho científico.

O diário de campo permitiu a coleta sistematizada dos dados de campo, propiciando o relato sobre o contexto, tanto coletivo como individual, possibilitando a elaboração de diagnósticos, análise e apontamentos essenciais. Este recurso permite e facilita o olhar e a leitura investigativa do fenômeno em estudo, que surge nas interações com os/as colaboradores/as.

Segundo Lopes et al (2002), o diário de campo não segue um padrão pré-definido, no qual o/a pesquisador/a faz os registros à sua maneira, relacionado à sua memória. O recorte do real refere-se a questões, tanto teórico-metodológicos, quanto subjetivas (visão de mundo), registrando tudo o que considera relevante. Brandão (2007) acrescenta que precisa fazer parte

das anotações do diário de campo, os acontecimentos, as falas e o pesquisador na postura de ver e entender do que perguntar.

Ainda conforme Lopes et al (2002) o diário de campo é um movimento dialético entre um olhar mais aprofundado e o olhar atento do pesquisador.

[...] Ao descrever fatos, situações, gestos e acontecimentos sobre a realidade conhecida e mediada pela teoria, está realizando um processo interpretativo, pois no Diário de Campo os fatos são narrados numa perspectiva que foge ao senso comum – científica portanto. E quando mediada por embasamento teórico adequado, essa perspectiva pode se tornar dialética (LOPES et al, 2002, p.134).

A dialética intersubjetiva é o:

[...] processo no qual a discussão teórica em profundidade e o lembrar do pesquisador tornam possível a descrição densa, permitindo ainda a interpretação sociológica de ações, palavras, expressões e do ambiente no qual a coleta dos dados ocorre e possibilitando, ainda, análise da interação pesquisador e sujeito pesquisado (COSTA, 2002, p.151).

Os registros de dados desta pesquisa foram elaborados após realizações de campo, pois a escrita durante a ação pode ser inibidora e despertar curiosidade nos sujeitos, além de retirar “[...] a atenção dos pesquisadores de situações reveladoras” (COSTA, 2002, p.152).

A pesquisa qualitativa, segundo o autor, possibilita apreender e revelar situações como, por exemplo, a liberdade, tranquilidade, as relações entre as pessoas, valores, culturas, etc, o que não seria possível com outras técnicas. “[...] É perfeitamente possível atribuir ao diário de campo a possibilidade de realizar em profundidade (para um investigador e os sujeitos da pesquisa) a dialética do encontro de subjetividades” (COSTA, 2002, p.157).

A entrevista é uma técnica que, por meio do diálogo, possibilita a compreensão dos processos educativos que se desenvolvem entre indivíduos e/ou grupos. De acordo com Minayo (1994, p.57):

Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), na observação participante o/a pesquisador/a geralmente conhece os sujeitos, o que propicia que a entrevista seja realizada em momentos descontraídos de diálogos. É importante que o entrevistado se sinta à vontade nesta relação,

para expor suas ideias sobre o assunto investigado. Este autor e autora colocam que a entrevista tem que conter perguntas que permitam respostas exploratórias e também que a escolha do grau de estruturação depende do objetivo da pesquisa.

Em investigação qualitativa, as entrevistas podem ser utilizadas de duas formas. Podem constituir a estratégia dominante para a recolha de dados ou podem ser utilizadas em conjunto com a observação participante, análise de documentos e outras técnicas. Em todas estas situações, a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.134).

De acordo com Brandão (2007) para obter mais dados objetivos do campo pesquisado, pode ser interessante iniciar a entrevista por situações do cotidiano que tenham sentido para os/as colaboradores/as da pesquisa, como foco em suas experiências de vida.

Existem pessoas para quem o melhor caminho, em que elas se sentem respeitadas e valorizadas, é quando se perguntam coisas que têm a ver com a comunidade, a partir da experiência delas, a experiência de migrante, de trabalhador, de lavrador, de gente do povo, de artista popular. Para outras pessoas, esse perguntar pela vida ameaça. Então, eles respondem, quando respondem, objetivamente, quando se pergunta como é que se faz aquilo. Muitas vezes é interessante num caso começar a pesquisa por um fio de vida, por uma história de vida e passar para uma interpretação mais analítica, mais crítica (BRANDÃO, 2007, p.19).

Ainda segundo Brandão (2007), participar do cotidiano pesquisado possibilita orientação para a elaboração do roteiro da entrevista (APÊNDICE - B). Desta forma, o mesmo foi construído após vários dias de inserção e convivência no campo, permitindo identificar situações essenciais do contexto que pudessem contribuir com o objetivo da pesquisa.

Uma das coisas que eu acho que mais tem comprometido uma certa qualidade de trabalho de campo é que, hoje em dia, esse dado tão rico do ver e compreender, do participar diretamente de relações sociais, e que mais uma vez eu quero dizer, não só é material de pesquisa como é material para ser pensado, para daí se fazer o roteiro da entrevista (BRANDÃO, 2007, p.19).

O roteiro de entrevista foi construído de forma a trazer pontos que seriam abordados com os/as entrevistados/as. Estes pontos foram elaborados com base nas observações participantes. Outras pesquisas do Grupo de Pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos também foram consultadas de modo a ampliar o entendimento sobre como os/as

pesquisadores/as têm conduzido as entrevistas. Foi de especial ajuda a dissertação de Almeida (2014).

A entrevista na pesquisa qualitativa não pode parecer invasiva e desconfortável aos/as colaboradores/as, tendo a observação participante o papel de acrescentar dados do contexto, na entrevista. De acordo com Brandão (2007, p.25):

Eu evito muitas vezes, sobretudo nessas situações, essa entrevista profissional, que é uma coisa, às vezes, horrorosa, imaginem vocês: uma pessoa entrar pela casa de vocês, se apresentar, sentar e começar malhar vocês de perguntas. Eu prefiro fazer diferente. Eu prefiro provocar a produção de material, em cima de uma observação. Eu sento e digo: “Oh, pessoal, mas vocês cantaram bonito agora, heim? Faz muito tempo que eu não ouço um canto tão bonito”. Disse alguma coisa que faz com que as pessoas se sintam empaticamente ligadas a mim e digo alguma coisa que vai produzir das pessoas um comentário.

A entrevista foi realizada, parcialmente, com sete imersões ao campo com datas e horários definidos antecipadamente, com um dos participantes desse estudo. Mesmo assim, não foi possível finalizá-la, devido a fatores do colaborador, como, envolvimento compulsivo com uso de crack e álcool, efeitos durante e após o uso, em conjunto com a vulnerabilidade exposta na *Mata do Gueto*. A pesquisadora, nestes momentos, manteve o respeito às limitações desse indivíduo e a postura como colocada por Brandão (2007, p.26):

Jogo de cintura pessoal, capacidade de sentir através das pessoas, não através da gente. Eu tenho roteiro, mas o meu principal roteiro é minha sensibilidade, a minha vivência. Eu tenho a impressão que o melhor mestre de cada um de nós é cada um de nós.

A coleta de dados foi realizada semanalmente, sendo o dia e horário de cada contato, planejado junto com os/as colaboradores/as da pesquisa. Cada ida ao campo atingiu aproximadamente três horas de duração. Segue abaixo o cronograma das atividades realizadas, para concretizar este estudo:

PROGRAMA DE COLETA DE DADOS

DATAS	ATIVIDADES
10.02.14	Reunião com a equipe do projeto <i>Educar</i>
11.02.14	Inserção no campo – <i>Mata do Gueto</i>
18.02.14	Reunião com a equipe do projeto <i>Educar</i>
25.02.14	Inserção no campo – <i>Mata do Gueto</i>

02.04.14	Inserção no campo – <i>Mata do Gueto</i>
09.04.14	Inserção no campo – <i>Mata do Gueto</i>
14.04.14	Planejamento de campo com a equipe do projeto <i>Educar</i>
16.04.14	Inserção no campo – <i>Mata do Gueto</i>
30.04.14	Inserção no campo – <i>Mata do Gueto</i>
08.05.14	Inserção no campo – <i>Mata do Gueto</i>
16.05.14	Convivência no campo – <i>Mata do Gueto</i>
22.05.14	Convivência no campo – <i>Mata do Gueto</i>
30.05.14	Convivência no campo – <i>Mata do Gueto</i>
04.06.14	Assistir esquete de teatro – <i>Mata do Gueto</i>
16.06.14	Convivência no campo – <i>Mata do Gueto</i>
21.06.14	Convivência no campo – <i>Mata do Gueto</i>
24.06.14	Convivência no campo – <i>Mata do Gueto</i>
05.08.14	Entrevista
06.08.14	Entrevista
07.08.14	Entrevista
12.08.14	Entrevista
14.08.14	Entrevista
21.08.14	Entrevista
29.08.14	Entrevista
13.11.14	Retorno e Compartilhamento de Dados
27.11.14	Retorno e Compartilhamento de Dados
04.12.14	Retorno e Compartilhamento de Dados

3.3. Aproximação aos/as Colaboradores/as da Pesquisa

A aproximação entre a pesquisadora, moradora de Piracicaba, e a *Mata do Gueto* iniciou-se no ano de 2011, neste, como já colocado na descrição de trajetória pessoal, trabalhava na ONG – *Prevenção* (nome fictício) de Piracicaba/SP, através do projeto *Educar*, na qual atuou de 2004 a 2013, como redutora de danos, sendo seis anos, como coordenadora desse projeto.

As experiências adquiridas ao longo desses nove anos, principalmente em Redução de Danos e Educação na rua, foram necessárias: no processo da pesquisa com população marginalizada, proposta na pesquisa, aproximação, inserção, convivência, como também na sensibilidade com as pessoas, cuidados éticos, como saber chegar, identificar o momento certo de sair e estabelecer confiança com a comunidade, já que conhecia algumas pessoas, como os donos de bares.

A *Mata do Gueto* é o espaço em que atua o projeto *Educar*, este, também situada no município de Piracicaba, São Paulo. Suas ações são em prevenção de DST/HIV e promoção de Direitos Humanos, com populações vulneráveis (Usuários/as de Álcool e Outras Drogas, Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Profissionais do Sexo).

O *Prevenção* é uma organização não-governamental fundada em 1992 por um grupo de pessoas vivendo com HIV/AIDS e profissionais de saúde, tendo naquele período como missão, a assistência social, médica e jurídica destas pessoas. A partir de 2002 ampliou suas ações para prevenção e promoção de saúde. Nesse mesmo ano iniciou o projeto *Educar*, financiado pelo Ministério da Saúde em parceria com o Programa Municipal de DST/AIDS, direcionado a população de usuários/as de drogas, principalmente injetáveis, pelo alto índice de infecção do HIV por via endovenosa, que o município apresentava naquele período, e o baixo acesso aos serviços de saúde por parte desta mesma população. Com a diminuição dos/as usuários/as dessa droga, o projeto ampliou o trabalho para o uso de álcool e crack, devido à prevalência do primeiro e o aumento do segundo, neste, considerando o risco pela infecção de hepatites B e C.

Em 2004, a instituição mudou a sua missão para ONG de Direitos Humanos com enfoque na sexualidade, passando a atuar mais no Controle Social e na área da Educação, através de participação nos Conselhos Gestores (Saúde, Educação, Cultura, Segurança, Álcool e outras Drogas) e em redes como Fórum Paulista LGBT e Associação Brasileira de Redução de Danos (ABORDA).

O trabalho da pesquisadora nessa instituição possibilitou a aproximação com a *Mata do Gueto* e os/as colaboradores/as da pesquisa, na qual, souberam do espaço através de relatos dos/as profissionais de saúde, moradores/as e parceiros/as que pertencem aos bairros nas proximidades da *Mata*. Utilizando a metodologia de trabalho da Redução de Danos (mapeamento, apresentação do projeto, inserção) iniciamos o campo neste espaço. Vale ressaltar que a participação de um educador social do projeto, morador nas proximidades do espaço, foi fundamental para construir relação de confiança entre os/as frequentadores/as do

espaço e nós, do projeto. Naquele momento a minha experiência com este contexto se deu diretamente no início e depois apenas através dos relatos das/os educadores/as sociais que eu acompanhava em reuniões de supervisão de campo, enquanto coordenadora.

Durante o período de trabalho na *Mata do Gueto*, surgiram os questionamentos iniciais que levaram ao desenvolvimento dessa pesquisa de mestrado. Queria conhecer, através da convivência, e compreender como as pessoas se relacionavam entre elas e com outras que faziam parte daquela realidade, de uso de crack, sendo esse um espaço público; como através da educação e da militância, poderia contribuir com a humanização, direitos e políticas públicas.

3.4. Inserção

A inserção faz parte da etapa inicial do trabalho de campo, corresponde ao primeiro contato com o cotidiano das pessoas e conhecimento do local, não sendo diretamente a convivência da pesquisa. Brandão (2007, p.14), chama de “contaminação”, a ação, na qual gradativamente o/a pesquisador/a vai percebendo e sentindo a si e o contexto da pesquisa: “Conviver, espreitar dentro daquele contexto o que eu chamaria o primeiro nível do sentir, sentir como é que o lugar é, como é que as pessoas são, como é que eu me deixo envolver”.

O momento da inserção contribui para a apresentação da pesquisadora e objetivos da pesquisa, melhor definição dos/as colaboradores/as e aceitação dos/as mesmos/as em participar. Como coloca Brandão (2007, p.24).

Bom, se eu tenho definido o que eu quero pesquisar, se estou sabendo com que categorias de sujeito eu quero trabalhar, a partir do momento em que esse aquecimento, que eu descrevi no começo da fita, foi feito, eu começo a ir às pessoas. Eu, em geral, dou uma explicação do porquê que estou fazendo essa pesquisa [...].

De acordo com Oliveira (2003), nas experiências de processos educativos em práticas sociais, ao participar de uma comunidade, educadores/as e pesquisadores/as têm que se dispor para, junto com a comunidade, compreender, historicizar e contextualizar a realidade que querem modificar para superarem o que há de desumano no processo de educação.

Ao dele participar, educam-se todos – o agente e as pessoas com as quais convive e trabalha. Nesse ser e estar com, para e na comunidade, o agente se

forma educador, participando de processos educativos mais complexos do que a mera multiplicação de informação, a que são reduzidos muitos programas de formação dos chamados “multiplicadores” para trabalhos comunitários (OLIVEIRA, 2003, p.10).

Para encontrar mulheres e homens que pudessem colaborar com a pesquisa, contamos com o apoio da ONG (*Prevenção*), o fato de possuir vínculos com os/as profissionais facilitou o processo. Solicitei uma reunião com os membros da diretoria da instituição, apresentei a proposta da pesquisa, esclarecendo que já tinha sido submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos-SP²³. Após essa apresentação, disseram que apoiavam a pesquisa, considerando-a relevante para a instituição e iriam colaborar, sendo assim, a autorização foi concedida, ficando combinada apresentação posterior em assembleia e em reunião de equipe do projeto *Educar*.

A inserção foi diretamente com os/as colaboradores/as da pesquisa, sendo a ONG fundamental nas primeiras idas a campo. Através dos/as educadores/as sociais fui gradativamente apresentada para as pessoas que frequentam e convivem no cotidiano da *Mata*. Em todo o processo, acolhida e respeitada por todas/os que conheci no espaço. Nesses momentos pude conversar sobre os objetivos da pesquisa e as pessoas se mostravam sempre atentas e interessadas em compreender os resultados esperados. Desde o começo, o que mais fez sentido para todas/os era a possibilidade desta pesquisa contribuir com a diminuição do preconceito em relação aos/as usuárias/os de crack.

3.5. Escolha dos/as Colaboradores/as

A escolha dos/as colaboradores/as foi feita pautada em critérios definidos a partir da pesquisa qualitativa. Esta metodologia contribui no desvelamento da realidade, do contexto pesquisado:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, [...], com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1994, p.21-22).

²³ Número do Parecer: 493.732 Data da Relatoria: 11/02/2014. (ANEXO A)

A pesquisa tem o objetivo de compreender os processos educativos que se desenvolvem nas relações entre usuários/as de crack em espaço público, para isso, foram colaboradores/as deste trabalho, pessoas da *Mata do Gueto*, selecionadas por critérios de inclusão, construídos a partir da realidade observada no campo de pesquisa e de propostas estabelecidas por Navarrete et al, 2009: 1. Ser usuário/a de crack; 2. Conviver no espaço há mais tempo²⁴; 3. Ter interesse em participar da pesquisa; 4. Consentir a participação com a assinatura do TCLE.

3.6. Apresentação dos/as colaboradores/as da Pesquisa²⁵

Preté DuGueto²⁶ foi o único entrevistado. Conheci em 2011, quando era coordenadora do projeto *Educar*, mas raras foram as vezes que tive oportunidade de conversar com ele. No período de inserção na pesquisa ele foi a segunda pessoa que tive contato, se interessou por esse trabalho e, além de acolher a pesquisadora, foi contribuindo com minha convivência e conhecimento de todos na *Mata do Gueto*. Homem negro, com 43 anos, nascido em Piracicaba, tem nove filhos e seis netos. Ele e seus irmãos foram criados pelos tios, por parte da mãe, que faleceu no parto e o pai, segundo ele, não teve condições de assumir seu papel. Passou uma parte da vida como morador de rua, sendo este um dos motivos, pela qual, mora na *Mata*. Disse não conseguir viver numa casa, mas se preocupa que os filhos e netos tenham casa própria “[...] graças a Deus minha filha, eu coloquei ela no predinho da COHAB” (Entrevista – Preté DuGueto - 12.08.2014).

O colaborador afirma na entrevista que teve uma infância ruim, devido à rigidez do pai na sua educação, não vivenciando o lúdico. Diz não ter saudades desse período. Aos dezessete anos foi trabalhar como coletor de lixo, quando teve seu primeiro filho. Separou-se da esposa,

²⁴ A *Mata do Gueto* existe à cinco anos, desde 2009. Para o critério “2” foram selecionados os que, dentro desse período, estavam há mais tempo no espaço, no mínimo um ano.

²⁵ Será apresentado nesse momento os/a três colaboradores/a centrais, que fizeram parte desse estudo, na qual contemplaram os critérios estabelecidos para escolha dos/as participantes da pesquisa e posteriormente serão trazidos nos resultados, trechos de suas falas, através dos diários de campo e entrevista. As demais pessoas citadas indiretamente, como frequentadores/as da *Mata* e educadoras/es sociais, colaboraram com o mesmo, mas não serão apresentadas aqui e nem trazidas suas falas à posteriori, pois mesmo inseridas no contexto do uso de crack, não estavam dentro de alguns dos critérios.

²⁶ O nome utilizado pelo colaborador, da pesquisa, é como as pessoas o conhecem.

já fazia uso de crack, segundo ele, esse não foi o motivo da separação. Antes disso usou cocaína, teve a primeira experiência com o crack através de um parente, mas só depois de um tempo voltou a usá-lo e parou apenas quando foi internado por seis meses, não sabe dizer ao certo há quanto tempo é usuário dessa droga. Vive há quatro anos na *Mata do Gueto*, devido sua sabedoria e boa conduta, que estão além do uso do crack, acaba por contribuir com a convivência das pessoas nesse espaço. Mesmo que a entrevista com esse colaborador não tenha findado, Preté DuGueto contribuiu consideravelmente com o objetivo da pesquisa e fez parte desse estudo até seu término.

Ginão escolheu esse nome fictício por trazer lembranças boas da infância. No período que participou da pesquisa estava morando na *Mata*. Homem branco de 39 anos, há doze tem uma companheira, pai de quatro filhos, iniciou a graduação em Administração de Empresas, mas não concluiu por questões financeiras. Assumiu participar da pesquisa pelo período que permaneceu na *Mata*. Contribuiu com responsabilidade e atenção. Em momentos que estava ocupado, tinha o cuidado de dar satisfação de sua ausência para a pesquisadora, colaborando com sua apresentação para as outras pessoas do local e com a adequação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sucessivamente acompanhava o andamento da pesquisa. Já frequentou os Narcóticos Anônimos (NA) e dizia que estava apenas afastado desse grupo, devido uso de crack. Iniciou o uso dessa droga aos quatorze anos, por decepção amorosa. Em outro momento, disse que voltou a usar por questões financeiras. Também consome excessivamente o álcool, mais necessariamente cachaça, o que o torna agressivo, às vezes, como relatado por um dos frequentadores da *Mata*. “ [...] falava o tempo todo, segundo uma pessoa a bebida estraga um pouco o Ginão, pois o mesmo discutiu em pouco tempo com duas pessoas diferentes e estava agressivo [...] (Diário de Campo - 24.06.14).

Ginão diz que faz o uso de crack para obter prazer, necessário para todas as pessoas e cada uma a obtêm de forma distinta. Durante a pesquisa ele chamava a atenção, tanto da pesquisadora quanto das/os educadoras/es sociais do projeto *Educar*, devido seu conhecimento sobre o uso de drogas e senso crítico sobre a realidade:

Perguntei o que ele quer dizer quando fala que a margem também segrega disse que estava falando da hierarquia, deu exemplo das Pirâmides do Egito que tem as hierarquias e os que ficam embaixo limpam a sujeira que cai de cima, perguntei se era nisso que pensa quando diz esta frase, ele disse que não, apenas estava explicando a hierarquia, mas que essa fala é mesmo enquanto usuário de crack, e ser usuário de crack para sociedade, é estar à

margem e isso não tem haver com pobreza ou riqueza (Diário de Campo - 16.06.14).

Ginão não foi mais encontrado no final da pesquisa, mas segundo algumas pessoas da *Mata*, ele voltou a morar com a família.

Mãe²⁷, mulher negra, aproximadamente 50 anos, pois não sabe sua idade. Quando a pesquisadora a conheceu, esta, era coordenadora do projeto *Educar*, provavelmente vivia naquele local, por cerca de três anos. Passou a ser a referência na *Mata do Gueto* para os/as educadores/as sociais desse projeto. Sempre sorridente e carinhosa nas nossas visitas ao espaço, nos recepcionava com abraço e beijo. Quando sorria, demonstrava não ter alguns dentes, sua magreza chamava a atenção, sempre vestida com roupas bem curtas, justas e pretas. Costumava nos elogiar e demonstrar que sentia nossa falta. Evidenciava ter preocupação e cuidado com todas/os que frequentavam a *Mata*, ora com a gravidez de algumas das mulheres de lá ou quando recebia comida, saía pelo espaço compartilhando os alimentos com as demais pessoas, dizia que eram seus filhos não de sangue.

Mãe é de Londrina, tem cinco filhos, dois deles vivem em um abrigo em Piracicaba-SP, mas ela perdeu o direito de visitá-los, provavelmente devido à vulnerabilidade, ao uso de crack e à situação de rua. As outras filhas não moram nesse município. Ela não conhecia os/as netos/as, em uma das vezes que a família veio buscá-la, se negou a ir justificando que só saía dali com os filhos juntos, sonhava em sair da *Mata* e viver com estes.

[...] um rapaz da comunidade enviou seus dados para o Programa do “Gugu da televisão”, para concorrer a um sorteio e mudar de vida, perguntei o que ela vai fazer se ganhar, disse que compraria uma casa pra morar com os filhos, perguntei onde eles estavam e ela disse que alguns deles em um abrigo da cidade e que os vê sempre, interessante que ela falava desse sorteio como se já fosse certo ganhar, falando o tempo todo o que faria com os filhos [...] (Diário de Campo – 16.06.14).

Em alguns momentos, Mãe não queria diálogo. Mesmo sendo sempre receptiva com as pessoas e comprometida com a pesquisa, sua rotina era andar pela comunidade com um saco de lixo nas costas para coletar reciclado e trocar em pedra de crack ou cuidar do espaço da mata onde vivia, ora fazendo limpeza, ora lavando roupas. Tinha uma Bíblia que fez questão de mostrar uma vez e colecionava bonecas de plástico que ganhava das pessoas, nas

²⁷ Nome fictício da colaboradora, escolhido por ela.

comunidades por onde passava, onde era muito querida por todas/os que também se preocupavam com sua saúde e alimentação. Tinha um companheiro que visitava só aos domingos, não tolerava desrespeito de ninguém, nem mesmo da polícia “[...] disse que é muito boa, mas não mexe com ela, já bateu em duas mulheres da *Mata* que a desrespeitaram” (Diário de Campo – 16.06.14).

Após mais uma tentativa da família, Mãe foi embora e segundo relatos de pessoas da comunidade, está tentando deixar o crack para conquistar novamente a guarda dos filhos.

3.7. Convivência

Na observação participante, após a aproximação e inserção no campo, ocorre a convivência, momento em que a pesquisa já faz sentido para os/as colaboradores/as e compartilhar *com* o cotidiano dessas pessoas, passou a ser possível. Nessa etapa, além da técnica, o cuidado e a empatia da pesquisadora, foram fundamentais. Como coloca Minayo (1994, p.60).

As questões centrais da observação participante estão relacionadas aos principais momentos da realização da pesquisa, sendo um deles a entrada em campo. As capacidades de empatia e de observação por parte do investigador e a aceitação dele por parte do grupo são fatores decisivos nesse procedimento metodológico, e não são alcançados através de simples receitas.

Segundo o colaborador, Preté DuGueto, o conhecimento, postura ética e autonomia da pesquisadora contribuíram com a sua convivência na *Mata do Gueto*. Isto fica evidente quando ele foi questionado quanto ao motivo pelo qual foi possível a permanência da pesquisadora no espaço. “Isso aí é a autonomia sua, a autonomia sua significa o quê, a inteligência que você tem no seu estudo, entendeu, na sua sabedoria [...]” (Entrevista – Preté DuGueto - 12.08.14).

Através da convivência se formam a identidade social e consciência de cada indivíduo, com a que as pessoas aprendem suas histórias e cultura. Situações como nascimento, trabalho ou seus grupos de convivência influenciam as pessoas e possibilitam que atribuam significados para as circunstâncias cotidianas. Para as pessoas se tornarem sociais, segundo Lane (1981), em cada grupo social são definidas normas e/ou leis que cristalizam determinados comportamentos e relações entre os indivíduos e suas práticas são essenciais e valorizadas historicamente para garantir a manutenção desses grupos. Estas normas e/ou leis

podem ser sutis ou rígidas, dependendo dos grupos de pertencimento, quando não cumpridas podem ocorrer até punições estabelecidas por autoridades institucionalizadas.

Estas normas são o que, basicamente, caracteriza os papéis sociais, e que determina as relações sociais: os papéis de pai e de mãe se caracterizam por normas que dizem como um homem e uma mulher se relacionam quando eles têm um filho, e como ambos se relacionam com o filho e este, no desempenho de seu papel, com os pais (LANE, 1981, p.13).

A autora coloca que a vivência em grupo possibilita a construção do indivíduo naquilo que o particulariza, assemelha e diferencia do coletivo:

O viver em grupos permite o confronto entre as pessoas e cada um vai construindo o seu "eu" neste processo de interação, através de constatações de diferenças e semelhanças entre nós e os outros. É neste processo que desenvolvemos a individualidade, a nossa identidade social e a consciência-de-si-mesmo (LANE, 1981, p.16).

Tendo como metodologia a observação participante, a convivência na *Mata do Gueto* foi pautada em estar no espaço com os/as colaboradores/as da pesquisa, participando da vida cotidiana deles, em momentos distintos. Mudaram os horários conforme os/as colaboradores/as apontavam no processo. “Resolvi ir esta semana pela manhã, após conversa com uma das usuárias de crack, na semana passada, que sugeriu minha ida neste horário para ver se acho melhor a dinâmica do pessoal que frequenta a *Mata*”. (Diário de Campo - 22.05.14)

Inserindo na *Mata*, nos bares, nas casas de moradores/as da comunidade, participando de atividades em momentos de lazer, proporcionados pela ONG *Prevenção*, quando convidada pelos/as frequentadores/as da *Mata*. “[...] falei que estava ali para assistir o teatro, como tínhamos combinado, “(PRETÉ DuGUETO) saiu dizendo que ia atrás de uma vassoura, mas só voltou mesmo quando o teatro já tinha começado e sem a vassoura, ficou assistindo de longe com outros/as frequentadores/as do espaço” (Diário de Campo - 04.06.14).

De acordo com Brandão (2007, p.14):

Participante num duplo sentido. Em primeiro lugar, porque se faz estando pessoalmente no lugar e observando e compreendendo aquilo que está acontecendo, por participar da vida cotidiana das pessoas. Eu quero me meter nos bares, dentro da casa, nas manhãs da vida das pessoas, nos lugares de igreja e principalmente nos lugares de trabalho. Quero estar ali vendo o que está acontecendo. E participar em um seguinte sentido também: de que eu me envolvo pessoalmente com o próprio trabalho quando posso. Há momentos em que eu participo de um mutirão, trabalho num mutirão com as

peças. Não para sentir, não para que as pessoas me sintam como alguém deles, mas para esse participar faça com que eu me identifique mais de perto como uma pessoa não deles, mas mais próxima deles [...].

3.8. Organização e Análise dos dados

De acordo com Minayo (1994), a análise dos dados em pesquisa qualitativa é processual, podendo iniciar na coleta de dados, contribuindo que a descrição e a interpretação sejam realizadas juntas. Como coloca Bogdan e Biklen (1994) “[...] As questões desenvolvidas para orientar um estudo qualitativo devem ser de natureza mais aberta e devem revelar maior preocupação pelo processo e significado, e não pelas suas causas e efeitos” (p.209).

A análise dos dados é uma das etapas finais e de relevância para constatar as questões levantadas na pesquisa, como também a precisão dos resultados. Conforme coloca Minayo (1994, p.69), tem como finalidade “[...] estabelecer uma compreensão dos dados coletados, confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e/ou responder às questões formuladas, e ampliar o conhecimento sobre o assunto pesquisado, articulando-o ao contexto cultural da qual faz parte”.

A forma de análise de dados foi através de categorias, sendo um procedimento imprescindível para a pesquisa qualitativa. “A palavra categoria, em geral, se refere a um conceito que abrange elementos ou aspectos com características comuns ou que se relacionam entre si” (MINAYO, 1994, p.70).

Utilizamos para análise dos dados, a técnica de análise de conteúdo, proposta por Minayo (2007, p.316), na qual são recortados do material de campo, unidades de significados agrupados em temas. “Para uma análise de significados, a presença de determinados temas denota estruturas de relevância, valores de referência e modelos de comportamento presentes ou subjacentes no discurso”. Após a coleta de dados através da observação participante do cotidiano da *Mata do Gueto*, elaboração do diário de campo, entrevista e transcrição da mesma, passamos para a fase de organização dos dados.

A organização dos dados para posterior análise foi realizada através de leituras do diário de campo (conteúdo de observação) e da transcrição (entrevista). Grifamos as falas das/os colaboradoras/as e situações do cotidiano observado, que tivessem relação com a questão de pesquisa, posteriormente reunidas em tabela, trechos em comum que indicassem

possíveis categorias empíricas na contribuição com subsequente interpretação dos dados. Para este momento de organização dos dados de análise, seguimos as três etapas sugeridas por Minayo (2007): Pré-análise (leituras exaustivas dos dados); Exploração do Material (elaboração das categorias) e Tratamento dos resultados obtidos; Interpretação dos dados.

Neste processo de organização, foi possível identificar três categorias temáticas: 1. *Mata do Gueto*, 2. *Uso de crack* e 3. *Vamos pras ideias e se correr das ideias aí o bicho pega*. As duas primeiras contextualizam e trazem os significados atribuídos pelas/os colaboradoras/as da pesquisa ao uso de crack e o espaço público, ou seja, descrevem a prática social na percepção dos/as colaboradoras/as. A terceira categoria foi extraída da entrevista e observação de campo, junto aos/as participantes desse trabalho, sintetizando bem o cotidiano pesquisado e possibilitou aglutinar sentidos para os dados coletados e analisados, além de se relacionar com alguns processos educativos específicos e identificados como presentes/decorrentes dessa prática social.

Capítulo IV. RESULTADOS

Apresentado acima a organização da análise dos dados, neste capítulo passamos a descrever detalhadamente as três categorias a partir da compreensão dos significados e processos educativos sobre as experiências e conhecimentos dos/as colaboradores/as da pesquisa, através de suas falas, gestos, silêncio, expressões corporais, repetições e violência. Além de delinear os cuidados éticos e contexto da pesquisa.

4.1. Cuidados éticos

Os cuidados éticos, de acordo com Bogdan e Biklen (1994, p.75) são procedimentos acordados entre os envolvidos na pesquisa (pesquisadora/o e colaboradores/as) que definem normas de conduta, objetivando a proteção dos/as colaboradores/as, contra quaisquer danos. O autor e a autora colocam duas questões principais adotadas nos estudos: “1. Os sujeitos aderem voluntariamente aos projetos de investigação, cientes da natureza do estudo e dos perigos e obrigações nele envolvidos. 2. Os sujeitos não são expostos a riscos superiores aos ganhos que possam advir”.

Desde o início do trabalho de campo houve entre a pesquisadora e os/as colaboradores/as, acordos de conduta e cuidados éticos para a permanência no espaço, roupas adequadas, limites permitidos (*saber chegar* e momento certo de entrar e sair da *Mata do Gueto*).

A pesquisadora iniciou as idas ao campo com crachá de identificação e camiseta da UFSCAR para segurança na abordagem policial do espaço ou mesmo para que as pessoas que vivenciam o cotidiano da *Mata* a distinguisse dos/as usuários/as de crack, mas mesmo os/as colaboradores/as concordarem, não acharam necessário, e a mesma deixou de usar o crachá. Sobre os limites do espaço, *Preté DuGueto*, no início, só permitia que ela circulasse no *Buraco*²⁸, com o decorrer do tempo, ele mesmo passou a conduzi-la para o restante da *Mata*.

Já em relação à chegada no espaço, através de observação dos/as demais pessoas, a pesquisadora, sem perguntar, percebeu como precisava saber chegar, todas as vezes que

²⁸ Nome de um pequeno espaço, dentro da *Mata do Gueto*, dado pelas pessoas que frequentam o espaço para distinguir do restante da mata.

queria entrar na mata, tinha que pedir licença e permissão (*Salve*), principalmente para as pessoas mais antigas do local:

[...] caminhamos mais um pouco e fomos em direção a um grande buraco que fica na *Mata*, segundo já relatado anteriormente pelos/as educadores/as é o único local do espaço que é permitido a entrada e tem algumas pessoas que tem vínculo com o projeto e que estão há mais tempo lá. Um dos educadores foi na frente e pediu permissão (*Salve*) para *Mãe*, que tem mais proximidade com as/os educadoras/es, ela sinalizou que consentia nossa entrada, nós quatro descemos algumas escadas de pedra (Diário de Campo - 11.02.14).

Respeitar o momento certo de entrar na *Mata*, quando alguém estava dormindo “(Pesquisadora) Ao chegar na *Mata* tinha uma pessoa dormindo e mais tarde vi que era Preté DuGueto resolvi não descer para não atrapalhar e fiquei esperando na rua até ele acordar [...]” (Diário de Campo - 16.06.14) ou quando, durante os efeitos do crack, as pessoas não queriam dialogar com a pesquisadora:

(Pesquisadora) Quando apontei na escadaria da *Mata*, avistei um grupo com quatro homens, entre eles, Preté DuGueto e o homem do ônibus, os outros, já eram conhecidos, perguntei se poderia descer. O colaborador sinalizou que sim, e desci, só que ao dar bom dia, não estavam muito receptivos e não me convidaram para sentar ao lado deles ou muito menos conversaram comigo, Preté DuGueto apenas disse para eu não reparar a sujeira, fazendo o comentário de que as pessoas dali só querem saber de brigar, xingar, bagunçar, mas limpar ninguém quer, olhei ao redor realmente estava com lixos mais espalhados, mas só reparei porque ele comentou, eu disse que não precisava se preocupar que por mim estava tudo bem, diante da receptividade deles, percebi que não queriam que eu ficasse naquele momento, falei que subiria e logo voltaria, todos sinalizaram que concordavam, saí e voltei depois de meia hora, a recepção estava outra, diante dessa reação, compreendi que poderia ficar mais tempo com eles/as (Diário de Campo - 21.06.14).

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi construído em conjunto desde as dúvidas até a adequação das palavras que fizesse sentido para as pessoas:

Como desde o começo tinha falado com Ginão, sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Só agora apresentei este documento, pois achei melhor esperar o tempo da minha inserção no campo e a construção de confiança com o pessoal da *Mata*. Ginão fez a leitura atentamente ao Termo e tudo que tinha dúvida parava e perguntava, fez algumas observações, entre elas, disse achar que a pesquisa estava transparente que tinha meus documentos e contatos e que a compreendia bem, pois estava claro, mas achou ruim o uso do nome do espaço de “Matinha do crack” ou “Buraco”, falei que podemos mudar, sugeri que eu consultasse as demais pessoas que participam da pesquisa, qual seria o melhor nome do espaço, mesmo assim, ele quis assinar o Termo.[...] Um rapaz que observava nossa conversa, me chamou e disse que queria dar seu

“depoimento”, Ginão explicou do jeito dele, sobre a pesquisa, ressaltando que a mesma poderia contribuir com a diminuição do preconceito, ambos leram o documento e pediram para tirar a palavra investigação, que parecia um termo da polícia, [...] (Diário de Campo - 16.06.14).

Como também a escolha do nome do espaço foi coletiva com os/as frequentadoras/es:

[...] no campo anterior surgiu o incomodo com o nome do espaço, pelo Ginão, resolvi consultar os/as frequentadores, interessante que quando eu dizia que estava no Termo de Consentimento “Matinha do Crack”, havia em geral, incomodo e não reconhecimento nesta qualificação. Foi bacana porque as pessoas gostaram de participar e cada um justificava a denominação que dava ao espaço, teve um rapaz, primeira vez que encontrava ele, disse vir de outro estado e morava atualmente na região central do município, ele sugeriu dois nomes, “Clareira”, por ser um local aberto, bater sol e onde se reúnem, e “Casa da Árvore” por ter uma árvore bem grande no meio do espaço, Mãe nomeou de “*Mata do Gueto*” em homenagem ao “Preté DuGueto”, e *Do Gueto*, de acordo com todos e todas dali, significa “Favela”. Houve consenso em geral e ficamos de consultar este colaborador que posteriormente, concordou e ficou contente (Diário de Campo – 21.06.14).

Outro acordo estabelecido foi o consentimento entre eu e os/as colaboradores/as sobre a permissão de fumarem o crack na minha presença.

[...] enquanto conversava com uma das frequentadoras da *Mata*, passou um jovem por nós e ficou bravo porque ela fumava na minha frente, a mesma não gostou da atitude do rapaz e disse que não precisava falar nada e se ele quisesse iria conversar com Preté DuGueto, ela queria dizer que era tranquilo fazer isso na minha frente porque tinha meu consentimento e autorização do Preté DuGueto (Diário de Campo - 30.05.14).

Duas questões observadas na *Mata do Gueto* foram:

1. Os códigos de conduta estabelecidos naturalmente entre os/as frequentadoras/es do espaço, com a intenção de facilitar o processo da pesquisa e para isso tentavam transmitir segurança e conforto durante minha permanência no lugar, se preocupando em não me deixarem sozinha;

[...] neste momento, Mãe saiu de seu barraco e veio conversar comigo e quando viu Preté DuGueto pediu para ele dar atenção para mim e afastou-se falando que tinha que trabalhar [...]. Logo o colaborador saiu também, se dirigindo à jovem que estava próxima, dizendo para ela ficar ao meu lado [...] (Diário de Campo – 16.05.14). Preté DuGueto, me cumprimentou, mas quando viu uma das usuárias de crack retirar-se do barraco, pediu para ela vir dar atenção para mim, a mesma veio sorridente (Diário de Campo - 22.05.14).

2. Justificativas dos/as colaboradores/as, quando não podiam continuar ao meu lado nos momentos de observação de campo da pesquisadora;

[...] Ginão veio falar comigo, justificando porque não pôde permanecer ao meu lado quando cheguei, disse a ele para não se preocupar e se não tivesse problemas para as pessoas dali, eu ficaria no local, mesmo sozinha em alguns momentos, e que viesse conversar comigo, apenas quando quisesse, disse também que era importante eles falarem quando não tiver possibilidade da minha permanência no espaço que não teria dificuldades eu voltar outro dia. Ginão não concordou, dizendo que vinha só para isso e não poderiam pedir para eu ir embora (Diário de Campo - 22.05.14). [...] Percebendo que o colaborador não estava em condições de falar comigo naquele momento, uma jovem veio em minha direção dizendo para Preté DuGueto que poderia deixar que ela me faria companhia [...] (Diário de Campo – 30.05.14).

Procuraram proporcionar a minha vivência em momentos de tensão ou tranquilidade no espaço.

[...] todo o tempo de minha permanência nesse dia estava num clima de tensão, provavelmente devido uma pendência e confusão que um dos usuários de crack arrumou e os outros estavam tentando ajudar a resolver [...] me levantei e disse que iria embora que já estava na minha hora, resolvi fazer isso, também, por ter ficado um pouco assustada com a situação e não saber se podia permanecer no espaço, quando fui me despedir um rapaz pediu para eu ficar, por enquanto, até eles resolverem o problema, porque lá em cima poderia ser perigoso, outros vieram e disseram que eu não era usuária de crack e podia ir se quisesse, se despediram de mim e pediram desculpas pela situação (Diário de Campo - 22.05.14). [...] tinha três pessoas, o ambiente estava calmo e Ginão comentou que ali também tinha tranquilidade e não só briga, pedindo para eu sentir a brisa e o silêncio do momento, parei e fiquei observando, nesse instante, compartilhava com as pessoas um ambiente agradável, difícil de explicar, disse que estava se sentindo bem na companhia deles/as (Diário de Campo - 30.05.14).

Nesta pesquisa foram tomados alguns cuidados com os/as colaboradores/as, pois ao se desenvolver pesquisa com pessoas usuárias de crack, principalmente, aquelas que fazem uso compulsivo da substância, tem que ponderar algumas questões desta prática social, já citadas anteriormente: cada indivíduo se relaciona com o uso da substância de maneira particular, alguns preferem se isolar, outros ficam em silêncio e ainda tem outros que falam bastante; por ser uma droga estimulante e seu efeito ser rápido, em geral as pessoas ficam em estado de alerta, euforia ou irritabilidade.

Foram indispensáveis outros cuidados com os/as colaboradores/as da pesquisa, pois, ao fazer o memorial da história de vida dessas pessoas, estas, poderiam estar relacionadas com perdas, rompimento de laços familiares, fracassos na tentativa de parar o uso de drogas,

entre outros, mexendo com emoções, sentimentos, angústias, tristezas, medos e isso podendo provocar reações distintas, agressividade, lamentações, silenciamento, alegrias e também, para alguns, tendo como resultado o afastamento momentâneo da pesquisadora.

Diante de todas estas questões colocadas anteriormente, a pesquisadora manteve uma postura ética e de paciência, sensibilidade e respeito, devido o tempo de convivência com as/os colaboradoras/es da pesquisa, passou a ter percepção do momento que deveria permanecer ou se distanciar das pessoas, desse espaço.

Respeitados os princípios éticos da pesquisa com os/as participantes convidados, esclarecendo sua participação voluntária; os objetivos e resultados pretendidos com o trabalho; riscos e benefícios; assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE - A) e que poderiam recusar sua participação no processo da pesquisa, principalmente porque consistia em convivência da pesquisadora no espaço de uso de crack, conversas individuais e coletivas, entrevistas, autorização prévia do uso de gravador. Vale ressaltar que também foram respeitados, os acordos da não divulgação no relatório de pesquisa, informações que surgiram no processo da coleta de dados que os/as colaboradores/as consideraram comprometedoras.

Assegurada também a privacidade dos participantes em relação aos dados confidenciais (a saber: nome; endereço etc) que ofereceram para a pesquisadora. Os/as colaboradores/as convidados para participar dessa pesquisa tiveram total liberdade de se recusarem a participar ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa. Foi fornecida uma cópia do Termo onde constaram os dados documentais e os contatos da pesquisadora, na qual, durante todo o período da pesquisa os/as colaboradores/as tiveram o direito de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento.

4.2. Contexto da Pesquisa

Contamos com a colaboração de mulheres e homens, usuárias/os de crack, que permanecem atualmente no espaço público, conhecido como *Mata do Gueto*, para nos ajudar responder à questão norteadora da pesquisa: “*Que processos educativos são desenvolvidos por usuários/as de crack na Mata do Gueto?*”

Para descrever o contexto, a pesquisadora recorreu a sua memória relacionada às vivências neste espaço, quando fazia parte do projeto *Educar*, relato de moradores/as das proximidades do local e ao diário de campo, elaborado no processo desse estudo. A pesquisa

foi realizada na *Mata do Gueto*, localizada na periferia do município de Piracicaba, Estado de São Paulo. Um grande terreno arborizado e abandonado que antes abrigava em torno de cem barracos de madeira. No ano de 2008, as famílias foram desapropriadas pela prefeitura, para morarem em casas populares no próprio município. Destas, sobrou a lembrança dos/as moradores/as, restos dos barracos e fontes naturais de água que passou a ser utilizada para vários fins (banho, beber, fazer comida, lavar louça e roupas etc.) pelas pessoas que moram ou transitam no local, principalmente aquelas envolvidas com o uso de crack.

Neste espaço, tem usuárias/os de crack que moram em barracos improvisados, espalhados pela mata, outras/os passam o dia todo e voltam para casa à noite e ainda tem aquelas/os que permanecem apenas para fumarem o crack e logo vão embora, sendo estas/es da comunidade vizinha, outros bairros, municípios ou estados. A escolha deste espaço tem significados diversos, como o de viver bem, tranquilidade, felicidade, segurança e tensão. De acordo com Rui (2012, p.172) “[...] a escolha pelo espaço de uso envolve um cálculo de vantagens e desvantagens, riscos e danos, medos e necessidades, que nem sempre é simples de ser feito”.

Conforme pesquisa de Ribeiro; Sanchez; Nappo (2010, p.214):

Ter companhia para o uso foi relatada como forma de sanar os medos decorrentes das perturbações auditivas/visuais ou de obter ajuda nos possíveis episódios de *overdose*. [...] Já outros relatam que uma estratégia para lidar com o possível risco de lesões, decorrentes dos desentendimentos entre os membros do grupo provocados pela fissura e paranóia, seria utilizar a droga sozinho, sem companhia.

Algumas pessoas que frequentam o espaço se distinguem, especialmente pelo local de origem, como supracitado, pela idade e pela classe social a que pertencem, mas a maioria possui semelhança em relação às histórias de vida que compartilham, assim como Rui (2012, p. 223) encontrou em seu estudo: “Históricos que mesclam pobreza, esgarçamento e rompimento dos laços familiares, empregos precários, violências cometidas ou sofridas”.

Ao contrário do que se pensa, o local de uso do crack é mediação em que as pessoas reconstroem suas vidas, vivenciam múltiplas relações como as de amizade, de afetividade, de violência, além de ser local de festividades, de realização de rodas de cantoria ou de organização de churrascos pelas/os próprias/os frequentadoras/es da *Mata do Gueto*, como foi relatado por um colaborador da pesquisa, pois, assim como afirma Rui (2012, p. 226):

[...] na mesma intensidade em que se briga, também se festeja. Durante a pesquisa, quando a repressão policial amenizava, era frequente ver a

formação de uma roda de pagode. Os usuários se agrupavam numa espécie de círculo (geralmente em pé), dando início a uma cantoria e, logo, a uma confraternização.

O período de convivência no local, com o grupo de usuários/as de crack, foi realizado, na sua maioria, em um pequeno lugar, dentro da *Mata*, que antes da desapropriação abrigava uma das famílias, desta ficou vestígios de concreto no chão. Para melhor entendimento da/o leitora/o, será descrito este espaço público, como de uma casa, com quartos, cozinha e recepção, devido a sua organização se assemelhar como tal e o cotidiano desses indivíduos, ser composto simultaneamente pela rua e pela casa.

No local tinha uma grande árvore ao centro e quantidade considerável de entulho (madeira, roupas, lixo queimado, materiais recicláveis) que as/os frequentadoras/es do espaço mantêm agrupados para não atrapalhar o acesso para a rua, para a mata e a permanência delas/es. O banheiro, segundo relato dos/as colaboradores/as, é improvisado por eles/as, dentro do mato ou em um bar na comunidade vizinha. Na recepção, nomeada junto com as/os frequentadoras/es, ficam alguns assentos improvisados, trazidos pelas pessoas do local, restos de sofás, cadeiras quebradas, pedaços de madeiras, pedras, além de lonas, piscina infantil, para contribuir com o aconchego no processo do uso do crack, nos bate-papos ou mesmo para permanecerem em silêncio, sozinhas/os ou no grupo.

Ao descer encontrei um grupo em roda, sentados em pedras, madeiras, cadeira quebrada, eu conhecia de vista a maioria, tinha em torno de oito pessoas e a metade eram mulheres, cumprimentei todos/as e logo percebi que a barraca e o sofá não estavam mais lá, perguntei por que a mudança, Ginão respondeu que estava em outro local, na mata mesmo, e um homem justificou que tiraram o móvel porque ali não era adequado, tentando explicar que aquele local era para receber as pessoas, por isso precisava ter mais espaço livre, daí eu completei dizendo que então era a recepção, todos riram e concordaram (Diário de Campo – 16.06.14).

Na localidade do quarto tinham duas barracas, utilizadas para descanso das/os moradores/as ou pessoas mais antigas, eram enfeitadas com várias bonecas e alguns carrinhos de plásticos, adquiridos no lixo ou de pessoas da comunidade vizinha, segundo os/as colaboradores/as, eles/as mantinham estes objetos, porque gostavam de brinquedos. “Mãe estava arrumando algumas bonecas velhas que guardava em seu barraco, sorridente, quis justificar a permanência delas, dizendo apenas que gostava de bonecas” (Diário de Campo - 04.06.14). Na cozinha tinha um fogão de tijolos velhos com uma grelha torta e enferrujada, nesta, também ficavam duas painéis queimadas que algumas vezes, tinha restos de comida,

sob uma mesa, improvisada de madeira, tinha um pedaço de toalha velha e no chão, ao lado, um galão de água abastecida na mata.

Frente a este espaço citado, fica um assentamento urbano, local imprescindível para a permanência da “*Mata do Gueto*”, pois, além de alguns/as dos/as usuários/as de crack residirem nesta comunidade, os/as moradores/as de lá contribuem com a organização, alimentação, respeito e cuidados com os/as frequentadores/as.

[...] encontrei uma jovem com a qual já tínhamos conversado antes, estava com a filha em frente à sua casa, do outro lado da rua, em relação a *Mata do Gueto* e perguntei se poderia esperar ali, ela disse que tudo bem, continuamos por um bom tempo conversando. Perguntou sobre minha pesquisa, expliquei, ela disse que viver no *Buraco* (se referindo ao pequeno espaço citado acima) não é vida, disse também que quando a tia (colaboradora - Mãe) se cortou no lixo, foi chamado o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência - SAMU, mas teve que cancelar porque ela sumiu antes deles chegarem, a jovem disse que quando sobra comida, sempre dá para a colaboradora e a mesma divide com as demais pessoas de lá (Diário de Campo – 16.06.14).

A população desse assentamento urbano, se diferem das/os moradores de outros bairros, que ignoram, desrespeitam ou demonstram medo das pessoas que tem as características de usuários/as de crack. “Um dos frequentadores disse que as pessoas que passam na rua, olham como se eles/as, do *Buraco*, fossem qualquer coisa, e na verdade, ali, tem ótimos profissionais e muitos se sentem melhor naquele local, do que em casa, com a família recriando-os” (Diário de Campo – 16.06.14).

Após um tempo frequentando a *Mata do Gueto* as características do espaço foram se revelando, e no cotidiano era possível distinguir as pessoas que estavam algum tempo consumindo crack, sem dormir, devido à expressão facial de cansaço, emagrecimento rápido e roupa suja,

[...] encontrei Ginão em uma esquina, próximo da *Mata*, o cumprimentei, parecia mais magro, com a pele branca, queimada do sol e machucado no rosto (no dia anterior tinha sofrido agressão da polícia), o mesmo veio se desculpar, dizendo que não poderia dar muita atenção para mim, naquele dia, pois estava trabalhando, não perguntei necessariamente em que, pois percebi que não estava disponível para conversa (Diário de Campo - 16.05.14).

Como também aquelas que chegavam naquele dia com características ao contrário das pessoas supracitadas “ [...] ambos chegaram na *Mata*, com uma ótima aparência, mais gordos, roupas limpas e bem vestidos, fazia tempo que não os encontrava no local (se referindo à

Ginão e outro frequentador) ” (Diário de Campo – 24.06.14), mas, em geral, a maioria, mantinham um uso problemático²⁹ com o crack.

Em relação aos diálogos, duas palavras que passei a ouvir, constantemente, no espaço, era cachimbo e *bic* (isqueiro), e segundo relato das/os frequentadoras/es, o desaparecimento de ambos era motivo de briga. “ (um dos frequentadores da *Mata do Gueto*) [...] acrescentou que quando o roubo é cachimbo, tem mais confusão e isso acontece cotidianamente” (Diário de Campo – 24.06.14).

As conversas no espaço também se diversificavam, quando o assunto era as formas de ganhar dinheiro,

[...] Mãe revirava o lixo, parei para conversar, quando ela retirou algumas garrafas pet do lixo, veio um mau cheiro, perguntei o que fazia com elas, disse que vende e também pega várias outras coisas na rua para comercializar, ela carregava um saco grande, como das outras vezes que a encontrei andando nas proximidades da *Mata* (Diário de Campo – 09.04.14). Ginão passou na *Mata* e logo saiu com uma peça na mão, aparentemente de carro e disse que venderia para o dono do bar, vizinho da *Mata* (Diário de Campo - 04.06.14).

Além da maioria das pessoas passarem o tempo na *Mata do Gueto* consumindo ou adquirindo o crack, outras escolhem ocuparem-se de diferentes maneiras, em determinados períodos do dia,

Encontramos no bar, a jovem que iria ser internada, estava trabalhando na reforma do estabelecimento, disse que ainda não saiu sua internação e que ela e o marido preferem ficar neste local trabalhando, do que passar muito tempo na *Mata* (Diário de Campo – 30.04.14).

O tipo de cachimbo e a mistura feita para o consumo do crack era uma prática comum, entre eles/as:

Enquanto preparava seu cachimbo, perguntei se era uma peça do botijão de gás, como várias pessoas usam naquele local, acoplado em antena de rádio como piteira, ela disse que sim, pedi para ver, ela me mostrou como adaptavam para um cachimbo de crack, achei bem interessante como esta peça se adéqua bem a um cachimbo, finalizou a explicação mostrando que usa cinza de cigarro para misturar com a pedra, perguntei se alguém utiliza no espaço, lata para fumar, ela disse que é muito raro (Diário de Campo - 30.05.14).

²⁹ Uso problemático significa olhar para o/a usuário/a de drogas, enquanto sujeito, na tentativa de compreendê-lo no contexto e realidade que está inserido, este conceito diferencia de dependência química que traz um olhar estigmatizado, fechado e enquadrando os/as usuários/as de drogas em caixinhas já existentes (GOMES, 2014).

Assim como algumas reações do crack eram distintas:

Em outra situação, quando o grupo consumia crack, o mesmo homem que no campo anterior, perguntou o que eu achava da reação de quem fuma, pediu para eu continuar conversando com as pessoas do grupo, enquanto fumavam, para observar se via alguma diferença, ele disse achar imprescindível colocar isso na minha pesquisa, então fiquei observando, este homem foi cuidadoso em não jogar fumaça no meu rosto, não percebi diferença, perguntei o que sentia, ele disse achar que fala mais durante o uso, mas tem outras pessoas que se calam ou afastam, nada fora do normal como dizem as pessoas que não conhecem o uso do crack (Diário de Campo – 21.06.14).

Almeida (2010) em estudo sobre usuário/a de crack, os/as entrevistados/as relatam sentirem agitação durante o uso e diante de experiências diversas, cada pessoa é singular e vivencia as sensações de forma diferenciada, mas, em geral, estes trouxeram misto de prazer e angústia. Em outra pesquisa Moreira (2010) traz que o uso de crack prejudica a memória, concentração, atenção e a compreensão leitora.

Era observado na *Mata* momentos de fissura do crack, como relatado em outras pesquisas “Ginão disse que tinha caminhado muito pela cidade toda, dando a entender que procurava formas de adquirir o crack, e que estava até com o pé machucado” (Diário de Campo – 24.06.14).

Ainda sobre as pessoas que frequentam a *Mata*, quando passava pelo espaço, alguém de classe social mais favorecida do que os/as demais, era destacado/a entre eles/as e alguns/as comentavam com a pesquisadora. “[...] Ginão deu exemplo de um rapaz que estava na roda, disse que ele tem dinheiro, mas está à margem por fazer uso de crack com eles” (Diário de Campo – 16.06.14). Este fato se assemelha na pesquisa de Rui (2012, p.221):

Quaisquer poucos minutos no local e é bem possível presenciar cenas como a do rapaz que chegou e foi identificado de longe por outros usuários como *playboy*: agasalho de tãctel preto e camiseta branca, adornados com mochila *adidas* e tênis *puma*. Limpo, cabelo apumado com gel. Ele comprou o crack, pipou-o por não mais que dez minutos e saiu.

Interessante observar que no final da década de oitenta, quando surgem os primeiros relatos sobre o crack, as pessoas que faziam uso dessa droga eram descritas ora como moradores/as de rua, ora pertencentes a uma classe social menos favorecida, principalmente

do sexo masculino como no relato de Nappo et al (1996)³⁰ apud Oliveira; Nappo (2008, p.665) “O perfil do usuário de crack, descrito pela primeira vez por Nappo et al, foi identificado como homem, jovem, de baixa escolaridade e sem vínculos empregatícios formais”. Sendo perceptível a mudança dessas representações, ao longo dos anos, principalmente relacionado à idade, classe social e escolaridade, observado na *Mata do Gueto*:

Quando cheguei na Mata do Gueto com os/as educadores/as sociais, logo avistamos um homem, aparentemente com 50 anos, ele pintava um quadro, parecia que estava em um estúdio, devido os materiais de pintura que o cercava, conversou bastante, sobre algumas pinturas, entre elas, Mar Vermelho e outras relacionadas à bíblia, disse que tem algumas obras suas, em outros países, citou, Itália e Rússia. Falou o quanto as músicas de rap pode contribuir com a formação dos jovens e repugnou o funk, sugeriu assistirmos os filmes: *Missão: Salvar a Terra, Constantino e Barbarella* [...] (Diário de Campo - 25.02.14).

Em relação à circulação das pessoas na Mata foi observado pela pesquisadora, que se assemelha com os apontamentos da pesquisa de Rui (2012, p.122) “[...] pude notar que a circulação aumenta na segunda semana do mês (quando há mais movimentação de dinheiro, por causa dos pagamentos) e é bastante escassa na última semana – o mercado de drogas acompanha o tempo da produção e da remuneração do trabalho regular”. “[...] no dia cinco era movimentado por ali, devido aumento da venda de pedra, por causa do quinto dia útil, ele quis dizer que é quando a maioria das pessoas recebe seus pagamentos [...]” (Diário de Campo – 04.06.14).

Sobre a movimentação de outras pessoas que não sejam os/as usuários/as de crack, foi notada a presença semanal dos/as educadores/as sociais do projeto de Redução de Danos – *Educar* - pessoas da comunidade, familiares em busca de seus parentes e esporadicamente a polícia, diferenciando dos apontamentos de outras pesquisas sobre espaços públicos (*Cracolândias*) nas grandes capitais, na qual equipamentos governamentais e não governamentais, disputam espaços nessas áreas (saúde, social, segurança pública, ONGs, igrejas), como colocado por Rui (2012, p.214): “Em torno do consumo de crack e do que fazer diante dele, é possível observar embates internos e externos que envolvem as secretarias de saúde e de segurança, a autonomia das profissões, as atribuições policiais e as incumbências médicas”.

³⁰ Nappo, S. A.; Galduróz, J. C.; Noto, A. R. Crack use in São Paulo. *Subst Use Misuse*. 1996.

4.3. Mata do Gueto

Através de observações do cotidiano e entrevista foi apreendido que as pessoas que convivem na *Mata do Gueto* atribuem os seguintes significados deste espaço: **desprazeres; insegurança; tem que se relacionar bem com seus iguais, ter carisma, ter autonomia, ter humildade, ter caráter; saber chegar e sair; ter respeito; felicidade; fugir à regra quando se trata de familiares em busca de ajuda para encontrar seus parentes que se envolvem com o uso de crack; o uso do álcool é problemático na convivência entre eles/as; amizade, crocodilagem, descontração; tranquilidade e sossego.**

Em relação às escolhas de espaços públicos para o uso de crack, de acordo com um dos colaboradores da pesquisa, está relacionada com as reações da droga, sendo esta, partilhada, na maioria das vezes, em grupo, podendo ser **desprazerosas e inseguras**, com possibilidades de agressões, se for utilizada em espaços fechados, conforme declara em entrevista o colaborador Preté DuGueto:

[...] a reação já é mais violenta em fechados. Se tiver aqui em três pessoas, quatro aqui assim, a reação é totalmente diferente. Agora não, no espaço aberto, você evita, você vai pegar vai descer, você vai e pá, agora no fechado é perigoso sair morte, entendeu, porque, daí vamos supor, mesmo que você não tá com má intenção comigo, mas eu posso tá pensando que você tá e aí com a droga na cabeça, é hora que pode acontecer o pior [...] (Entrevista – Preté DuGueto - 12.08.2014).

No estudo desenvolvido por Almeida (2010, p.53), os/as usuários/as de crack relatam que o uso isolado evita sensações maiores de paranóia. “Quanto mais gente ao redor, maiores os delírios de perseguição”. Observa-se que a escolha do espaço de uso do crack, tem haver, particularmente, como cada indivíduo percebe a sensação da droga, pois já na pesquisa domiciliar realizada no Brasil, em 2012, organizada por Bastos e Bertoni (2014, p.140), dos 370 mil usuários/as de crack entrevistados/as, a maioria prefere espaços públicos para fazer o uso.

Para o conjunto de todas as capitais do Brasil, estimou-se que cerca de 80% dos usuários dessas substâncias as utilizam em espaços públicos, de interação e circulação de pessoas, ou, ao menos, em locais passíveis de visualização/visitação, por não se tratarem de espaços privados. Praticamente não se observam diferenças regionais quanto aos resultados obtidos com referência aos locais de consumo do crack e/ou similares, ou seja, em todas

as macrorregiões a ampla maioria dos consumidores de crack e similares o faz em locais públicos.

Preté DuGueto coloca que para começar a viver na *Mata do Gueto*, as pessoas precisam se **relacionar bem com seus iguais, ter carisma, ter autonomia, ter humildade e caráter**. O colaborador da pesquisa procura contribuir para que estas consigam se adaptar bem ao espaço, através de seu conhecimento e visão de mundo, conforme expõe:

[...] começar viver aí, é o seguinte, bom caráter, bom carisma assim, boa visão e boa autonomia, boa atenção com a rapaziada, não ter a magoa, não querer ser maior que o outro, nós tamos num barco só e aquele que pular do barco, não é bem-conceituado na família do Gueto, pra mim eu levo a minha referência a todos (Entrevista – Preté DuGueto - 12.08.2014).

Para Freire (1996), ensinar é criar possibilidades para que cada um produza seu próprio conhecimento e no processo de ensinar e aprender, as pessoas precisam ter consciência que são seres inacabados e que pode sempre construir e re-construir sua história.

Como explicitado por Preté DuGueto, ele procura colaborar no espaço, com seu *saber de experiência* e foi perceptível durante as observações do cotidiano, que o mesmo é uma referência para as outras pessoas do local, como colocado por Ginão, quando foi convidado para contribuir na pesquisa:

Ginão disse que eu precisava da autorização do Preté DuGueto para realizar a pesquisa na *Mata*, porém eu disse que o mesmo já tinha aceitado participar, neste momento ele chegou e confirmou para Ginão que tudo bem fazer parte da minha pesquisa, como se tivesse dando consentimento, percebi que o rapaz ficou mais tranquilo depois disso, concordando em colaborar, depois disso, continuamos a conversa (Diário de Campo - 08.05.14).

Segundo Larrosa-Bondía (2002, p.25), “[...] pode ler-se outro componente fundamental da experiência: sua capacidade de formação ou de transformação. É experiência aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar, nos forma e transforma”.

O colaborador Preté DuGueto, diz em entrevista, que qualquer pessoa pode ir à *Mata do Gueto*, independente se faz uso de crack, mas não é simplesmente chegar, é **saber chegar e sair**, ter educação, postura de respeito, boa conduta com a população do espaço e da comunidade vizinha, para possibilitar sua permanência nessa “quebrada” e não precisar ir para

o “resumo”, que seria dialogar com as lideranças do bairro sobre alguns atos cometidos. Caso não se comporte como o esperado, vai ser cobrado pelas demais pessoas que convivem no local. Segue:

Saber chegar, saber conduzir as palavras, tem que meditar o bom entendimento da gente, é isso daí, soube chegar, vai saber sair normalmente. [O que é saber chegar] Ô pá salve!, salve! Ô ô salve família. [...] nós não temos preconceito de ninguém certo, aí tá aberto para todo mundo, a gente só não quer é artiar a quebrada, roubar a quebrada, nós não que que mexa com os vizinhos, certo, é o ideal, [...] senão, aí nós vai levar mesmo pro resumo, e o resumo significa o que, é a cobrança e ela é para todos, pode ser mulher, pode ser homem, entendeu? (Entrevista – Preté DuGueto - 12.08.2014).

A fala do colaborador também tem afinidade com a música de rap - *Saber Chegar*- que transmite na mensagem, que não basta simplesmente chegar aos lugares, tem que saber de que maneira, sendo essa ação com respeito, correspondência, atitude e união:

Tem que ter liga
 Tem que ter mistura
 Tem que ter disciplina
 e também manter a postura
 (DeBuenasCrew – Saber Chegar, 2014)

Outro significado que observei em várias situações do cotidiano e em falas, foi a necessidade do **respeito** entre os/as frequentadores/as do espaço com outras pessoas que não fazem parte da convivência deles/as, principalmente as crianças. “ [...] perguntei se eles se incomodavam com as pessoas que passam na rua e que poderiam os ver fumando, todos que estavam no espaço, naquele momento, disseram que não, mas deixaram claro que não fazem aquilo na frente de crianças” (Diário de Campo – 16.04.14).

O entrevistado da pesquisa atribui o espaço à **felicidade**, pois vive atualmente sem as dificuldades que tinha em outros momentos da sua vida, como por exemplo, alimentação, vestimentas, também, não visualiza algo de ruim em sua vivência na *Mata do Gueto*, relaciona a mesma com o espaço da casa que para ele em questão de segurança, tanto faz residir na *Mata* ou em uma casa, como coloca Preté DuGueto:

Pra mim, tem tudo de bom, eu tenho uma alimentação saudável, não tenho aquela dificuldade que tive antigamente junto com meus pais, hoje eu sou

feliz, eu vivo bem, só isso que tenho pra dizer. É o seguinte, nem dentro de casa tá tendo segurança, pra mim de ruim não tem nada (Entrevista – Preté DuGueto - 12.08.2014).

Já tem outras pessoas que não concordam e acham que na *Mata do Gueto* **não tem segurança**, em relação a roubos, como relatado por Mãe: “[...] ela disse que tem todos os documentos, mas não deixa nada na *Mata*, pois acha que outras pessoas que frequentam o espaço, podem roubar, até o fogão que ganhou no final do ano, acha melhor deixar na comunidade, relatou que faz comida na lenha, mas não deixa, naquele local, seu fogão novo” (Diário de Campo – 09.04.14).

De acordo com os/as colaboradores/as não é aceito dentro da *Mata do Gueto*, caguetas, mas tanto na entrevista quanto em situações de observação, foi possível constatar que é necessário **fugir à regra quando se trata de familiares em busca de ajuda para encontrar seus parentes que se envolvem com o uso de crack**. Como relatado pelo colaborador em entrevista:

O que eu ensino é o seguinte, se você tiver procurando seu irmão, seu filho, se acha que eu vou esconder, você pode me chamar de cagueta o que for, porque o sofrimento não é seu não, quem tá sofrendo é a família, pode me chamar de cagueta, de filho da puta, mas eu vou ajudar. (Entrevista – Preté DuGueto - 12.08.2014).

Outro assunto refletido na *Mata do Gueto* foi o **uso do álcool**, devido ao uso abusivo de algumas/uns frequentadoras/es do espaço e é a droga que a maioria considera **problemática na convivência entre eles/as**.

Conversamos um pouco sobre o uso do álcool depois que um rapaz (frequentador) disse que seu tio, conhecido de algumas pessoas dali, estava internado com problemas no coração, devido uso de álcool. (Em outro momento) Ginão enquanto bebia cachaça com outra jovem (frequentadora), na lata de cerveja, me perguntou se era genético o uso do álcool, eu disse que pode ser um dos fatores junto com outros que influenciam o uso ou não de álcool e outras drogas, conclui dizendo que não é porque os pais são dependentes de álcool que os filhos também vão ser, a jovem disse que no caso dela, ela é (dependente), assim como seus pais (Diário de Campo – 22.05.14). Ginão chegou um pouco agressivo, provavelmente devido ao uso de álcool, carregava uma garrafinha de cachaça, falava alto, em um momento jogou uma faca na árvore, me assustei, em outro discutia com as pessoas, um homem disse que Ginão chegava a incomodar quando estava daquele jeito, se referindo a essa bebida (Diário de Campo – 24.06.14).

A maior parte das pessoas que frequentam a *Mata*, consideram o uso e efeito do álcool, pior que o crack, mas este, traz como consequência, a violência:

No diálogo sobre drogas lícitas e ilícitas, por mais que algumas pessoas consideram o álcool pior que outras drogas, relacionadas à saúde, acham as ilícitas piores, devido à ilegalidade e Ginão justifica que o crack é mais problemático que as demais, porque as pessoas cometem furtos para conseguirem e se envolve com violência, outra pessoa disse que não conhece ninguém que morreu por causa do crack, mas sim por violência, se referindo a roubos e dívidas de drogas (Diário de Campo – 24.06.14)

A mistura de álcool com o crack, entre as pessoas que consumiam essa droga e frequentavam a *Mata do Gueto* era recorrente, mesmo com os relatos negativos sobre essa bebida. Em pesquisa realizada por Ribeiro; Sanchez; Nappo (2010, p.214) afirmam:

O uso do álcool como estratégia para amenizar a fissura foi relatado por muitos entrevistados. Lançou-se mão dessa tática visando cessar a vontade constante do uso do *crack*. Explicam que, pelo poder “calmante” do álcool, se reduz a energia para busca de dinheiro ou droga, sendo assim um possível controle para a fissura: Entretanto, alguns discursos apontam para aumento da fissura a partir do uso do álcool. Relatam que o álcool “chama o *crack*” pela intensificação imediata da fissura.

Outro significado atribuído para a *Mata do Gueto*, é a **amizade**. Observei em momentos distintos, através de falas de colaboradores/as e frequentadores/as, que para algumas pessoas, ela está em conexão com a confiança e é necessária para a convivência no grupo:

Ginão disse que não considera quem rouba ele, mas prefere resolver quando se trata de uma pessoa que aprecia como amigo, se referindo a um rapaz que estava no espaço, em seguida, tiveram uma discussão para definir uma pendência, mas logo estavam conversando normalmente. Ginão saiu e deixou sua mochila aberta ao meu lado, o chamei para pegá-la e o mesmo disse que deixou “na resposta” do amigo se referindo ao mesmo rapaz. (Diário de Campo – 24.06.14).

Para outras pessoas a amizade só existe ali em função do crack, pois caso contrário é falsidade (**crocodilagem**). “Tem a amizade, tem a crocodilagem. A Crocodilagem, é ser falso, a amizade é o crack, assim cada um que pá, se você tem (crack), tem (amizade), se você não tem (não tem amizade)” (Entrevista – Preté DuGueto - 12.08.2014).

Um dos frequentadores acha que a amizade na *Mata do Gueto* pode propiciar momentos de **descontração**, sendo que algumas vezes vai à *Mata*, apenas para dialogar e não fazer uso de crack.

Neste dia, em uma conversa com um dos frequentadores do espaço, que já me conhecia do projeto *Educar*, quando eu realizava grupos de Redução de Danos no ambulatório do CAPS-AD do município. Explicava minha pesquisa para ele e durante a conversa perguntei qual o motivo que ia na *Mata do Gueto* ele disse que para fumar crack e as vezes vai apenas para trocar ideia, sem intenção de usar droga, pois tem amizade ali e gosta de conversar com o pessoal (Diário de Campo - 22.05.14).

Rui (2012) chama a atenção para pesquisas que formulam falas equivocadas sobre os laços de amizade, entre os/as usuários/as de crack, em locais públicos de uso, como se esses não existissem ou fosse impossível de acontecer, sendo cada um por si, a pesquisadora coloca que, independente de como esses laços se constroem, são essenciais para a sobrevivência do grupo, isso fica evidente no contexto observado na *Mata do Gueto*, como apontado anteriormente.

Outro aspecto observado na *Mata do Gueto* é que o local proporciona para algumas pessoas, **tranquilidade e sossego**, sem considerar o lixo, a precariedade e vulnerabilidade do espaço:

[...] um dos frequentadores nomeou o espaço de “Refúgio” dizendo que sempre trabalha à noite inteira e pela manhã vai fumar crack ali, num lugar de sossego, tranquilidade e paz e as demais pessoas que estavam por perto concordaram com ele. (Diário de Campo – 21.06.14).

4.4. Uso de Crack

Em relação as motivações relatadas pelos/as colaboradores/as da pesquisa para o início do uso de crack. Preté DuGueto expõe que teve sua primeira experiência com o crack através de um familiar, já Ginão primeiro por decepção amorosa e depois voltou a usar por questões financeiras. Ambos relatos coincidem com um estudo realizado em locais públicos com vinte e um mil usuários/as de crack e outras formas similares de cocaína fumada, como a pasta base, merla e “oxi”, mais da metade disseram que a motivação para o uso dessa substância está relacionada à vontade/curiosidade de sentir o efeito da droga; 29,2% por problemas

familiares ou perdas afetivas; 26,7% pela influência ou pressão dos amigos e 2% pelo crack ser mais barato que a cocaína inalada (BASTOS; BERTONI, 2014).

São apontados em outra pesquisa, por Almeida (2010), fatores que motivam o uso de drogas, como amigos, curiosidade e dificuldade financeira. Alguns/mas usuários/as consideram que o uso de crack está relacionado ao desejo de morte, devido depressão e falta de perspectivas.

Mota (2012, p.108) coloca que jovens em situação de rua e usuários/as de crack, tiveram suas trajetórias de vida influenciadas pelo uso de drogas, por pertencerem a famílias consideradas marginalizadas na sociedade. Ainda esta mesma autora relata que o contexto social é o principal responsável para a continuidade da lógica de exclusão deles, na qual as políticas públicas não são eficientes para suprirem as necessidades destes. “[...] Constatamos que esta postura social teve efeitos nas vidas destes jovens, provocando implicações na sua formação, observadas nas muitas recaídas ao uso de drogas, mesmo estando na instituição”.

Pettenon (2012, p.62) discorre que a característica de afeto e como os pais educam os filhos, podem indicar, fatores de risco para o uso e dependência do crack. “Por exemplo: sujeitos com percepções de pais controladores e sem afeto e mães negligentes, [...] podem ser mais vulneráveis ao uso de crack, comparando-os/as a não usuários/as de drogas ilícitas, que referem boas percepções de cuidados parentais [...]”.

Passo agora a apresentar a categoria “Uso de Crack”. Através de observações do cotidiano e entrevista no campo foi apreendido que os significados atribuídos ao uso do crack, são os seguintes: **doença, dependência; consequências ruins (perde tudo, problemas familiares e de saúde), excluídos, limpos; punição, marginalização; prazer.**

Para o colaborador Ginão o uso de crack representa **doença e dependência**, além de considerar que a experiência com o uso dessa droga pode contribuir com ensinamentos:

Perguntei para Ginão sobre a frase que tinha falado um outro dia “todo mundo tem algo para ensinar do que aprendeu” e ele disse que todo mundo tem uma passagem de vida sobre o crack para ensinar, daí disse em seguida, que o crack é uma doença progressiva, incurável e fatal, perguntei se já frequentou os grupos do NA (Narcóticos Anônimos), disse que sim e ainda faz parte da Irmandade, está apenas afastado, pois uma vez usuário, sempre vai ser um usuário de drogas, continuou dizendo que existe o adicto seco e o adicto compulsivo, os usuários de crack não são menos capacitados do que outras pessoas e que todo usuário de droga é manipulador, perguntei se tem que ser usuário de drogas para ser manipulador, ele disse que não (Diário de Campo - 22.05.14).

Preté DuGueto também coloca que o uso do crack traz perdas e prejuízos para quem usa e para suas famílias, com esta droga as pessoas perdem o autocontrole e cuidado, e para contribuir com os/as usuários/as e seus familiares, ele se propõe a orientá-los:

[...] o mundo da droga é quem pode conspirar, quem pode conduzir, entendeu? Porque o mundo da droga eu vou falar para você, “você perde tudo”, perde tudo, eu só cai nesse mundo de crack aí, não vou colocar culpa em parente, não vou colocar culpa em família, certo. Porque o crack ele veio para derrotar, ele tá derrotando famílias de classes, certo, isso, as pessoas nem esperavam, certo. Então eu, como Preté DuGueto, eu posso conduzir, as famílias, os parentes e os guerreiros que estão junto comigo, entendeu. Aquele que me odeia, só digo amém (Entrevista – Preté DuGueto - 12.08.2014).

O colaborador Preté DuGueto coloca que o uso do crack traz **consequências ruins para a saúde e na relação com a família**. Citou os Narcóticos Anônimos como uma referência para deixar o uso, não sendo adequado, neste momento, este grupo, para ele, pois, está em uso contínuo. Outra questão que este colaborador trouxe foi que o/a usuário/a de crack é “**excluído**” e para deixar de ter este estigma, precisaria andar como as demais pessoas da sociedade, apresentáveis, percebi que nesse discurso ele reproduziu o que escuta sobre seus iguais, pois, logo corrigiu dizendo que eles são **limpos**:

Preté DuGueto disse que o adicto já tem os problemas com o uso do crack, querendo dizer que o melhor são eles não arrumarem mais problemas além das consequências do crack, citou os doze passos dos Narcóticos Anônimos, perguntou se eu conhecia e eu disse que sim, perguntei se eles seguiam ali os doze passos, ele riu e disse claro que não, senão nem ali eles estariam, pois não pode usar nada quem segue os doze passos. Preté DuGueto disse que também é importante que o adicto saiba como se entregar na sociedade, pedi para explicar melhor, ele disse, andar limpo, mas logo corrigiu dizendo, mas somos limpos e continuou, conversar bem para ser enxergado. Tentei entender porque dizia aquilo e se pretendia sair dali para viver como as outras pessoas da sociedade, ele disse que se sentia bem no Buraco mais do que em casa, disse ter um peso nas costas com quem cuidou dele, se referindo ao pai, por ter roubado um botijão de gás da tia, disse que este é um comportamento dele que não dá para evitar, durante a fissura, quando entra em casa parece que tem até câmera para vigiar, falava tudo isso da família com um olhar de dor, parecia que queria evitar o sofrimento da família (Diário de Campo – 30.05.14).

Outras observações apreendidas do cotidiano das pessoas que frequentam a *Mata do Gueto*, sobre o uso de crack, para algumas, está relacionado à **punição**, quando deixam de seguir uma determinada religião “[...] um dos frequentadores da *Mata* disse que era

evangélico e que desviou o caminho de Deus e foi castigado, se referindo ao uso do crack” (Diário de Campo – 09.04.14).

Já em outro relato o colaborador coloca que o/a usuário/a de crack está em situação de marginalidade na sociedade. “Ginão disse que eles estão à margem da sociedade e a própria margem também segrega” (Diário de Campo – 16.04.14). De acordo com o colaborador ele define a **marginalização** como pessoas pertencentes a determinados grupos que são inferiores e separados do restante da sociedade, e no interior desses grupos ocorrem novas segregações, como colocou o exemplo dos/as usuários/as de crack, estes também separam seus iguais.

Essa fala pode ser comparada com a organização do sistema-mundo, na qual divide os opressores dos oprimidos. Freire (1987) coloca que o povo dependente é tratado como objeto nessa relação, e a definição de marginalização não significa pessoas que estão fora dessa organização, mas sim oprimidos que precisam se libertar, transformar essa lógica e não se incluem nela e isso é possível através da humanização.

[...] todos aqueles que são tratados como objeto numa relação de dependência. Na realidade, estes homens – analfabetos ou não – não são marginalizados. Repetimos: não estão “fora de”, são seres “para o outro”. Logo, a solução de seu problema não é converterem-se em “seres no interior de”, mas em homens que se libertam, porque não são homens à margem da estrutura, mas homens oprimidos no interior desta mesma estrutura. Alienados, não podem superar sua dependência incorporando-se à estrutura que é responsável por esta mesma dependência. Não há outro caminho para a humanização – a sua própria e a dos outros – a não ser uma autêntica transformação da estrutura desumanizante (FREIRE, 1987, p.39).

Outro colaborador afirma que de acordo com o comportamento de cada indivíduo que frequenta a *Mata*, ele pode ser colocado à margem para não prejudicar o grupo. “Ó uma laranja podre numa caixa, ela apodrece toda. Então, essa laranja podre aí, nós vamos descartar, uma boa atenção, uma boa sabedoria” (Entrevista – Preté DuGueto - 12.08.2014).

As pessoas que pertencem a uma sociedade opressora, nem sempre conseguem ter clareza dessa realidade tendo como exemplo de humanidade a própria opressão, sendo assim, reproduz nas relações, atitudes opressoras com seus iguais, assim como atos de violência:

[...] os oprimidos tendem a converter-se eles mesmos em opressores ou em “subopressores”. A própria estrutura de seu pensamento viu-se condicionada pelas contradições da situação existencial concreta que os manipulou. Seu ideal é serem homens, mas, para eles, serem homens é serem opressores. Este é seu modelo de humanidade. [...] Isto não quer dizer necessariamente que os oprimidos não tenham consciência de que são pisados. Mas o estar

imersos na realidade opressiva impede-lhes uma percepção clara de si mesmos enquanto oprimidos (FREIRE, 1979, p. 31)

Em outro momento, Preté DuGueto, trazia sua preocupação com a importância de resolver algumas situações, através da conversa “ [...] antes que o pior acontece com alguém dali, se referindo algum ato de violência (Diário de Campo – 30.05.14). De acordo com Freire (1979), as pessoas que consideram alguns grupos marginalizados precisam ter clareza que essa não é só uma questão de espaço físico e sim de uma realidade histórica, econômica, social e cultural, resultante de ações dos extratos dominantes da sociedade que expõem mulheres e homens a vários tipos de violência para manter o *status quo*. “Se a marginalidade não é uma opção, o homem marginalizado tem sido excluído do sistema social e é mantido fora dele, quer dizer, é um objeto de violência” (FREIRE, 1979, p. 38).

A maioria das pessoas relacionou o uso de crack a fatores negativos, mas também foi constatado relato positivo, como a busca de **prazer**:

Ginão disse que se sente bem com o uso do crack e que o mundo do crack, não é real, mas segundo ele, a sociedade não vive o real e que todo ser humano precisa sair do real e completou com a frase. “O ser humano precisa de algo que dê prazer em algo na vida que está além do real” (Diário de Campo – 30.05.14).

Os/as usuários/as de crack relacionam seu uso a um grande prazer, comparando-o com sexo, liberdade, alívio, válvula de escape (com a possibilidade de se esquivar a problemas vividos no momento) e poder. Esta sensação de prazer é correlacionada, pelos/as usuários/as, com um orgasmo momentâneo, seguido de compulsão ao consumo imediato do crack para evitar sensações de angústia, paranóia e delírios (ALMEIDA, 2010).

Alguns cientistas da área de neurobiologia discutem a importância de entender o funcionamento do sistema nervoso central e compreender como agem as drogas assim como outras formas de estimular o prazer:

Cada droga tem o seu mecanismo de ação particular, mas todas as drogas [...] agem, direta ou indiretamente, em um mesmo local do cérebro: uma via de circuitos neuronais, responsável pelo sistema de recompensa cerebral. Normalmente esta região do cérebro é estimulada quando sentimos prazer determinado por causas físicas, comer, por exemplo, ou por causas psicológicas, como olhar para uma paisagem bonita ou escutar uma música do qual gostamos (FORMIGONI; KESSLER; PECHANSKY, 2009, p.3).

Algumas reflexões de Sodelli (2010), sobre o pensamento fenomenológico existencial, diz que as pessoas possuem duas condições ontológicas: ser mortal e ser livre, e na

cotidianidade, isso traz sentimentos de angústia e culpa, pois cada indivíduo tem a condição existencial de cuidar do seu ser “[...] dando sentido para as coisas do mundo, e mais, sabendo que é impossível transferir esta tarefa para outro, por estas razões, o mundo pode se tornar um lugar inóspito, a vida pode ser sentida como um ônus, como um fardo que se tem de carregar” (SODELLI, 2010, p.639).

Na explanação de Sodelli (2010), o autor traz a necessidade de alteração da consciência, e que cada pessoa a procura, na tentativa de aliviar o cuidado com seu próprio ser e a possibilidade de viver mais tranquilo. As reflexões desse autor afinam-se com a pesquisa de Almeida (2010); Formigoni; Kessler e Pechansky (2009), assim como do colaborador Ginão. A escolha que cada indivíduo faz para ter momentos de prazer, pode se relacionar com quaisquer atividades do dia-a-dia e alguns optam pelo uso de drogas.

É claro que não é só por meio do uso de drogas que o homem busca o alívio do ter que cuidar do seu próprio ser. Outras atividades também podem proporcionar esta sensação, por exemplo, assistir a um bom filme, praticar esportes, participar de um culto religioso, ter um relacionamento sexual. Todas essas atividades podem nos possibilitar momentos prazerosos, nos quais experimentamos um desligar automático da nossa árdua tarefa do cuidar do nosso próprio ser, ou seja, podem provocar uma alteração do estado da consciência (SODELLI, 2010, p.640).

4.5. “Vamos pras ideias e se correr das ideias aí o bicho pega”

Durante o processo da pesquisa, na maioria das conversas com Preté DuGueto, a frase, “Mente Blindada e Sabedoria” era utilizada para explicar como as ações e relações cotidianas do campo pesquisado, estavam permeadas por elas. Para o colaborador, *Mente Blindada* é a conduta, ação da pessoa, como ela se relaciona, se comporta em seu cotidiano e tendo ética para lidar com as “leis da comunidade, não errar no mesmo erro da pessoa” (Entrevista – Preté DuGueto - 12.08.2014), cada um fazer sua parte correta e contribuir com o próximo, no que puder para ajudar, mas se não está ao seu alcance, “já era” (Entrevista – Preté DuGueto - 12.08.2014), segundo o colaborador, *Sabedoria* é o conhecimento que a pessoa tem, possibilitando sua liberdade de ir e vir. Para esse colaborador *Mente Blindada e Sabedoria* tem que caminharem juntos, caso contrário, a pessoa é castigada, perdendo o direito de circular, através de afastamento da comunidade que convivi e de outras, também.

Mente Blindada e Sabedoria, como analisadas nesta pesquisa, se aproximam da ideia de práxis (reflexão e ação), de acordo com Freire (1987) e Fiori (1997), ambas, também caminham juntas para contribuir com a transformação da realidade, focada na libertação. “O seu quefazer, ação e reflexão, não pode dar-se sem a ação e a reflexão dos outros, se seu compromisso é o da libertação” (FREIRE, 1987, p.122).

Preté DuGueto explica que a *Mente Blindada e Sabedoria* é que determina a liberdade de cada pessoa, dependendo como ela utilizar seu conhecimento adquirido e sua história de vida, de maneira que possa beneficiar ou prejudicar seu entorno. “Através de sua permanente ação transformadora da realidade objetiva, os homens, simultaneamente, criam a história e se fazem seres histórico-sociais (FREIRE, 1987, p.92).

Como supracitado, de acordo com o colaborador, se a pessoa não tem boa conduta (*Mente Blindada e Sabedoria*), poderá ser punida pelas lideranças da comunidade, através da opressão, tendo como castigo, a perda do direito de circular ou como última conseqüência, submetida a diversos tipos de violência. Mas, segundo Preté DuGueto, seu grupo de pertencimento e as lideranças da comunidade, são mediadores de boa conduta, através de conversas e ensinamentos, facilita que cada indivíduo que convive na *Mata do Gueto*, tenha bom desenvolvimento e não perca sua liberdade.

A violência citada acima, se assemelha a outras formas de opressões, como explicitado por Freire (1987, p.122) para manter a *ordem*, impede que as pessoas exerçam a práxis e são reduzidas apenas a ação. “O esforço revolucionário de transformação radical destas estruturas não pode ter, na liderança, homens do quefazer e, nas massas oprimidas, homens reduzidos ao puro fazer”. De maneiras distintas, essas relações opressoras são utilizadas para manter o controle.

O colaborador da pesquisa, Preté DuGueto, compreende que através da sabedoria adquirida em sua trajetória, com o uso do crack, como sua história de vida, possibilitou na convivência da *Mata do Gueto*, o papel de transmitir seus conhecimentos para as demais pessoas que frequentam o espaço. “[...] na mata, tinha um sobrado ali e tal, foi indo, foi indo, foi indo e nossa, falaram, o Gueto é fundamental para conduzir a situação ai, mas já vim nessa quebrada na sabedoria e tal” [...] (Entrevista – Preté DuGueto - 12.08.2014).

A *Mente Blindada e Sabedoria* do colaborador, como citado, permite na relação com as/os demais usuários/as de crack da *Mata do Gueto* a transmissão de conhecimentos, principalmente através da conversa, como relatado pelo colaborador, para contribuir com a convivência e sobrevivência do grupo. Essa reflexão pode sinalizar o diálogo na teoria de

Freire (1979) o diálogo é o encontro da ação e reflexão, não se separam, e não pode ser reduzido à depósito de ideias.

A “mente” em outros contextos tem significados diferentes ou semelhantes com a explicação do Preté DuGueto, para algumas pessoas que estão em situação prisional, ela é autocontrole para garantir a saúde mental diante de questões naturais da vida. “A vida oferece desequilíbrios, conflitos, batalhas, ela não é harmonia” (MALVASI, 2011, p.343). Para profissionais que trabalham com adolescentes que cumprem medidas socioeducativas, mente significa:

O “domínio do mental” é, hoje, um campo primordial para a execução de medidas socioeducativas; diagnosticar o uso de drogas e nele intervir e abordar traumas físicos e psicológicos – entre outras causas de transtorno de conduta – constituem as atividades centrais da ação socioeducativa, que deve ser desdobrada e, se possível, persistir no acompanhamento dos jovens em Centros de Acompanhamento Psicossocial (CAPS). A saúde mental ganha terreno no campo socioeducativo (MALVASI, 2011, p.348).

De acordo com o autor, no mundo do crime, a “mente” assim como a mente blindada, posta pelo colaborador, significam a ação que se espera das pessoas que convivem nesses contextos (mundo do crime e uso de crack). “Inteligência, sagacidade, capacidade comunicativa, astúcia, opinião, “proceder”, atitude, “sangue nos olhos” (coragem), objetivos concretos, palavra-ação – a noção de “mente” é a própria ação esperada de um jovem que trabalha no tráfico” (MALVASI, 2011, p.349).

Segundo relato do colaborador Preté DuGueto o uso do crack é perigoso, podendo levar a morte, por isso precisa ter cuidado e sabedoria no uso. Com os ensinamentos da família as pessoas podem evitar o uso do crack ou ter mais cuidados com os perigos em alguns momentos da vida.

[...] a vida do crack é superior, (pode) levar assim mesmo a morte. Mas tem que usar a sabedoria, certo, acima de tudo, a **mente blindada**. Porque é o seguinte, é que nem a minha avó, a minha mãe me dizia, os meus pais, certo, você tem que tomar cuidado com esse mundo louco (Entrevista – Preté DuGueto - 12.08.2014).

Na explanação do Preté DuGueto sobre *Mente Blindada e Sabedoria* ele deixa claro que o conhecimento adquirido com seus ancestrais, contribui com a formação da pessoa e conseqüentemente com a reflexão e ação de cada um. Mas, mesmo o colaborador objetivando a harmonia entre seus iguais, não deixa evidente, ter a consciência da sociedade que os oprime.

Num primeiro momento a realidade não se dá aos homens como objeto cognoscível por sua consciência crítica. Noutros termos, na aproximação espontânea que o homem faz do mundo, a posição normal fundamental não é uma posição crítica, mas uma posição ingênua. A este nível espontâneo, o homem ao aproximar-se da realidade faz simplesmente a experiência da realidade na qual ele está e procura. Esta tomada de consciência não é ainda a conscientização, porque esta consiste no desenvolvimento crítico da tomada de consciência. A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica (FREIRE, 1987, p.15).

Na pesquisa realizada com adolescentes em liberdade assistida, foi relatado pela maioria, que no mundo do crime, o respeito e a humildade precisam fazer parte do conhecimento que as pessoas adquirem em suas experiências, para sobreviverem nessa “vida loka”, de acordo com o autor, significa um jogo entre a vida e a morte, e nessa, estamos de passagem (MALVASI, 2011). Vivenciar o mundo do crack coincide com o relato citado acima, pois a morte pode ser certa se a pessoa não tem a *Mente Blindada e Sabedoria*, de acordo com o colaborador.

As experiências expostas na *Mata do Gueto* deixam claro que o grupo de usuários/as de crack, assim como vários outros, sobrevivem e vivem seu cotidiano construindo seus sentidos e subjetividades que contribuem com a compreensão do mundo (visão de mundo), em uma sociedade totalizada (eurocêntrica), sem muitas vezes problematizá-la e criticá-la, delimitando seu olhar, apenas por um horizonte limitado (DUSSEL, 1995).

Ninguém luta contra as forças que não compreende, cuja importância não mede, cujas formas e contornos não discerne; mas, neste caso, se as suporta com resignação, se busca conciliá-las mais com práticas de submissão que de luta. Isto é verdade, se refere às forças da natureza: seca, inundação, doenças das plantas e dos animais, curso das estações, isto não é menos verdadeiro dito das forças sociais: "o latifundiário", "os trustes", "os técnicos", "o Estado", "o fisco" etc., todos os "eles" de que nós não temos senão uma vaga ideia; sobretudo a ideia de que "eles" são todo-poderosos, intransformáveis por uma ação do homem do povo (FREIRE, 1979, p. 22).

Como coloca Freire (1979), essa conscientização faz parte do conhecimento histórico que a sociedade precisa ter do seu povo e assumirem-se enquanto sujeitos de sua cultura e do mundo.

É também consciência histórica: é inserção crítica na história, implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo. [...] A

conscientização não está baseada sobre a consciência, de um lado, e o mundo, de outro; por outra parte, não pretende uma separação. Ao contrário, está baseada na relação consciência – mundo (FREIRE, 1979, p. 22).

Nesta categoria “Vamos pras ideias e se correr das ideias aí o bicho pega” descrevemos as aprendizagens do: **Respeito; Boa conduta entre as pessoas da Mata do Gueto; Regras; Cuidados; Solução de problemas e Paz.** Esses processos educativos se deram através da: **fala/conversa/palavra, expressões, gestos, repetição das ações, gritos, pedido de desculpas, violência,** na prática do uso de crack em espaço público, *Mata do Gueto.*

Dados da entrevista apontaram que o entrevistado ensina e aprende, na *Mata do Gueto*, tendo como primeira referência de visão de mundo, seus pais, com os quais, aprendeu, principalmente, que nas relações entre as pessoas se retribui o que se recebe.

Do fundo do meu coração (dizendo como obtém seus ensinamentos). Não tive ninguém na família, bandido, como falo pra você eu acho que é o mundo que nos ensina a gente ser, aprender eu aprendi no berço. Deu carinho pra mim, é o carisma que você vai receber [...] (Entrevista – Preté DuGueto - 12.08.2014).

Preté DuGueto traz como exemplo de suas referências, as aprendizagens sobre o respeito:

O respeito ele se acaba em si mesmo, eu tenho assim, eu sou esquentado que nem meu pai, tenho o respeito e quero que me respeitem, sem o respeito é fora do normal. A partir do momento que você der o respeito pra mim, contribuo com carinho, com sinceridade, alguma coisa eu vou te dar, agora se pá, faltar o respeito com a minha pessoa, e vim com falsidade pro meu lado, daí você vai receber em dobro, porque eu sei multiplicar (falsidade ou respeito), nesse mundão que hoje, já nasce com dente (Entrevista – Preté DuGueto - 12.08.2014).

Em relação à quando se ensina e aprende o respeito, o colaborador diz que se inicia assim que as pessoas começam sua convivência na *Mata*, daí as outras que já frequentam a mais tempo, explicam como funciona, acolhendo todos/as que tem boa conduta, apresentando as demais pessoas do espaço, como se fosse uma família. O colaborador coloca que os processos educativos sobre o **respeito se dão através de gestos e falas:**

No ensinamento assim ó, meu vamos supor é o seguinte, pá chegou uma pessoa que a gente nunca viu na frente da gente, certo, eu como pá na boa autoria, viu, qual é seu nome e que quebrada que você tá, certo, e aí, porque é o seguinte a gente é cobrado de toda maneira. Ô com certeza. [...]

(afirmando que ensina através da fala). Respeito é, seja bem vindo aí, fica na paz, certo, essa é a família do *Gueto*, vamos respeitar cada um o outro aí, já era (Entrevista – Preté DuGueto - 12.08.2014).

Preté DuGueto deixa claro que além dos processos de aprendizagens sobre o uso do crack, o respeito é ensinado e aprendido na *Mata do Gueto*, pois este, é fundamental desde quando inicia as relações entre as pessoas, ele coloca que independente se é bom ou ruim *tudo que se dá se recebe*, mesmo que seja falsidade. A música de rap - *Saber Chegar*- compartilha com o colaborador, a ideia de que na caminhada de cada um, o respeito é necessário nos ensinamentos para o crescimento do ser humano, podendo contribuir com um bom caráter, colaborando de maneira positiva para a pessoa manter suas relações cotidianas.

A vida sempre vai ensinar, a viver
Saber respeitar e crescer, tem a ver
Com crescimento do caráter, do ser
De saber pisar e se manter.
(DeBuenasCrew – Saber Chegar, 2014)

Repetindo as ações:

[...] (em conversa com a Mãe) disse que gosta muito da gente, lembrou quando fui fazer a inserção, uma das jovens (frequentadora da *Mata*) falou “grossa” comigo e a Mãe, não gostou e fez ela voltar e falar direito, disse “onde já se viu alguém tratar a gente com desrespeito”, depois disso, disse que é tranquilo eu realizar a pesquisa e ficar à vontade e que ninguém mexe com a gente não, porque senão tem que ver com ela, mas usou outro termo pra dizer isso (Diário de Campo - 09.04.14).

A colaboradora Mãe procura ensinar para as pessoas, mais novas, conduta de respeito através da **repetição de alguns atos cometidos**, considerados “errados” por ela, possibilitando nesse processo que cada uma dessas pessoas tenha a autonomia em repensar suas atitudes. Para Freire (1996) a autonomia é um amadurecimento que se constitui nas experiências e decisões do dia-a-dia do indivíduo.

O respeito também é ensinado e aprendido **através de gritos**, chamando a atenção pelos atos cometidos e **pedido de desculpas**:

[...] Ginão chegou com uma cobra pequena na mão, dando risada, Preté DuGueto conversava conosco e aos berros, pediu para ele ter respeito, o mesmo jogou a cobra do outro lado da rua e veio pedir desculpas para nós (Diário de Campo - 16.04.14).

E através de **Expressão (cara feia)**:

[...] Preté DuGueto chegou naquele momento, olhou com *cara feia*, para um jovem que estava na *Mata* sem camisa, gritando foi chamando a atenção dele, dizendo onde já se viu tirar a camiseta, perto de mim, tinha que ter respeito com as pessoas ali, percebi Preté DuGueto, extremamente bravo com a situação, o rapaz rapidamente já foi colocando-a de volta sem falar nada. (Diário de Campo - 04.06.14).

Outro processo educativo identificado foi o ensinamento da **boa conduta entre as pessoas da *Mata do Gueto***, através de **gestos** principalmente de desprezo e reprovação, quando estas, têm em sua história de vida, posturas ruins, como por exemplo, caguetagem e estupro.

[Eu fui bastante acolhida aqui, se eu fosse usuária de crack seria recebida da mesma forma?] [...]Preté DuGueto: chegou aqui, nós recebe qualquer pessoa, sendo usuário ou não, aí é o seguinte é só não ser aquela pessoa que tem maldade, é estuprador, é cagueta, isso e aquilo, aí a gente vai dar a costa mesmo, de verdade (Entrevista – Preté DuGueto - 12.08.2014).

Na *Mata do Gueto* foi observado e relatado, por colaboradores/as da pesquisa, que para conviver neste espaço, tem que ter **regras**, principalmente relacionadas ao respeito e conduta (não roubar). Estas são ensinadas e aprendidas através da **fala** com as pessoas novas que chegam ao espaço e quando não cumpridas, algumas chances são dadas, caso persistam no erro, como consequência, pode ter a expulsão, como punição:

Com certeza, com certeza. (explicando que no espaço tem regras). É bom porque é o seguinte, entendeu, quem acatar o prosseguimento da regra, amém, e quem não acatar o prosseguimento, é o seguinte, nós vamos isolar (Entrevista – Preté DuGueto - 12.08.2014). Nesse dia encontrei um homem (frequentador da *Mata*) que há um tempo não via na *Mata*, o local estava vazio e perguntei para ele qual seria o motivo, o mesmo disse que as vezes algumas pessoas somem por um tempo, outras morrem, provavelmente por alguma confusão e outras são expulsas do espaço, devido mau comportamento, fiquei curiosa e pedi para ele explicar, o mesmo disse que as pessoas chegam ali e são avisadas das regras, que não é aceito quem roube por ali e não fumar na frente de crianças que passam na rua, quando as pessoas não cumprem é dado algumas chances para elas, mas quando não mudam o comportamento, são expulsas (Diário de Campo – 24.06.14).

Os/as colaboradores/as enfatizam que todas as pessoas que iniciam a convivência na *Mata do Gueto* aprendem as regras com quem já tem mais experiência, quando erram, através da conversa, tentam resolver tendo a chance de tentar novamente. Sobre o ensinar, Freire (1996) pondera que o saber escutar é parte fundamental desse processo.

Durante o período de observação foi possível constatar que as conversas diárias das pessoas que frequentam a *Mata do Gueto* eram relacionadas ao consumo e obtenção do crack, mas percebi em alguns momentos que assuntos sobre os **cuidados** entre eles, também se destacavam nos diálogos, estes ensinados e aprendidos através de **gestos e falas**. Como no caso de uma jovem grávida usuária de crack, houve uma preocupação com ela, na *Mata*, desde o pré-natal, até o parto da bebê. “O assunto do dia era o nascimento da filha da jovem que eu e as/os educadoras/es sociais acompanhamos nos campos, várias pessoas que nos encontravam, falavam sobre o assunto, principalmente que a bebê tinha nascido e passava bem” (Diário de Campo - 08.05.14).

O cuidado com a pesquisadora também foi observado:

Durante a conversa Mãe preparou o cachimbo e fumou algumas vezes e quando apagava o fogo pedia “bic” (isqueiro) para quem passava por nós, disse estar sem fósforo, chegou a fazer uma fogueira pequena para acender o cachimbo, mas logo apagou porque a fumaça vinha em mim, disse a ela que não era para se preocupar comigo, tentei ajudá-la a acender novamente (Diário de Campo – 04.06.14) Quando Mãe chegou, eu disse que tinha ido ao posto, medir minha pressão que estava baixa, ela ficou preocupada. Willian (nome fictício do educador social que assinou o TCLE) passou para deixar roupas para o pessoal da *Mata* e pedi carona, Mãe foi logo dizendo que achou bom mesmo ele passar naquela hora, porque vai que eu passo mal ao ir embora, os outros homens que estavam lá também manifestaram preocupação comigo, disseram para eu descansar mais, pois a saúde é mais importante do que o restante, falaram que eu estava pálida e até fizeram sugestão de alimentação, acharam que eu preciso de uma alimentação mais forte, tipo caldo de mocotó (Diário de Campo – 21.06.14).

Também foi ensinado e aprendido, o cuidado, em situações de adoecimento, como relatado pela colaboradora Mãe, quando estava gripada e um jovem cuidou dela até ela apresentar melhora.

[...] Mãe disse que só uma vez ficou com uma gripe forte ali, mas um rapaz que trabalha dentro da *Mata*, cuidou dela, dizia que ela era a mãe deles, contou que todos os dias ele trabalhava e ia sempre dar comida para ela e ver como ela estava, até melhorar, ela demonstrou gratidão pelo rapaz ao contar está história para nós (Diário de Campo – 09.04.14).

O cuidado é desenvolvido pelas pessoas conforme as diferentes situações presentes em seus cotidianos, no caso do uso do crack, seja entre os/as usuários/as do grupo ou de outras pessoas da comunidade, juntos, enfrentam os desafios e desenvolvem novas tecnologias, práticas e saberes, com novos olhares para a noção de cuidado objetivando a saúde e sobrevivência dessa população. As diversas práticas e técnicas utilizadas para lidar com o uso

de drogas não pode ser considerada natural ou que os setores urbanos, leigos ou especializados, estejam preparados para lidar com essas situações, mesmo quando transformam as ações sobre cuidados que já estavam naturalizadas.

Para incluir na análise esta singularidade entre as práticas e as categorias locais, é necessário considerar que o cuidado é construído social e historicamente em sociedades particulares, em relação aos domínios específicos da vida cotidiana, sendo, portanto, atravessado pelos processos econômicos, políticos, institucionais e normativos (EPELE, 2012, p.251).

Os cuidados observados e apresentados no contexto da *Mata do Gueto* como em outras pesquisas são resultados do processo de institucionalização, punições sociais e criminalização diante do fracasso de estratégias utilizadas com usuários/as de drogas de grupos marginalizados, na qual essas pessoas vêm criando novas práticas e olhares no âmbito do cuidado.

O consumo de drogas é uma prática autorreferente, ou seja, é levada a cabo pelo sujeito que tem o domínio do próprio corpo, e envolve graus variáveis de prazer e dano, os quais, por sua vez, são socialmente punidos e criminalizados. É necessário considerar as particularidades relacionadas ao consumo de drogas que fazem do cuidado de outros uma atividade complexa e específica (EPELE, 2012, p.263).

Em uma pesquisa realizada com usuários de crack, eles trazem que a liberdade fica comprometida com o uso, pois só conseguem viver exclusivamente para o consumo do crack. “Estar dependente do crack é desesperador diante da impotência de não mais poder escolher entre a pedra e a vida social, produtiva e/ou familiar” (ALMEIDA, 2010, p.87).

Esta mesma autora coloca que as internações hospitalares, pelo uso de crack, são constantes, os usuários consideram essa droga, comparada com as demais, de maior dependência e compulsividade. “São horas, dias a fio consumindo sem parar por mais que o limite do corpo aponte para o insuportável. É a dependência. [...] O crack passa a ser a única atividade nesse período, sem alimentação ou qualquer outro cuidado com o corpo e consigo mesmo” (ALMEIDA, 2010, p.50). Acrescenta Rui (2012) que o crack submete as pessoas há “poderes devastadores” perdendo a noção de higiene com o corpo e cuidado com a saúde. De acordo com Frúgoli Junior e Cavalcanti (2013, p.7), para alguns usuários dessa substância, o conceito de *nóia* também está relacionado com o cuidado. “Certa vez um rapaz nos disse que fumava crack, mas que não era um *noia*, já que sabia como consumir (alternando com cuidados alimentares ou corporais) e que não ficaria deitado pelas ruas.

Comparando a *Mata do Gueto* com estas literaturas em relação aos cuidados, estética e higiene dos/as usuários/as de crack, era observado pela pesquisadora, que isso ocorria de maneira instável entre as pessoas do espaço, dependia como estava a relação de cada um com o seu uso no dia, ora intenso, demonstrado no corpo, através da precariedade e descuido, ora controlado, perceptível no tomar banho e roupas limpas. Destacavam-se também pessoas que entre os/as demais sempre era encontrada pela pesquisadora com boa aparência. Deixando claro que é necessário direcionar o olhar para os/as usuários/as de crack de forma particular e no contexto que estão inseridos/as.

[...] encontrei Preté DuGueto novamente saindo da comunidade, paramos para conversar, ele estava com o cabelo molhado, roupas limpas e cheiroso [...] (Diário de Campo 22.05.14). A jovem segura seu cachimbo, sua bolsa e um caderno com caneta. Já tinha encontrado ela, em outros dias na *Mata*, apesar de magra não tem o estereótipo de uma usuária de crack, ela está sempre com roupas limpas, bem-arrumada, maquiada e perfumada [...] Neste momento Preté DuGueto voltou com o rosto lavado, percebi que esta é a segunda vez que chego pela manhã e ele sai para lavar o rosto ou para tomar banho [...] (Diário de Campo – 30.05.14).

Foi apreendida a **solução de problemas**, como um elemento do processo educativo, em algumas situações do campo, como em um dia que presenciei na *Mata*, as pessoas agitadas, tensas e outras agressivas, na tentativa de solucionar algo cometido por um rapaz, através da **conversa, gritos ou gestos** de reprovação do que foi feito por ele.

[...] durante toda minha permanência na *Mata do Gueto*, neste dia, algumas pessoas entravam e saíam do espaço, falando do mesmo assunto, parece que tinha alguma coisa acontecendo e que precisava ser resolvido logo. Se direcionavam o tempo todo a um homem que andava para lá e pra cá com outras pessoas dali, mas parecia que não conseguiam resolver por algum motivo, e pela movimentação das pessoas, todos tentavam ajudar solucionar. Em uma ocasião eu estava numa roda conversando com várias pessoas, na qual quase todas bebiam cachaça e a maioria fumava crack e de repente chegou um jovem da rua, eu já tinha visto ele antes, estava extremamente nervoso, gritava, batia no peito, dizendo que estava sendo acusado na favela de algo que não fez e algumas pessoas até pediram para ele me respeitar e falar mais baixo, mas, mesmo assim, ele continuou discutindo com alguns homens na *Mata*, isso acabou dispersando o grupo e um dos rapazes que estava na roda, se levantou, irritado, dizendo agora vamos resolver isso, pediu para que as três mulheres que estavam ali, não saíssem enquanto esse assunto não fosse resolvido, e foi falar com os outros que estavam mais distantes, discutindo o assunto [...] (Diário de Campo – 22.05.14). [...]

Em outro momento um dos colaboradores comunicou que haveria uma reunião com o objetivo de melhorar a maneira de solucionarem os problemas devido às reincidências de

violência nas relações entre os/as frequentadores/as do espaço. Dessa forma o colaborador deixa claro que as soluções de problemas podem ser melhores resolvidas através da **conversa**.

Preté DuGueto disse que vai ter uma reunião surpresa hoje à tarde, falei para ele ficar com meu celular e quando quiser que eu participe desses momentos pode me ligar, disse que pode dar um toque à cobrar do orelhão que eu retorno, ele gostou do combinado, perguntei o motivo da reunião, ele respondeu que o pessoal está arrumando muita confusão que precisam conversar (Diário de Campo – 30.05.14).

Em um trecho da entrevista, Preté DuGueto frisou que a palavra, quando, argumentada e correspondida, entre as pessoas que convive, vale mais que uma atitude de violência. Para o colaborador através da palavra, é a melhor forma de ensinar e aprender o respeito, boa conduta e solução de problemas nas relações entre as pessoas. “ [...] uma correspondência vale muito mais que um tapa na tua cara. [...] correspondência é a palavra” (Entrevista – Preté DuGueto - 12.08.14). A correspondência, relatada pelo colaborador, sinaliza relação com a *co-laboração*, refletida por Freire (1987), pois ambas utilizam a comunicação nas atitudes, para o autor co-laboração é característica da ação dialógica realizada entre as pessoas, incluindo em sua teoria, a união, a organização e a síntese cultural.

O colaborador Preté DuGueto compartilha seus conhecimentos na *Mata do Gueto*, principalmente, através da palavra, mas também pela **violência**.

Ah se ela não aprende assim certo, nas palavras, quem sou eu pra dizer que ela vai aprender na mente dela, certo, ou ela parte agredindo, ou ela parte ... (querendo dizer que também é através da violência que a pessoa vai ter que aprender, se ela não aprende pelas palavras). [E você aprendeu assim também] Preté DuGueto: Muito. Entrevista – Preté DuGueto - 12.08.2014).

Seja por meio da fala ou da violência são dessas maneiras que essas pessoas marginalizadas vêm apreendendo como manter a vida, “ [...] se tiver uma contenda. Contenda é discutir. Como que eu faço, é o seguinte meu vamos pras ideias e se correr das ideias aí o bicho pega” (Entrevista – Preté DuGueto - 12.08.2014). Freire (1979), frisa que os opressores que contribuem com o sistema mundo/capitalismo ora são disfarçados de bondade ora de ações muito mais violentas:

Quem, melhor que os oprimidos, estão preparados para compreender o terrível significado de uma sociedade opressora? Quem sofre os efeitos da opressão com mais intensidade que os oprimidos? Quem com mais clareza que eles, pode captar a necessidade da libertação? Os oprimidos não obterão

a liberdade por acaso, senão procurando-a em sua práxis e reconhecendo nela que é necessário lutar para consegui-la. E esta luta, por causa da finalidade que lhe dão os oprimidos, representará realmente um ato de amor, oposto à falta de amor que se encontra no coração da violência dos opressores, falta de amor ainda nos casos em que se reveste de falsa generosidade (FREIRE, 1979, p. 31).

As relações entre as pessoas das periferias de São Paulo, há décadas vêm se modificando e transformando os comportamentos rotineiros de enfrentamentos, e de violência, nos momentos de discussões, para uma conduta de “respeito” e “cuidado com as palavras”, isso se deve pela entrada do Primeiro Comando da Capital (PCC) nesses locais, vindo a contribuir com o cotidiano da população (MARQUES, 2012). Essas mudanças históricas nas relações da periferia refletem na fala do Preté DuGueto, quando diz que as pessoas precisam “saber chegar e sair”, na *Mata*

De acordo com Marques (2012) nas periferias de São Paulo, as pessoas vêm buscando formas de lidar com a violência, objetivando a harmonia entre elas, nesse sentido, o PCC têm contribuído com a diminuição do número de assassinatos e conseqüentemente com a violência, de condutas de xingamentos e bate-bocas para a pacificação nas relações, podendo pensar, como coloca o autor, numa idealização de paz no cotidiano dessas pessoas. O autor faz alguns apontamentos sobre o assunto:

[...] 3. O rareamento da possibilidade de levar uma “treta” às últimas conseqüências está intimamente relacionado à proliferação das alianças que recortam a cidade. As narrativas tratam exatamente da substituição de uma máquina de produzir “tretas” por uma máquina de “fazer aliados”, ou de produção de “sintonia” [...] 4. Essa substituição não marca o fim de “disputas”, “opressões”, “violências”. Mas coloca esses fenômenos sob um novo signo; (MARQUES, 2012, p.20).

Segundo Feltran (2010), em pesquisa realizada nas periferias de São Paulo, a partir de 2000 foi instituída pelo PCC, regras e medidas garantidoras de justiça, isso se deu devido a transformações de algumas décadas da vida social, nas periferias urbanas, nesse caso, em São Paulo. Essas instâncias foram aceitas pelos moradores dessas localidades devido dificuldades de acesso aos meios legais e à justiça do Estado

[...] Os moradores das periferias são talvez o grupo social mais interessado em utilizar a lei oficial para fazer garantir seus direitos formais, sempre ameaçados. A busca repertoriada da justiça, nesse contexto, é muito mais uma decisão instrumental, amparada na experiência cotidiana, do que um princípio normativo idealizado. Como é muito difícil – por vezes impossível – obter usufruto concreto da totalidade dos direitos pelo recurso às instâncias legais e à justiça do Estado, apela-se a outras instâncias ordenadoras que

passam a ser percebidas, então, como complementares àquelas estatais que funcionam (FELTRAN, 2010, p.60).

A periferia legitima as leis da justiça estatal como normativas, mas reconhece sua aplicabilidade como desigual:

De outro lado, a justiça estatal é reconhecida nas periferias como tendo, em suas leis, conteúdos normativos universalistas, embora seus procedimentos de aplicação sejam desiguais e ineficientes: o funcionamento do judiciário é lento, discrimina posição social, lugar de moradia, cor da pele e idiossincrasias de classe, além de estar submetido à expertise técnica dos advogados (FELTRAN, 2010, p.71).

De acordo com o autor, a justiça ordenada pelo “mundo do crime”³¹, mesmo objetivando que os negócios dos traficantes, funcionem sem confusões, contribuiu consideravelmente com a diminuição da violência nessas periferias supracitadas, tendo como princípio, a pacificação dos conflitos e as resoluções das mesmas mediadas pelo PCC, através de debates, as punições continuam ocorrendo, mas só se delibera pelo homicídio em última instância. Essa iniciativa passou a abranger tanto moradores como pessoas relacionadas ao “crime” e sua organização que antes era restrita ao PCC, incidiu a ser incorporada pelos jovens desses locais:

Algo que era antes alheio às “famílias” e distante dos “trabalhadores” passou a aparecer nos cotidianos de todos os moradores da nova geração. Modos de organização, antes mais restritos às prisões, ganharam aderência no tecido social das favelas. Normas antes exclusivas do universo daqueles considerados “bandidos” passaram a abordar também a sociabilidade de jovens não inseridos nos mercados ilícitos. Dinâmicas, portanto, antes externas à “comunidade” passaram a ser lidas como constitutivas dela (FELTRAN, 2010, p.63).

O colaborador Preté DuGueto, retoma no final da entrevista, que suas referências de visão de mundo e sabedoria foram passadas por seu avô e pai e ele procura transferir para seus filhos e netos e também utilizar esse mesmo *método de ensinamento*, na *Mata do Gueto*, multiplicando seus conhecimentos através da **palavra**, objetivando a **paz** como seu projeto de vida.

Preté DuGueto: É importante ensinar, que eu, como pai de nove filhos e avô de seis netos, minha contribuição tá sendo o método de ensinamento que eu

³¹ “A expressão “mundo do crime” é tomada aqui em seu uso cotidiano nas periferias e, por isso, mantenho sua utilização sempre entre aspas” (FELTRAN, 2010, p.59).

do lá pro meus filhos e aqui no Buraco (*Mata do Gueto*) e acata quem quiser. [Você passa os ensinamentos pra eles que você deu para seus filhos?] Preté DuGueto: Com certeza. [Então, porque acha importante?] Preté DuGueto: Eu acho importante porque é uma convivência que vem dos meus velhos, avôs, que aprendi, que foi multiplicado aqui na minha memória, que até hoje não perco e acima de tudo a sabedoria que eu tenho eu tento passar. [Isso significa o que pra você?] Preté DuGueto: Significa a paz (Entrevista – Preté DuGueto - 12.08.2014).

O colaborador procura através da palavra, ensinar sua visão de mundo e sabedoria, adquiridas com seus ancestrais e experiências anteriores, considera esse, seu método de ensinamento. Freire (1987) também procura passar conhecimentos através de seu método dialógico. “Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial” (FREIRE, 1979, p.42).

Freire (1979, p.32) em seu método pedagógico, compartilha com a harmonia e ideal de paz, colocado pelo autor e colaborador acima, mas para ele todas as pessoas, independente do grupo que pertencem, apenas alcançarão a liberdade de fato e seus projetos de vida, que é a paz, quando lutarem juntos pelas suas humanidades e mudarem a realidade de opressão.

Somente os oprimidos podem libertar os seus opressores, libertando-se a si mesmos. Eles, enquanto classe opressora, não podem nem libertar-se, nem libertar os outros. É pois essencial que os oprimidos levem a termo um combate que resolva a contradição em que estão presos, e a contradição não será resolvida senão pela aparição de um “homem novo”: nem o opressor, nem o oprimido, mas um homem em fase de libertação. Se a finalidade dos oprimidos é chegar a ser plenamente humanos, não a alcançarão contentando-se com inverter os termos da contradição, mudando somente os pólos.

A mensagem trazida na letra de rap - *Inimigos Mortais* – acrescenta nessa discussão, que no capitalismo/sistema-mundo o dinheiro e a paz não compartilham a mesma caminhada, pois os seres humanos não passam de peças da engrenagem do jogo dos opressores e como consequência, temos as “vidas menos valorizadas com o capital que por sua vez transforma a mesma em algo banal” (TOM DA REALIDADE, 2014). Para Dussel (1977, p.53) todos os envolvidos nesse sistema são vítimas e sair dessa condição significa a libertação de sua existência. “[...] O próprio burguês é vítima do Capital, e a superação do capitalismo libertará o burguês da escravidão que se exerce sobre o nível, verdadeiramente, humano de sua existência. Esta transcendentalidade interna é a exterioridade *do outro como outro*; não como parte do sistema”.

Capítulo V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessas considerações finais, apresento o desvelamento dos principais avanços, limitações e resultados dessa pesquisa, assim como aprendizagens, indagações e a necessidade de continuidade de outras etapas desse processo, como é o ser humano em sua incompletude.

Realizar este trabalho me proporcionou diversos sentimentos, como impotência, frustração, prazer e inquietação e muito mais que desafiador, foi humanizador estar com mulheres e homens na *Mata do Gueto*. Com essa pesquisa acredito que aprendi muito mais que ensinei, tive condições de desconstruir e construir valores culturais, ampliação de conceitos, visão de mundo e me tornar mais sensível para a humanidade. Expandi meus conhecimentos sobre a importância da convivência comunitária, onde na *Mata do Gueto* as pessoas, no dia-a-dia, compartilhavam suas vidas, prazeres, desprazeres, afetos, conflitos e meios de sobrevivência, como alimentação e locais para dormir.

Os aprendizados adquiridos sobre humanização, relacionados às pessoas que fazem uso de crack em espaços públicos, acrescentaram nos meus papéis de educadora, redutora de danos e militante e ao mesmo tempo, deixou claro, o quanto a sociedade, através de estereótipos e preconceitos, contribui com a manutenção da desumanização dessas populações marginalizadas. Na *Mata do Gueto*, aprendi, que também nesse grupo, o respeito e boa conduta, através da palavra e da violência, são essenciais para sua manutenção e sobrevivência.

Como estudante, pesquisadora e ser humano, aprendi principalmente em três aspectos: que a universidade pode ser um espaço de militância, desde que tenha um compromisso de transformação da sociedade, isso se deu através das reflexões acerca dos conceitos baseados no referencial teórico da Linha Práticas Sociais e Processos Educativos, grupos de estudos, relações horizontais entre professores/as, alunos/as e orientadora; que assim como o acadêmico, o saber popular faz parte do processo da educação e desenvolvimento de cada indivíduo para *ser* no mundo; mais que brasileira, hoje me reconheço como latino-americana, na qual compartilhamos um histórico de opressão e riquezas culturais. Com certeza esses aprendizados ampliaram minha trajetória e meu ideal político na melhoria de vida das pessoas marginalizadas, além do compromisso social.

Sobre a questão de pesquisa - que processos educativos são desenvolvidos na prática do uso de crack, entre mulheres e homens em espaço público, a mesma foi respondida. Depois de recortar do campo, as seguintes categorias: *Mata do Gueto*; Uso de crack e “Vamos pras

ideias e se correr das ideias aí o bicho pega”, foi possível identificar com as/os frequentadores/as do espaço, os significados da *Mata do Gueto* e Uso de crack: desprazer; insegurança; tem que se relacionar bem com seus iguais, ter carisma, ter autonomia, ter humildade, ter caráter; saber chegar e sair; ter respeito; felicidade; fugir à regra quando se trata de familiares em busca de ajuda para encontrar seus parentes que se envolvem com o uso de crack; o uso do álcool é problemático na convivência entre eles/as; amizade, crocodilagem, descontração; tranquilidade e sossego; doença, dependência; consequências ruins (perde tudo, problemas familiares e de saúde), excluídos, limpos; punição, marginalização; prazer. Desvelando os elementos dos processos educativos, através da categoria “Vamos pras ideias e se correr das ideias aí o bicho pega”, tais como: respeito, boa conduta entre as pessoas da *Mata do Gueto*; regras; cuidado; solução de problemas e paz. Sendo estes assimilados através de falas/ conversas/palavra, gestos, expressões corporais, pedido de desculpas, repetições e violência.

Os ensinamentos do colaborador Preté DuGueto, através, principalmente da palavra, provocaram, nesse trabalho, a possibilidade de um melhor aprofundamento, posterior, de análise desse contexto, com a proposta da educação libertadora de Freire, onde o autor coloca que o diálogo é essencial para respeitar a visão de mundo das outras pessoas. “Nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou tentar impô-lo a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa” (FREIRE, 1987, p. 87).

Através da problemática de partida, relacionada à marginalidade dos grupos que vivenciam a prática social do uso de crack em espaços públicos, foram desvelados nos resultados, que as pessoas partilham experiências diversas, além do uso da substância, como moradia, relações afetivas, de amizade, de tensão, de repressão, misturando na convivência o público e o privado, conseqüentemente o espaço da rua e da casa. Ainda nos resultados, se afirmam que estes, mesmo expostos a violência e conseqüências negativas sociais, financeiras, familiares e de saúde, são indivíduos, como em qualquer outro grupo que constroem saberes e participam dos processos educativos através das experiências adquiridas em suas histórias de vida e cultura e possibilitando sua vivência e sobrevivência, numa sociedade que continuamente os marginaliza e desumaniza.

Ressalta-se que nesse local assim como levantado na pesquisa de Rui (2012), a amizade se torna imprescindível para a sobrevivência do grupo, assim como contribui para os processos educativos e prazeres cotidianos dessas pessoas. De acordo com a perspectiva sociológica, as atividades do cotidiano têm significados e sentidos que está além do ato em si

ou só o prazer que o mesmo harmoniza, como, por exemplo, marcar com um amigo para tomar um café ou mesmo encontrar um grupo de colegas para fumar crack na *Mata do Gueto*, “[...] proporcionam ocasiões para a interação social e o desempenho de rituais” (GIDDENS, 2001, p.3), sendo necessário para identificação dos grupos de pertencimento de cada indivíduo e questões peculiares de cada sociedade.

O ritual associado ao acto de tomar café é frequentemente muito mais importante do que o consumo de café propriamente dito. Duas pessoas que combinam encontrar-se para tomar café estarão provavelmente mais interessadas em estarem juntas e conversarem do que em beber, de facto, café (GIDDENS, 2001, p.3).

A escolha do referencial teórico e metodológico foi adequada e coerente com o que se propôs a pesquisa, pois foram desenvolvidos a partir de autores da Educação Popular, assim como da Filosofia da Libertação, entre outros, sendo, a pesquisa, metodologicamente fundada em processos dialógicos a partir da convivência entre pesquisadora e colaboradores/as da pesquisa. Em todas as etapas da pesquisa foi se confirmando que esta proposta, relacionada com esses referenciais, tinham sentido com um projeto político para a sociedade em que junto com as pessoas é possível almejar a transformação da realidade opressora.

Desde que o objetivo educativo seja desenvolver a criticidade, a reflexão de como a nossa sociedade está inserida no sistema-mundo, desta forma, teremos, de fato, a conscientização da realidade e das ações para transformá-la. “A única maneira de ajudar o homem a realizar sua vocação ontológica, a inserir-se na construção da sociedade e na direção da mudança social, é substituir esta captação principalmente mágica da realidade por uma captação mais e mais crítica” (FREIRE, 1979, p.28).

Esta pesquisa, assim como as demais que envolvem processos educativos fora do ambiente escolar, deixa evidência que em diversos espaços de convivência estamos o tempo todo aprendendo e ensinando algo para contribuir com a nossa formação humana. Os elementos que emergiram na prática do uso de crack, entre eles, respeito, saber chegar, mente blindada, sabedoria, cuidado, regras etc, podem contribuir com outros espaços, como os escolares, no sentido, do que é requisito básico para se viver em qualquer grupo de pertencimento e, também, o quanto a história e visão de mundo de cada indivíduo, contribui para a valorização e continuidade da nossa cultura, assim como com a transformação da sociedade.

De acordo com Freire (2001) é necessário respeitar a vivência do aluno fora da escola para compreender a leitura que ele faz do mundo e para fazer sentido o conteúdo ensinado nos bancos escolares, é imprescindível relacioná-la com essa realidade que é anterior a escola e que faz parte do dia-a-dia do aluno.

Para os processos educativos, fora do ambiente escolar, prosseguirem contribuindo com a Educação, é necessário a continuidade de pesquisas com esse recorte, sobretudo, ao se tratar de grupos marginalizados e estereotipados, como os/as usuários de drogas e o uso de crack ser algo recente no nosso país. Diante do levantamento bibliográfico realizado, fica claro, a seriedade acadêmica e social deste trabalho e a possibilidade de colaborar com o aumento das pesquisas existentes com essa temática, com o ambiente escolar e com o avanço das políticas públicas, focando a melhoria da condição de vida dessas pessoas.

Para a Linha *Práticas Sociais e Processos Educativos* e também para o Grupo de Pesquisa, o trabalho com usuários/as de crack em espaços públicos, mesmo necessitando de futuras pesquisas, constatou sua importante contribuição e acrescentou nas reflexões e relação do saber popular com o saber científico. Sendo verificado nos ensinamentos pelos/as colaboradores/as através da palavra, da valorização do saber de experiência, da convivência, de suas histórias de vida presentes nas relações humanas da *Mata do Gueto*, com a qual o colaborador Preté DuGueto afirma *que a palavra vale mais que um tapa na cara*, mesmo ocorrendo a contradição, que é a existência da violência, quando o diálogo não é mais possível, e é assim que essas pessoas vivem e sobrevivem a opressão da nossa sociedade.

A opressão deve ser colocada em debate, para que a sociedade compreenda e tenha condições de pensar além do seu mundo totalizado e centrado na perspectiva do homem europeu e qual o lugar que o pobre, expulso desse “mundo” e reduzido ao estado de coisa, ocupa nessa lógica eurocêntrica, para que faça sentido, uma escolha ético-política, através da filosofia da libertação (DUSSEL, 1995).

Para entender as contribuições que essa pesquisa traz nas políticas públicas para usuários/as de crack, é necessário compreender que numa sociedade em que as políticas e a economia são incapazes de dar oportunidades eficazes para pessoas que estão excluídas do sistema, o crack assim como outras drogas, independentes se são lícitas ou ilícitas, se tornam fortes atrativos. “[...] Neste contexto de buscas, a rua e o uso de drogas, especialmente o crack, além de não preencherem os vazios, provocados pelas deficiências do sistema familiar e social, inauguram novos *buracos* insaciáveis” (MOTA, 2012, p.111).

Esta pesquisa também confirma, primeiramente, que cada pessoa da sociedade precisa olhar para homens e mulheres que fazem uso de crack como ser humano imprescindível de respeito e cidadania, esse seria o primeiro passo para a desconstrução de preconceitos e construção de políticas humanizadas para essa população. Em segundo lugar é necessário conhecer as pessoas e os contextos que estão inseridas e em terceiro, ter informações atualizadas sobre a dinâmica do uso de crack, só assim as mudanças de paradigmas nas políticas de drogas, focada na realidade de cada sociedade e nos direitos humanos, faria sentido e estratégias, como a redução de danos, seria de fato incorporada e efetivada.

Mota (2012) coloca que é necessário conhecer a história de vida e o contexto social das pessoas que são consideradas excluídas, pois só assim a sociedade deixa de justificar a violência contra estes/as usuários/as de drogas e em situação de rua apenas para manter a *ordem social dominante*. Almeida (2010, p.90) acrescenta que o lugar da marginalização que a sociedade coloca os/as usuários/as de crack, causa sofrimento à eles/as. “Viver o mundo do crack é viver preconceitos, humilhações e discriminações, segundo a experiência de vários usuários entrevistados”.

Sobre propostas para o tratamento, os/as usuários/as relatam também que precisam de um espaço para desenvolver atividades prazerosas, mais dinâmicas e criativas. Na pesquisa de Almeida (2010), a autora traz que a maior motivação para a procura de tratamento dos/as usuários/as de crack é a família, pois estes consideram que a dependência afeta a convivência e a rotina com seus familiares, e as recaídas são constantes no uso, tendo como consequência, sentimento de culpa e fracasso.

De acordo com os/as usuários/as de crack, com o não controle do uso, ocorre a sensação de culpa, tendo como consequência, as perdas, entre elas, escola, trabalho e relacionamento afetivo etc. Para Almeida (2010), a dependência de qualquer substância causa alguns danos aos/as usuários/as, no caso do crack é necessário estudar e compreender a sua compulsão para poder elaborar estratégias de cuidado e proteção e o tratamento ser eficiente.

Também é preciso que as pessoas entendam a legalidade e ilegalidade das drogas, refletindo e debatendo sobre as decisões do governo e não aceitando simplesmente como algo dado e que é o melhor para a sociedade, senão continuaremos a cometer os mesmos erros do passado com os/as usuários/as de drogas, tratados como criminosos, através das políticas proibicionistas, quando deveriam ser acolhidos, seus direitos e deveres garantidos e olhados com respeito.

[...] importantes mudanças na cultura do *crack*, principalmente relacionadas ao aumento da expectativa de vida do usuário, estão intimamente relacionadas com a adaptação do usuário a essa cultura. Identificar os principais riscos e desenvolver estratégias empíricas para a sobrevivência foram observadas principalmente no que tange aos riscos decorrentes dos efeitos psíquicos e da ilegalidade da droga. As estratégias que facilitam a relação do usuário com as questões referentes ao mercado ilícito de venda de drogas tem papel decisivo para minimizar episódios de violência e morte (RIBEIRO, SANCHEZ, NAPPO, 2010.p.217).

Na tentativa de construir uma sociedade mais tolerante, democrática, justa e com amorosidade, como coloca Freire (2000), precisamos juntos, ter ações éticas para denunciar o injusto e perverso, pois, caso contrário, continuaremos a viver numa opressão e violência mascarada de emancipação e paz. E a maneira como a sociedade aprendeu a lidar com o dinheiro e com as pessoas, através do sistema vigente, a nossa humanidade e liberdade passa ser um sonho apenas idealizado e difícil de ser conquistada, essa reflexão também é citada na música de rap, a seguir:

Pedaço de papel fala mais alto que o coração
 O amor, e o ódio, o mal e o bem
 O que te faz livre e o que te faz refém
 O que é real e o que se conta em reais
 O dinheiro e a paz são inimigos mortais
 (TOM DA REALIDADE, 2014)

Consequentemente grupos criminalizados e estereotipados, pela sociedade, continuaram na marginalidade podendo ser neutralizados pelo consumo de drogas como relatado no filme “Panteras Negras” (1995)³², demonstrando que o ocorrido com esse movimento negro, na década de sessenta, quando o governo resolveu distribuir drogas nas periferias, desfocou a atenção e ações políticas desse grupo, para o consumo de heroína, isso evidenciou que não foi só por uma questão racial, esse controle, mas sim, de *ordem dominante* dos opressores, na qual, temiam que o poder fosse conquistado pelo povo. No caso do uso de crack, diferente do filme supracitado, o controle das pessoas que vivenciam essa prática, sobretudo, em espaços públicos, se dá através das políticas de drogas com o modelo normativo vigente na nossa sociedade de “guerra as drogas”, tendo como consequência, o encarceramento e morte, desses, como ocorreu no final desse trabalho de

³² Filme sobre o Movimento Negro que iniciou em Oakland-EUA, em 1967, na qual lutavam contra o racismo, a opressão dos brancos e pelos seus direitos, principalmente de ir e vir.

pesquisa, em que, 70% dos/as usuários/as, que contribuíram com o trabalho, foram mortos e presos, acusados de pequenos traficantes.

Em um tal mundo a grande tarefa do poder político é garantir as liberdades, os direitos e os deveres, a justiça, e não respaldar o arbítrio de uns poucos contra a debilidade das maiorias. Assim como não podemos aceitar o que venho chamando “fatalismo libertador” que implica o futuro desproblematizado, o futuro inexorável, não podemos igualmente aceitar a dominação como fatalidade (FREIRE, 2000, p.60).

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, M. B. B. Saberes da ayahuasca e processos educativos na religião do Santo Daime. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, 10 (1), p. 351-365, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/rllcs/v10n1/v10n1a22.pdf>>. Acesso em: março 2014.

ALMEIDA, R. B. F. **O caminho das pedras: conhecendo melhor os usuários de crack do município do Recife-PE**. 2010. 153 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pró-Reitoria Acadêmica, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2010.

ALMEIDA, S. F. **A prática social - viver no mundo da rua - e seus processos educativos**. 2014. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Práticas Sociais e Processos Educativos, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

ALVES, V. S. Modelos de atenção à saúde de usuários de álcool e outras drogas: discursos políticos, saberes e práticas. **Cad. Saúde Pública**, vol.25, n.11, p. 2309-2319, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v25n11/02.pdf>>. Acesso em: março 2014.

ANDRADE, T. M. Reflexões sobre políticas de drogas no Brasil. **Ciênc. saúde coletiva**, vol.16, n.12, p. 4665-4674, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v16n12/15.pdf>>. Acesso em: abril 2014.

BARBOSA, A. M. G. **Processos de participação para o controle social em comissão local de saúde: educar-se no cotidiano**. 246 f. Tese (Doutorado em Educação) – Práticas Sociais e Processos Educativos, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.

BASTOS, F. I.; BERTONI, N. **Pesquisa Nacional sobre o uso de crack: quem são os usuários de crack e/ou similares do Brasil? Quantos são nas capitais brasileiras?** Rio de Janeiro: ICICT/FIOCRUZ, 2014.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em Educação**. Uma Introdução à Teoria e aos Métodos. Portugal: Porto Editora. 1994.

BORNSTEIN, V. J; DAVID, H. M. S. L; ARAUJO, J. W. G. Agentes comunitários de saúde: a reconstrução do conceito de risco no nível local. **Interface (Botucatu)**, vol.14, n.32, p. 93-101, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832010000100008&lang=pt>. Acesso em: março 2014.

BRANDÃO, C. R. **Educação popular**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985, (Coleção Primeiros Vãos).

BRANDÃO, C. R. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Sociedade e cultura**, v. 10, n. 1, p. 11-27, jan/jun. 2007.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Saúde da família**: uma estratégia para a reorientação do modelo assistencial. Brasília, 1997.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. **Seção IV Da Assistência Social, 1988.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 01 set. 2014.

BRASIL, Casa Civil. **Estatuto da criança e adolescência.** Brasília, 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acesso em: 10 abril 2014.

BRASIL, Casa Civil. **Estatuto da juventude.** Brasília, 2013. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm>. Acesso em: 10 abril 2014.

CARVALHO, I. S. O despertar da América Latina: uma revisão do novo debate sobre política de drogas. **Instituto Igarapé**, Rio de Janeiro, nota estratégica 14, p. 01-23, fevereiro/2014. Disponível em: <<http://igarape.org.br/wp-content/uploads/2014/02/NE-14-O-despertar-da-Am%C3%A9rica-Latina-uma-revis%C3%A3o-do-novo-debate-sobre-pol%C3%ADtica-de-drogas-final.pdf>>. Acesso em: set. 2014.

CASTILLA, M. V.; OLSEN, M. C.; EPELE, M. E. Dinámicas familiares, prácticas de cuidado y resolución de problemas asociados al consumo intensivo de pasta base/paco en Buenos Aires, Argentina. **Antipod. Rev. Antropol. Arqueol.**, Bogotá, n.14, p. 209-229, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/antpo/n14/n14a10.pdf>>. Acesso em: março 2014.

CHAIBUB, J.R.W. “**Entre o mel e fel**: drogas, modernidade e redução de danos”- Análise do processo de regulamentação federal das ações de redução de danos ao uso de drogas. 252 f. Tese (Doutorado em Política Social). Instituto de Ciências Humanas. Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

CHAVES, T. V. et al. Fissura por crack: comportamentos e estratégias de controle de usuários e ex-usuários. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v.45, n.6, p. 1168-1175, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v45n6/2774.pdf>>. Acesso em: março 2014.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

CENTRO BRASILEIRO DE INFORMAÇÕES SOBRE DROGAS PSICOTRÓPICAS (CEBRID). Departamento de Psicobiologia da Unifesp - Universidade Federal de São Paulo - Escola Paulista de Medicina, **Livreto informativo sobre drogas psicotrópicas**. s/d. Disponível em: <<http://www.cebrid.epm.br/index.php>>. Acesso em: 10 abril 2014.

COSTA, S. A. Diário de campo como dialética intersubjetiva. In: WITAKER, D. C. A. **Sociologia rural**: questões metodológicas emergentes. São Paulo: Letras a Margem, 2002, p.151-157.

COMISSÃO GLOBAL SOBRE POLÍTICA DE DROGAS. Disponível em: < <http://www.globalcommissionondrugs.org/what-we-do/> >. Acesso em: nov. 2014.

COMISSÃO LATINO-AMERICANA SOBRE DROGAS E DEMOCRACIA. Disponível em: < http://www.drogasedemocracia.org/Arquivos/declaracao_portugues_site.pdf >. Acesso em: nov. 2014.

CRUZ, O. S.; MACHADO, C. Intervenção no fenómeno das drogas: algumas reflexões e contributos para a definição de boas práticas. **Psicologia**, Lisboa, vol. 27, n.1 p. 13-31, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492013000100002&lang=pt> Acesso em: março 2014.

CRUZ, M. S. Redução de danos, prevenção e Assistência. In: **SENAD: Prevenção ao uso indevido de drogas: Capacitação para Conselheiros e Lideranças Comunitárias**. 2.ed. Presidência da República. Brasília, 2010.

DAGNINO, E. **Sociedade civil e espaços públicos no Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

DaMATTA, R. **A casa e a rua**. In: _____. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1991, p.13-70.

DOMANICO, A. “**Craqueiros e cracados: bem vindo ao mundo dos nórias!**” - estudo sobre a implementação de estratégias de redução de danos para usuários de crack nos cinco projetos-piloto do Brasil. 2006. 220 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

DUARTE, C. E.; MORIHISA, R. S. Experimentação, uso, abuso e dependência de drogas. In: **SENAD: Prevenção ao uso indevido de drogas: Capacitação para Conselheiros e Lideranças Comunitárias**. 2.ed. Presidência da República. Brasília, 2010.

DUARTE, P. C. A. V. Políticas Públicas sobre Álcool e outras Drogas no Brasil. In: **SENAD: Prevenção ao uso indevido de drogas: Capacitação para Conselheiros e Lideranças Comunitárias**. 2.ed. Presidência da República. Brasília, 2010.

DUSSEL, E. **Filosofia da libertação na América Latina**. Edições Loyola. São Paulo: Editora UNIMEP, 1977 (Coleção reflexão latino-americana – 3,1).

DUSSEL, E. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, E (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Argentina: Perspectivas latino-americanas. p. 55-70, 2005. (Colección Sur - CLACSO)

DUSSEL, E. **Introducción a la filosofía de la liberación**. Colombia: Nueva América, 1995.

EPELE, M. Sobre o cuidado de outros em contextos de pobreza, uso de drogas e marginalização. **Mana** 18(2), p. 247-268, 2012.

FELTRAN, G. S. Crime e Castigo na Cidade: os repertórios da justiça e a questão do homicídio nas periferias de São Paulo. **Caderno CRH**, Salvador, v.23, n.58, p. 59-73, jan./abr. 2010.

FERREIRA, T. A rua, um vazio sem borda, ou a instituição dos excluídos. In: _____. **Os meninos e a rua: uma interpelação à psicanálise**. Belo Horizonte: Autêntica, FUMEC, 2001, p.27-35.

FIORI, E. M. Educação libertadora. In: **Educação e Política**. Porto Alegre: L&PM, 1997. p.83-95.

FORMIGONI, M. L. O. S.; KESSLER, F; PECHANSKY, F. Neurobiologia: mecanismos de reforço e recompensa e o efeito biológico comum das drogas. In: FORMIGONI, M. L. O. S (Org.). Módulo 2. 3. ed. **SUPERA: Sistema para detecção do Uso abusivo e dependência de substâncias Psicoativas: encaminhamento, intervenção breve, Reinserção social e Acompanhamento**. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, Brasília, 2009.

FRANZI, J. **Experiências e Educação: contribuições de Paulo Freire para a educação de pessoas jovens e adultas**. 2007. 207 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Práticas Sociais e Processos Educativos, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

_____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**, São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **Política e Educação: ensaios**. – 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001. v. 23. (Coleção Questões de Nossa Época).

FRÚGOLI JUNIOR, H.; SPAGGIARI, E. Networks and territorialities: an ethnographic approach to the so-called "crackland" in São Paulo. **Virtual Braz. Anthr.**, vol.8, n.2, p. 550-579, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/vb/v8n2/a27v8n2.pdf>>. Acesso em: março 2014.

FRÚGOLI JUNIOR, H.; CAVALCANTI, M. Territorialidades da(s) cracolândia(s)em São Paulo e no Rio de Janeiro. **Anuário Antropológico**, 2013. Disponível em: <<http://aa.revues.org/561>>. Acesso em: jun. 2014.

GABATZ, R. B. et al. Percepção dos usuários de crack em relação ao uso e tratamento. **Enferm.**, v.34, n.1, p. 140-146, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v34n1/18.pdf>>. Acesso em: março 2014.

GALEANO, E. Cento e vinte milhões de crianças no centro da tormenta. In: _____. **As Veias Abertas da América Latina**. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1990, p.13-19.

GAMBOA, S. **Pesquisa em educação: métodos e epistemologias**. Chapecó: Argos, 2007.

GIDDENS, A. O que é Sociologia? In: _____. **Sociologia**. 4. ed. Lisboa: Polity Press, 2001, p. 1-5.

GOHN, M. G. Paradigma teórico na análise da realidade brasileira: o sentido e o significado dos conceitos. In: _____. **O protagonismo da sociedade civil: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias**, São Paulo: Cortez, 2005, p.17-69. v. 123 (Coleção questões da nossa época).

GOMES, B. R.; ADORNO, R. C. F. Tornar-se nóia: trajetória e sofrimento social nos usos de crack no centro de São Paulo. **Etnográfica**, v.15, n.3, p. 569-586, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65612011000300008&lang=pt>. Acesso em: abril 2014.

GOMES, B. R. Uso problemático de drogas. In: FÓRUM: ALÉM DA GUERRA ÀS DROGAS – O DESAFIO DE NOVAS POLÍTICAS PARA OS USOS DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS. 2014, Universidade Estadual de Campinas, Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cQYYBv1IHF8>>. Acesso em: out. 2014.

GONÇALVES JUNIOR, L. et al. Etnomotricidad: juegos de resistencia cultural en la comunidad caizara de Ilhabela-Brasil. **Estudios Pedagógicos XXXVIII**, Número Especial 1, p. 249-266, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-07052012000400014&lang=pt>. Acesso em: abril 2014.

GORGULHO, M. Drogas e Sociedade. **Álcool e outras drogas**. CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DA 6ª REGIÃO (org) - CRPSP -. São Paulo, 2011, p.23-34.

JORGE, M. S. B. et al. Ritual de consumo do crack: aspectos socioantropológicos e repercussões para a saúde dos usuários. **Ciênc. saúde coletiva**, vol.18, n.10, p. 2909-2918, 2013. Disponível EM: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v18n10/v18n10a15.pdf>>. Acesso em: março 2014.

LANE, S. T. M. **O que é Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

LARROSA-BONDÍA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n.19, p.20-28, 2002.

LOPES, D. L. et al. O diário de campo e a memória do pesquisador. In: WITAKER, D. C. A. **Sociologia Rural**: questões metodológicas emergentes. São Paulo: Letras a Margem. 2002. p.131-134

MARQUES, A. “Maior respeito” e “cuidado com as palavras” considerações de moradores sobre transformações nas periferias de São Paulo. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 36º, 2012, **GT33 - Sobre periferias**: novos conflitos no espaço público.

MALVASI, P. A. “Choque de mentes”: dispositivos de controle e disputas simbólicas no sistema socioeducativo. **Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCar**, São Carlos, v.3, n.1, p. 331-352, jan.-jun., 2011.

MELOTTO, P. **Trajetórias e usos de crack** : estudo antropológico sobre trajetórias de usuários de crack no contexto de bairros populares de São Leopoldo – RS. 2009. 94 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

MEDEIROS, K. T. et al. Representações sociais do uso e abuso de drogas entre familiares de usuários. **Psicol. estud.** v.18, n.2, p. 269-279, 2013. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722013000200008&lang=pt>. Acesso em: março 2014.

MINAYO, M. C. S. Técnicas de Análise do Material Qualitativo. In: _____. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 10.ed., Hucitec, 2007, p.303-318.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MOREIRA, F. G. S **Compreensão leitora em dependentes de crack**: um estudo psicolinguístico. 2010. 88f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Área de Concentração em Linguística Aplicada, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2010. Disponível em: http://biblioteca.ucpel.tche.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=261. Acesso em: abril 2014.

MOTA, R. N. **A trajetória de jovens em situação de rua usuários de crack**. 2012. 123f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Psicologia, Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2012.

NAVARRETE, M.L.V. et. al. **Introdução às técnicas qualitativas de pesquisa aplicada em saúde**. Recife: IMIP, 2009, n.20. (Série Publicações Técnicas do Instituto Materno Infantil Professor Fernando Figueira).

NICASTRI, S. Drogas: classificação e efeitos no organismo. In: **SENAD**: Prevenção ao uso indevido de drogas: Capacitação para Conselheiros e Lideranças Comunitárias. 2.ed. Presidência da República. Brasília, 2010.

OBSERVATÓRIO BRASILEIRO DE INFORMAÇÕES SOBRE DROGAS. Disponível em: <<http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/index.php>>. Acesso em: abril 2014.

OLIVEIRA, L. G.; NAPPO, S. A. Caracterização da cultura de crack na cidade de São Paulo: padrão de uso controlado. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, p. 664-671, 2008.

OLIVEIRA, M. C. Direitos Humanos: uma nova cultura para a atuação em contextos de uso abusivo de drogas. In: FORMIGONI, M. L. O. S (Org.) **SUPERA: Sistema para detecção do Uso abusivo e dependência de substâncias Psicoativas: Encaminhamento, intervenção breve, Reinserção social e Acompanhamento** - Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, Brasília, 2014.

OLIVEIRA, M. W.; SILVA, P. B. G. Inserção e atuação de agentes educacionais em comunidades. **Boletim da Rede de Educação Popular e Saúde**, Recife, n. 5, p. 10, 2003.

OLIVEIRA, Maria W.; SOUSA, F. R. Apresentação. In: _____. **Processos Educativos em práticas sociais: pesquisas em educação**. São Carlos: EdUFSCAR, 2014.

OLIVEIRA, Maria W. et al. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. In: _____. **Processos Educativos em práticas sociais: pesquisas em educação**. São Carlos: EdUFSCAR, 2014.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS. Disponível em: <http://www.oas.org/pt/sobre/que_fazemos.asp>. Acesso em: 10 de nov. 2014.

PAES, P. C. D. **Ensino e aprendizagem na prática da redução de danos**. 2006. 324f. Tese (Doutorado em Metodologia de Ensino) – Centro de Educação e Ciências Humanas. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.

PASSOS, E. H; SOUZA, T. P. Redução de danos e saúde pública: construções alternativas à política global de "guerra às drogas". **Psicol. Soc.**, v.23, n.1, p. 154-162, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v23n1/a17v23n1.pdf>>. Acesso em: março 2014.

PETTENON, M. I. R. **Associação entre percepção da qualidade do vínculo com os pais, gravidade da dependência e da prevalência de violência e de problemas legais em uma amostra de usuários de crack e não usuários de Porto Alegre**. 2012. 105f. Dissertação (Mestrado em Psiquiatria) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Médicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/55141>. Acesso em: abril 2014.

PLATAFORMA BRASILEIRA DE POLÍTICAS DE DROGAS. Disponível em: <http://cebes.com.br/2014/11/cebes-discute-com-coletivo-avancos-e-propostas-para-a-plataforma-brasileira-de-politicas-de-drogas>. Acesso em: nov. 2014.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. p.1-27, 2005. (CLACSO) Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_QUIJANO.pdf>. Acesso em: março 2014.

QUINTERO, P. Notas sobre la teoría de la colonialidad del poder y la estructuración de La sociedad em América Latina. **Centro de Estudios Interdisciplinarios em Etnolinguística y Antropología Socio-Cultural. Papeles de Trabajo** n.19, junio, 2010.

RAUPP, L.; ADORNO, R. C. F. Circuitos de uso de crack na região central da cidade de São Paulo (SP, Brasil). **Ciênc. saúde coletiva**, vol.16, n.5, p. 2613-2622, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v16n5/a31v16n5.pdf>>. Acesso em: março 2014.

RAUPP, L. **Circuitos de uso de crack nas cidades de São Paulo e Porto Alegre: cotidiano, práticas e cuidado**. 2011. 209 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Saúde, Ciclos de Vida e Sociedade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

REDE PENSE LIVRE. O fim da guerra às drogas começa em seu berço. **OEsquema**. nov.,2014. Disponível em: < <http://www.oesquema.com.br/penselivre/2014/11/05/o-fim-da-guerra-as-drogas-comeca-em-seu-berco/>>. Acesso em: 06 de novembro de 2014.

REIS, H. F. T; MOREIRA, T. O. O crack no contexto familiar: uma abordagem fenomenológica. **Texto contexto – enfermagem**, v.22, n.4, p. 1115-1123, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v22n4/en_30.pdf>. Acesso em: março 2014.

RIBEIRO JUNIOR, D. **Criação audiovisual na convivência dialógica em um grupo de Dança de Rua como processo de educação humanizadora**. 2009. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Práticas Sociais e Processos Educativos, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

RIBEIRO, L. A.; SANCHEZ, Z. M.; NAPPO, S. P. Estratégias desenvolvidas por usuários de crack para lidar com os riscos decorrentes do consumo da droga. **J Bras. Psiquiatr.**, p. 210-218, 2010.

RONZANI, T. M. **Ações integradas sobre drogas: prevenção, abordagens e políticas públicas**. Juiz de Fora: UFJF, 2013.

RUI, T. **Corpos abjetos: etnografia em cenários de uso e comércio de crack**. 2012. 335 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2012.

RUIZ CONTRERAS, A. E. et al . El cerebro, las drogas y los genes. **Salud Ment.**, México v. 33 n.6, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.org.mx/pdf/sm/v33n6/v33n6a8.pdf>>. Acesso em: março 2014.

SANTOS, B. de S. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais à uma ecologia de saberes**. Novos Estudos, 2007. p.71-94. (CEBRAP)

SANTOS, V. E. **O objeto/sujeito da redução de danos: uma análise da literatura da perspectiva da saúde coletiva**. 2008. 210f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem e Saúde Coletiva) – Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SELEGHINI, M. R. et al. Family ties of crack cocaine users cared for in a psychiatric emergency department. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v.19, n.5, p. 1163-1170, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692011000500014&lang=pt>. Acesso em: março 2014.

SENAD. **Legislação e Políticas Públicas sobre Drogas**. Presidência da República. Brasília, 2011.

SILVA, C. P.; DIAS, M. S. A; RODRIGUES, A. B. Práxis educativa em saúde dos enfermeiros da Estratégia Saúde da Família. **Ciênc. saúde coletiva**, 2009, vol.14, n.1, p. 1453-1462, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v14s1/a18v14s1.pdf>>. Acesso em: março 2014.

SILVA, S. M. et al. Redução de danos: estratégia de cuidado com populações vulneráveis na cidade de Santo André – SP. **Saúde soc.**, v.18, n.2, p. 100-103, 2009. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/sausoc/v18s2/18.pdf>. Acesso em: março 2014.

SODELLI, M. Drogas e ser humano: a prevenção do possível. **Álcool e outras drogas**. CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DA 6ª Região (org) - CRPSP. São Paulo, 2011, p.23-34.

SODELLI, M. A abordagem proibicionista em desconstrução: compreensão fenomenológica existencial do uso de drogas. **Ciênc. saúde coletiva**, v.15, n.3, p. 637-644, 2010. Disponível em:<<http://www.scielo.org/pdf/csc/v15n3/v15n3a05.pdf>>. Acesso em: março 2014.

SOUZA, J. et al. Intervenções de saúde mental para dependentes de álcool e outras drogas: das políticas à prática cotidiana. **Texto contexto - enferm.**, v.21, n.4, p. 729-738, 2012. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/tce/v21n4/02.pdf>>. Acesso em: abril 2014.

SOUZA, K. M.; MONTEIRO, S. A abordagem de redução de danos em espaços educativos não formais: um estudo qualitativo no estado do Rio de Janeiro, Brasil. **Interface**, Botucatu, 2011, v.15, n.38, p. 833-844, 2011. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/icse/v15n38/17.pdf>>. Acesso em: março 2014.

VALÉRIO, A. L. R. **(Mal) dita liberdade e cidadania**: a redução de danos em questão. 2010. 117f. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais e Cidadania) - Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação. Universidade Católica de Salvador, Salvador, 2010.

DISCOGRAFIA

JUNIN, PEQNOH, RABELO, D. SAMBIGODE. [Intérpretes]. Saber Chegar. In: _____; **DEBUENASCREW**. Produção: Short Beatmaker e Thur Ragazzi, p 2014, Piracicaba: Toca dos Gigantes. (4min.11s.). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=koI4eZaqHB0>>. Acesso em: 15 dez. 2014

PULCINO, F; ANTÔNIO, R; BUGNO, I. RIBEIRO, R. [Compositores]. Inimigos Mortais. In: _____; **Tom da Realidade**. Produção: Rodrigo Ribeiro, p 2014, Piracicaba: Toca dos

Gigantes. (5min. 20s.). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=94Q3PdSCjeE>>. Acesso em: 15 dez. 2014.

FILME

BLACK Panthers. Direção: Mario Van Peebles. Produção: Preston Holmes e Melvin Van Peebles. Roteiro: Melvin Van Peebles. Intérpretes: Kadeem Hardison; Bokeem Woodbine; Joe Don Baker; Courtney Vance; Marcus Chong; Tyrin Turner e outros. Estados Unidos: PolyGram Filmed, 1995, 1 filme (123 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sKuyDdoo3NI>>. Acesso em: 16 dez. 2014.

APÊNDICE – A. Termo de Consentimento Livre Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Via Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676
Tel/Fax: (0xx16) 3351-8356
CEP 13.565-905 – São Carlos - SP – Brasil
e-mail: secppge@power.ufscar.br



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, Rosângela Pereira de Souza, responsável pela pesquisa: *Processos Educativos na convivência entre usuário/as de crack*, convido você para participar como voluntário/a deste estudo. Esta pesquisa pretende compreender que processos educativos são desenvolvidos por usuários/as de crack na “Mata do Gueto” no município de Piracicaba-SP e analisar se estes contribuem para uma educação humanizadora. Acreditamos que ela seja importante também para o aumento das pesquisas sobre os/as usuários/as de drogas com enfoque na educação e a partir disso, contribuir com a diminuição do preconceito sobre os/as usuários/as de drogas e reconhecimento destes como sujeitos de direito.

A sua participação nesta pesquisa consistirá em realizar conversas individuais, coletivas e entrevistas individuais (autorizando o uso de gravador, se necessário). As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre a sua participação. Os dados adquiridos serão empregados exclusivamente com intuito de responder aos questionamentos da pesquisa, estes não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação. Os resultados deste estudo poderão ser apresentados em congressos ou revistas científicas.

A presente pesquisa apresenta riscos de fadiga, embaraço ou constrangimento no seu processo, porém, caso você avalie, antes ou durante a entrevista ou conversas, que sua participação lhe causa alguma dessas situações, a pesquisadora se compromete a agir com ética e respeito, podendo recusar a participar ou a continuar na pesquisa. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora. O desenvolvimento desta não acarretará em nenhuma despesa financeira.

Poderá haver benefícios com a sua participação no sentido dos/as usuários/as de crack se perceberem como sujeitos de direitos a partir da compreensão dos processos educativos que se desenvolvem em local de uso de crack, interferindo em uma prática educativa humanizadora, em projetos de vida emancipatória e também com a diminuição do preconceito da sociedade com estes sujeitos. Salientamos que seu nome e da instituição a que está vinculado serão alterados garantindo sigilo.

Você receberá uma cópia deste termo onde constam os dados documentais e os contatos da pesquisadora, na qual, durante todo o período da pesquisa você tem o direito de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento, bastando para isso entrar em contato com a mesma.

Rosângela Pereira de Souza

e-mail: souza.rosangela@gmail.com

RG: 23.074.818-1/ CPF:190.379.828-08/ Tel: (19) 98148-2055

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@power.ufscar.br


Piracicaba-SP, ___/___/___

Sujeito da pesquisa RG: _____ / CPF: _____ / Tel: _____

APÊNDICE – B. Roteiro de Entrevista

Roteiro de entrevista	
Data: _____	
Horário: _____	
Entrevistado/a: _____	
Quanto tempo está na <i>Mata do Gueto</i>: _____	
PONTOS A SEREM ABORDADOS	
<ul style="list-style-type: none">- Conte sua história.- Motivos que levaram para a <i>Mata do Gueto</i>.- Significado em realizar a prática do uso de crack no espaço aberto e diferenças de outros lugares, por exemplo, espaços fechados.- O quê e como ensina e aprende com o uso de crack na <i>Mata do Gueto</i>.	

ANEXO – A. Parecer do Comitê de Ética

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS/UFSCAR 	
PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	
DADOS DO PROJETO DE PESQUISA	
Título da Pesquisa: PROCESSOS EDUCATIVOS: OS USUÁRIOS DE DROGAS E O EDUCADOR SOCIAL	
Pesquisador: Rosângela Pereira de Souza	
Área Temática:	
Versão: 1	
CAAE: 25680713.4.0006.5504	
Instituição Proponente: CECH - Centro de Educação e Ciências Humanas	
Patrocinador Principal: MINISTERIO DA EDUCACAO	
DADOS DO PARECER	
Número do Parecer: 483.732	
Data da Relatoria: 11/02/2014	
Apresentação do Projeto:	
O projeto de pesquisa visa compreender os processos educativos que se desenvolvem na relação entre os usuários de drogas da "Moinha do crack" e entre estes e os educadores sociais do projeto Sangue Bom.	
Objetivo da Pesquisa:	
Objetivo Primário:	
Compreender os processos educativos que se desenvolvem na relação entre os usuários de drogas da Moinha do crack e entre estes e os educadores sociais do projeto Sangue Bom, de Piracicaba-SP.	
Avaliação dos Riscos e Benefícios:	
Riscos:	
A presente investigação apresenta riscos de embaraço, fadiga, constrangimento ou mesmo poderá ter momentos de recusa, em qualquer etapa da pesquisa em decorrência dos contatos ou diálogo durante as entrevistas. Caso avale, antes ou durante a entrevista ou conversas, que sua participação lhe causa alguma dessas situações, a pesquisadora se compromete a agir com ética e respeito. Como estratégia de amenizar ou resolver, os sujeitos serão acolhidos e diante dos momentos de indisponibilidade ou riscos, cuidadosamente junto com os mesmos, a pesquisadora planejará o seu retorno para coleta de	
Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235 CEP: 13.565-905 Bairro: JARDIM GUANABARA UF: SP Município: SÃO CARLOS Telefone: (16)3351-0683 E-mail: cepumana@ufscar.br	
<small>Página 01 de 03</small>	